



Fracasso total da cimeira de Atenas

Nem sequer houve comunicado final desta “reunião negra” na história da CEE ● Papandreu declara-se “desolado” pelos “amigos espanhóis e portugueses” ● Não houve acordo sobre um único ponto da agenda dos “Dez”

A cimeira de Atenas terminou esta manhã sem que os «Dez» fossem ao menos capazes de chegar a acordo sobre os termos do comunicado final que tradicionalmente é divulgado no fim destas reuniões. De acordo com o primeiro-ministro grego e presi-

dente em exercício do Conselho de Ministros da CEE, a cimeira foi um «malogro completo». «É espantoso, acrescentou, que não tenhamos conseguido chegar a um acordo unânime sobre um único ponto da actividade económica da Comunidade». A propó-

sito da adesão de Portugal e da Espanha declarou: «estou desolado pelos nossos amigos espanhóis e portugueses que terão que esperar ainda». Falando numa conferência de imprensa logo após o termo dos trabalhos Papandreu afirmou que «infeliz-

mente o resultado da cimeira é negativo». Segundo fontes diplomáticas os gregos apresentaram uma proposta de compromisso de última hora que deveria «evitar um desastre total», mas esta não foi aceite.

Pág. 13



Serenamente, às 7 da manhã

Morreu Maria Lamas

Morreu ao princípio da manhã de hoje, na sua residência em Lisboa, a escritora e jornalista Maria Lamas.

Com 90 anos de idade, desaparece uma das figuras mais prestigiadas da intelectualidade portuguesa, um dos nomes mais respeitados de entre os que lutaram, ao longo de décadas e de muitos anos, pelos elementares direitos de Justiça e pela Paz.

Detentora da Ordem da Liberdade conferida pelo Presidente da República em 1980, Maria Lamas era presidente honorária do MDM.

Após ser conhecida a notícia da sua morte, imediatamente os gabinetes do Primeiro-Ministro e ministro da Cultura fizeram distribuir mensagens de condolências pelo desaparecimento da autora de «Mulheres do meu País». Outras reacções de tristeza e mágoa são já conhecidas.

Pág. 20

Hoje



Quando tudo ainda se fazia na clandestinidade

Há 10 anos ele emprestou a sua casa aos “Capitães de Abril”

Chama-se João Luís Ribeiro da Silva. Há dez anos ele cedeu a sua casa, na Costa de Caparica, para que o Movimento dos Capitães elege-se uma direcção. Preparava-se o 25 de Abril. Ontem, membros da Associação 25 de Abril juntaram-se para homenagearem o homem que então arriscou a sua liberdade para os auxiliar.

Pág. 5



Pelo menos três mortos

Atentado contra autocarro no centro de Jerusalém

A explosão que esta manhã ocorreu num autocarro do centro de Jerusalém provocou três mortos e um número indeterminado de feridos, um dos quais em estado grave. De acordo com a versão policial, o atentado verificou-se dentro do veículo quando este circulava numa das principais artérias da cidade, perto do bairro de Yeffe-Nof. Os pedaços do autocarro espalharam-se, devido à deflagração da bomba, num perímetro de 20 a 30 metros. Até à hora do fecho desta edição do «DL» nenhuma organização tinha reivindicado esta acção.

Um Decreto-Lei Psicopatogénico

Manuel Matos

POR decreto-lei, e até aos 16 anos de idade, o ensino da religião e moral católica volta a ser **disciplinário obrigatório**, nos estabelecimentos de ensino, se os pais e encarregados de educação não declararem recusá-lo expressamente.

Suponhamos um pai que tentou esquecer as perseguições religiosas e políticas, tanto as reais como as fantasiadas, não teme hoje as represálias, assume o contrabalanço de ver o filho marginalizado na escola e recusa expressamente o ensino dessa disciplina à criança: o filho obedecendo ao pai desobedece à lei, obedecendo à lei desobedece ao pai. Como, para a criança a primeira lei é a do pai, qualquer que seja o seu comportamento, o sentimento interno é o da desobediência à lei...

O pai ou encarregado de educação, para o ser de facto, deve sentir-se em consonância com a lei, logo, recusar esse ensino de índole clerical ou aceitá-lo contra a sua vontade coloca a criança num paradoxo psicopatológico; mais precisamente num duplo entrave (double bind). Ora esse duplo entrave é tanto mais psicopatológico quanto maior for a imaturidade e a dependência do jovem.

Numa frase: a religião e a moral (deixo o lapso *) católica é categoricamente obrigatória, para os pais e para os filhos, no nosso país em 1983!

Na minha óptica, e não só, não há gene da doença mental. A origem da saúde mental está nas boas relações que se estabelecem, com coerência da comunicação. A origem da doença mental está nas más relações que se estabelecem e na incoerência da comunicação. No entanto, não há relações verdadeiras, suficientemente boas, que não comportem aspectos libidinais e agressivos.

O nosso dever e a nossa responsabilidade de adultos é de aprendermos a lidar com eles e não de os liquidarmos às primeiras manifestações, na criança ou no adolescente. Se assim não procedermos abrimos caminhos desviantes. E esses, sim, são psicopatológicos.

Sabe-se, actualmente, que o período mais decisivo na saúde mental se situa nos 18 primeiros meses de vida da relação mãe-criança, contudo, o bom processo de relacionamento precisa de continuação. Os 18 primeiros meses de vida são alicerces, nada mais.

Da vivência a dois, a criança passa à vivência a três em que o terceiro, o pai, embaixador da lei, introduz a proibição do incesto e do parricídio, oferece à criança a noção do limite, parâmetros de parentesco e, nos casos normais, proporciona à criança a ocasião para destrinçar nela própria a quem dirige o instinto amoroso e a quem dirige o instinto agressivo.

Esta separação dos dois impulsos fundamentais (tarefa imperiosa) surge quando a criança dirige o impulso amoroso para o pai do sexo oposto e o impulso agressivo para o pai do mesmo sexo. É tão necessária uma como outra dessas manifestações e tão salutar a libido como a agressividade.

Com o início da latência (5-6 anos), a criança normal manifesta uma baixa na intensidade dos impulsos libidinais e agressivos, mostra disponibilidade psicológica para a aprendizagem e para a socialização fora da família, concretamente na escola. Contudo,

se os sustentáculos, dos primeiros 18 meses de vida são frágeis, a relação triangular, pai-mãe-criança, tem mais probabilidades de ser insuficientemente vivida de maneira estruturante e a criança parte para a escolaridade e para a socialização demasiado frágil.

Serve-se então dos professores, num processo transferencial, de modelo de identificação e exige-lhe, inconscientemente, compreensão para o que foi amargamente vivido.

E aí que um professor, pedagogo, desempenha um papel incomparavelmente benéfico e a religião e a moral católica um papel incomensuravelmente psicopatológico, porque culpabiliza e inferioriza o jovem naquilo que é inerente à sua existência, à expansão da personalidade, à saúde mental.

Este momento-movimento imprescindível de busca de valores, fora da família ou de situações que se lhe assemelhem, no contacto com ambos os sexos e com as diferentes camadas etárias é um pilar férreo da personalidade humana e consequentemente da sociedade que o homem construiu para si e para as gerações seguintes.

A personalidade não se adquire no encontro do espermatozoide com o óvulo; inicia-se na **relação com a mãe**, estrutura-se na **relação com o pai**, prossegue na **relação com os professores** nos bancos da escola nas actividades lúdicas, na descoberta do corpo e no interesse pelo sexo oposto.

Essas relações suficientemente bem vividas e compreendidas não conduzem o jovem à escolha do objecto de amor exogâmico e heterossexual, ao amor genital, em que o parceiro deve ser autónomo e diferente e essa diferença constituir riqueza.

Sendo o comportamento do jovem adulto ditado pela infância e pela adolescência, quando o decreto determina que acima dos 16 anos de idade é aos alunos (e não aos pais) que cabe a opção de ter ou não ter religião e moral católica, **não se deixa ao jovem opção nenhuma**, a não ser por oposição aos poderes instituídos. Os dados já estão lançados o jovem adulto pouco mais será capaz do que dizer: «eu não vou à missa mas tenho cá a minha fé de que alguém nos há-de governar»... e ele tem razão, porque de facto está a ser governado por uma dimensão inconsciente, que ele desconhece, impregnado pelo recalamento glacial dos **dois instintos de vida**: o impulso amoroso e o impulso agressivo. Culpabilizado, inferiorizado (sentimentos concomitantes) sem valorizar a imagem do corpo como sexual e atraente para outro sexo poderá muito mais facilmente entregar-se ao raciocínio religioso em vez do científico, à submissão em vez da conquista dos direitos ao onanismo em vez de uma relação amorosa heterossexual e exogâmica.

O puritanismo com que a religião e a moral católica aborda o instinto sexual, as defesas implacáveis que utiliza contra a agressividade (que confunde com anarquia e morte) retira-lhe toda a flexibilidade e empatia sincera para lidar com jovens à procura de uma identidade própria, firme, coerente, imparcial. É que, na minha opinião e com base na experiência, o hábito banhiu há muito a criança saudável, o ascetismo varreu o sexo e encapsulou a agressividade. Mas não os anulou...

(*) O lapso amor é meu

Dias de Melo

Nesta história, que vai na sua segunda parte, não se pretende senão denunciar, com alguma imaginação e com a crueza da verdade, talvez escabrosa, que parte de factos incontroversos, a ausência de educação sexual, antigamente em todas as famílias e escolas de Portugal, ainda hoje na grande maioria delas, sempre em nenhuma dos meios rurais e os males das perversões e depravações que daí resultam.

IRMÃS mais novas da mãe, a tia Francelina e a tia Rosalina moravam, com os pais, a avó materna e o avó materno, desgosto grande nunca lhes ter nascido um filho macho, ali ao lado, na casa do Menino passavam a melhora do seu tempo, também falavam do pecado e do inferno, mas como de coisas mais ou menos arreadas, irreais, distantes, também rezavam, nem por sombras como a madrinha Francisca nem com fervor semelhante, também, de dias a dias, quase sempre aos domingos e dias santificados, iam à igreja, à missinha do senhor padre, sem a adoração beatífica da madrinha Francisca, mas iam, manda o preceito, não lhes ficassem os dentes aquelas alminhas, o Senhor nos livre das santas linguinhas deste mundo.

Passado o choque daquele encontro com aquele mamão, daquela descoberta, naquela noite, à meia claridade penumbrosa, fagueira, difusa, da lamparina acesa, a chama baixinha, junto à cabeceira da cama de casal dos pais, a descoberta do corpo nu do pai e do corpo nu da mãe, enlaçados, fundidos num corpo só, passados os dias, as semanas, os meses de terror, o fantasma do pecado e o fantasma do inferno a remoé-lo por dentro, a tornar-se-lhe num aguilhão insuportável com os afagos e os beijos da tia Francelina e da tia Rosalina, agora, por eles, a fugirem, a esconderem-se dos outros, principalmente da madrinha Francisca sempre vestida à Senhora do Carmo e a debulhar padres-nossos e avés-marias nas contos do seu rosário diante do oratório e pelos quatro cantos da casa do Menino, aí passara a viver, para aí trouxera o oratório, — o Menino como que esquecia, tomava o gosto muito gostoso ao oceano de prazer daqueles afagos, daqueles beijos no seu corpinho, na sua beliquinha, aqueles afagos e aqueles beijos da tia Francelina e da tia Rosalina a murmurarem, a ciciarem, os olhos pingando mel, aí que beliquinha! aí que beliquinha!

Brincava mais e mais livremente com os meninos da sua idade e da sua igualha, o Cardoso, o Artur, o Manuel, o Orlando, o Rui, o Mário, o Venceslau, o Almerindo, e mais este, e mais aquele, e os meninos da sua idade e da sua igualha, já os rapazes grandes os iam aceitando na roda deles, e todos o tratavam pelo seu nome de baptismo e registado assente nos catrincípios da igreja e nos livros de senhor Fernandes Alfaite, que era quem tinha o Registo Civil, Raul, simplesmente Raul, só em casa continuava sendo o Menino, menino para aqui, menino para ali, que secal, até aquilo o começava a chatear. Entrou, mais os outros, na conta dos sete anos, começaram a fre-

quentar a escola da senhora D. Anica do Faial, a escola dos rapazes, antes e depois da escola os pais mandavam-nos fazer trabalhos leves, pelas cultivações alcançar planta de bata doce quando envergavam e envergavam batatas doces, deitar tremço verde e grão ao rego quando lavravam e semeavam os milhos, dos fins de Março aos princípios de Maio, levar um recado a este, àquele, ir num mandalete, ali ao botequim por uma quarta de açúcar para a mãe, um maço de cigarros para o pai, um picadilho para o avô, acolá à tenda do ferreiro, traz o alvião que lá deixei a pôr um calço, à tenda do carpinteiro, traz a foíce que te mandei pra encavar de novo. Mal se conseguiam escapar, em tardes de tempo bom, mesmo em dias de trabalho, sempre aos domingos e dias santos de guarda, depois da missa e da catequese, obrigavam-nos, que diriam dos pais se os não obrigassem?, não podiam faltar, muito menos o Raul com a madrinha Francisca — beata-mor e catequista abadessa das beatas catequistas que a tratavam com meluras e reverências especiais, é muito da amizade da irmã do senhor padre, dizia-se em surdina, mais ainda das intimidades do senhor padre, calúnias, Deus lhes perdoe, e então, mal se escapavam, largavam de cambulhada, à solta, em folia doida, por aqueles caminhos, terreiros, campos devolutos, jogavam aos jogos dos rapazes grandes, por vezes na companhia de alguns deles, jogavam ao jogo de baleia, do serra-serra, do eixo, da calha, da tina, a pular ao pé do coquinho e com o outro pé no chão a empurrarem, de casola pequena em casola pequena riscadas, em quadrícula, dentro da casola grande, jogavam ao pião na época própria, pelos fins do inverno, derramavam-se pela costa, por entre as penedias negras babujadas pelas espumas brancas do mar, azul, cinzento, a jogar às escondidas... Se se cansavam ou o tempo se toldava e a chuva caía, enfiavam-se nas casinhas-dos-botes, os baleeiros jogavam às cartas, à sueca, à sota, ao trinta e três, abancados em queiques, baldes, rolos de cabos velhos, à roda de celhas de linha emborcadadas, entre uma e outra partida fumavam, cada tocha de tabaco da terra enrolado em casca de milho, contavam histórias de baleias, de temporais, deixavam a todos de olhos pasmados e bocas escancaradas, também as ouviam em casa, à noite ao serão, o Raul ao pai, que era baleeiro, e ao avô que o fora outrora. Em batendo o sino trindades no alto da torre sineira da igreja empoleirada nas escarpas sobranceiras e em frente às águas mansas do portinho maneiro, a voz do bronze a ressoar grave, cavernosa, melancólica,

gentes e paisagem

E o menino deixou de ser menino-2

por ladeiras, encostas, cerros ásperos, terras verdes, até aos cabeços carecas da serra, pela planura do mar até à curva do horizonte colorido de mistério e fogo, o Cardoso, o Artur, o Manuel, o Orlando, o Rui, o Mário, o Venceslau, o Almerindo e ele, Raul, trindades batidas meninas recolhidas, trindades dadas portas fechadas, não eram meninas, não eram não, os rapazes grandes demoravam-se mais, alguns tocavam na música, aguardavam o ensaio, eles, para as mães ainda meninos, queriam-nos, em casa antes que a noite caísse, não gostavam mas iam.

O Raul chegava, a mãe, as avós, as tias, a madrinha Francisca, rico filho, vens cheio de suor! olha pra estas mãos tão sujinhas! lava-te e anda comer, hás-de tar morto de fome!

Logo que levava à boca a última dentada do bolo de tijolo com peixe seco assado nas brasas, a madrinha Francisca mandava-o ajoelhar diante do oratório a desconjuntar-se atafalhado de santos e santas de barro e de pau carcomidos, o senhor Crucificado, Nossa Senhora, S. José e o Menino Jesus, a Senhora da Piedade e a Senhora de Fátima, Santa Filomena e Santa Teresinha, S. Joaquim e Santo Antão, protector das vacas e dos burros, dos carneiros e dos bodes, a cada santo e a cada santa tinha o Raul de rezar suas rezas e mais ao Santo Anjo da guarda pintado num papelinho, por trás do vidro, nas tábuas do oratório, reza, Menino, ao Santo Anjo da guarda, que te livre das tentações do pecado, das labaredas do inferno e te encaminhe para o céu, reza Menino... Era o rezas.

Deixava-o a Madrinha Francisca prostrado e de olhos compungidos em frente ao oratório, o rostinho seráfico supostamente entregue à união das suas rezas, o inocentinho, vejam que devoção tamanha, e o Raul a esperar, salmado, impaciente, frenético, a tia Francelina e a tia Rosalina, mal se sentiam seguras, toda a gente na cozinha nos arranjos da ceia, chegavam, pé-ante-pé, nem a respiração se lhes ouvia, trancavam a porta, não vá o diabo tecê-las, caíam sobre ele, arrochavam-no, no anel quente dos braços, contra as almofadas quentes das mamas, devoravam-no com os beijos quentes dos lábios húmidos, aí o nosso menino! aí a nossa beliquinha d'oiro!, o Raul ainda se lembrava do pecado, do inferno, das labaredas do inferno, do pecado, do inferno, das labaredas do inferno acabava de lhe falar a madrinha Francisca, lembrava-se vagamente, cada vez mais vagamente, vinha-lhe a visão do corpo nu do pai e do corpo nu da mãe, naquela noite, enlaçados, fundidos os dois num corpo só à claridade fagueira da luz baixinha da lamparina na minista junto à cabeceira da cama de casal, e aqueles abraços, aqueles beijos, aqueles corpos de mulheres que engoliam, em que naufragava o seu corpo de menino...

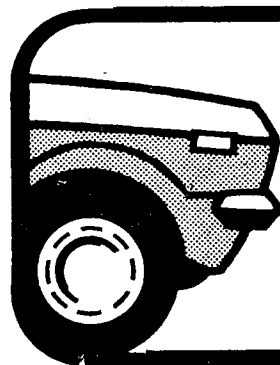
E o Menino, o Raul, crescia. Oito, nove, dez anos... Crescia o

Raul e cresciam os rapazes da sua idade e da sua igualha, o Cardoso, o Artur, o Manuel, o Orlando, o Rui, o Venceslau, o Almerindo, todos, tornavam-se homenzinhos, iam na terceira, já na volta da quarta classe, continuavam nos seus recados, nos seus mandaletes, ainda e sempre que apanhavam uma brecha brincavam, jogavam seus jogos pelos caminhos, terreiros, campos devolutos, por entre as penedias negras da costa, quando calhava nos caminhos, nos terreiros, passarem raparigas, algumas espigadotas, paravam nas suas brincadeiras, nos seus jogos, comiam-lhes com os olhos as pernas, as coxas, os corpos, os seiozinhos redondinhos por baixo dos vestidinhos de chita, comiam-lhes com os olhos os olhos delas, os palminhos de cara, os lábios, os cabelos, os rapazes grandes mais e mais deixavam quem se cladeassem e caldeavam-se com eles, revelavam-lhes, com palavras ciciadas, o segredo de coisas picantes, o Raul sabia, o Raul e os outros, todos tinham visto já os bichos, bodes cobrindo cabras, toiros cobrindo vacas, cães cobrindo cadelas, e os bichos, os cabritos, os bezerrinhos, os cachorros nascerem, o Raul sabia do que os outros sabiam — e daquela visão, naquela noite, do corpo nu do pai e do corpo nu da mãe, daqueles afagos e daqueles beijos secretos, como que proibidos, da tia Francelina e da tia Rosalina, sabiam, mas calavam-se.

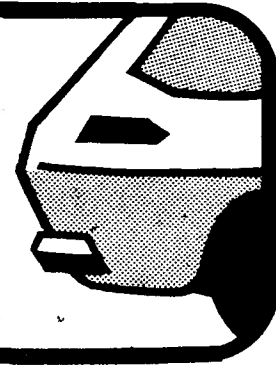
A tia Francelina namorava um latagão das bandas do Oiteiro da Moirinha, o João Barracuda. Namoro de anos e anos, começara antes que João Barracuda fosse para a tropa, demorara-se por lá pra riba de vinte e seis meses, prosseguira no regresso, falavam-se, encontravam-se pelos campos, pelos matos, murmurava-se que se encafuiavam por brenhas de faias e incensos, urzes e cedros, que aí se ficavam horas esquecidas, o Cardoso, o Manuel, o Orlando, o Rui, o Venceslau, o Almerindo, todos, e os rapazes grandes, comentavam, garantiam com risinhos velhacos, mais velhacos, malandros, os risinhos dos rapazes grandes, que tinham visto, que tinham ido vigiar e que tinham visto, o Raul não gostava de ouvir, todas aquelas fogueiras de temuras, de mimos, e agora... não acreditava, assanhava-se, mas que foi que vocês viram? Tudo, a gente viu tudo, e com risinhos velhacos, velhacos e malandros, e com palavras salpicadinhas de lama, espantavam que os soubessem, esmiuçavam pomenores, e pomenores de pomenores, e o Raul não gostava, assanhava-se, que bicho era o bicho que o mordia? zangava-se — e encabulava sem proferir nem uma palavra mais.

Sabiam... Não como seria bom que soubessem nem tanto quanto haveriam de saber — mas sabiam.

CAMINHO DE S. GONÇALO, 31-10-1983



Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.



política de A a Z

Andamentos de aproximação das distantes

«eleições presidenciais» (1)



EM sido afirmado que é uma antecipação inconveniente, injustificada, colocamos, entre as preocupações políticas dos portugueses, a questão das «eleições presidenciais». À vista do calendário político, o reparo terá uma sombra de justificação. E, todavia, a preocupação das «eleições presidenciais» esteve presente nas negociações que conduziram, contra a natural leitura política dos resultados eleitorais, à constituição do «Bloco central», e, no último Congresso Socialista, tendo sido retirada dos debates por inoportuna, ficou colocada, definitivamente, como uma condição estratégica da actuação partidária e como um problema determinante da coesão e do futuro da «coligação PS-PSD».

As declarações de António Capucho, qualquer que tenha sido a correcção que no seu alcance político sofreram, deverão ser entendidas como exprimindo a comodidade táctica dos «socialistas-democratas» que se conformam e comprazem na actual partilha do Poder. A corrente que, no interior do PSD, aceita, e apoiará uma candidatura às eleições presidenciais do actual Primeiro-Ministro e secretário-geral do PS, não terá perdido partidários activos e passivos, mas despertou reacções, suscitou resistências, deu lugar a que se desenvolvesse um movimento em sentido contrário. Deu origem a que a desolada orfandade do PSD fosse sacudida por um frémito de «patriotismo partidário». Os velhos militantes, os sempre fiéis a Francisco Sá Carneiro, os que não cometeram o pecado das «opções inadiáveis», nem se conspurcaram nas águas correntes do «eanismo», olham suspeitosamente os «cristãos-novos» que orientam o PSD e dominam a sua representação no «Bloco central». Só esses dispostos, a preço do poder no aparelho-do-Estado e áreas adjacentes, a sacrificar a autonomia e o futuro do PSD.

Mas uma coisa é o futuro do Partido Social Democrata — esse grande partido popular nas enfáticas orações dos seus dirigentes —, e outra coisa são os interesses pessoais da legião dos seus membros. A muitos, particularmente aos integrados na «classe política» e frequentadores dos meios de negócios lisboetas, interessa a permanência e consolidação da actual partilha do Poder. Será mais difícil impor nalgumas capitais distritais, por razões políticas e por motivos pessoais, a definitiva subalternização do PSD ao PS.

Não está apagado, nas consciências dos «socialistas-democratas» e de quantos, sem qualquer noção de

«social-democracia», se acolheram ao PPD e se deixaram ficar no PSD, o desejo de reafirmar a independência do partido e a sua dinâmica de crescimento pela apresentação de uma candidatura autónoma às eleições presidenciais de 1985.

A candidatura PSD irá comprometer uma candidatura do PS, sabendo-se que esta não solicitará apoios situados à esquerda da respectiva área partidária. Irá, também, comprometer a paz do «Bloco central». E não se nos afigura, a avaliar pelo que tem sido afirmado e reafirmado, que, sob a égide do actual grupo directorial do PSD, seja possível reconstituir a velha AD ou participar na criação de uma nova AD. Isso é tarefa que Francisco Lucas Pires reserva para si próprio, se os fados, em seus segredos votos, a não tiverem cometido a Diogo Freitas do Amaral.

Há um mês, o centrista Narana Coissoró, do que se pensa nas fileiras do CDS do impacto das eleições presidenciais sobre a «coligação PS-PSD», nos deu uma clara informação. Citamos: «As presidenciais serão uma prova de fogo para esta coligação. Já se verifica que dentro do PSD há grandes sectores de opinião que não acompanham António Capucho no seu apoio a Mário Soares. No entanto, comprovou-se que o bloco central não se constituiu para governar o País, mas para preparar uma candidatura presidencial (Entrevista ao «Diário de Notícias», 1/11/1983).

Esta opinião, de que a «coligação» se constituiu para «preparar uma candidatura presidencial», não deve ser considerada como meramente circunstancial e polémica. A experiência governativa, e a própria constituição e empolamento da máquina governativa e parlamentar (ministérios e secretarias-de-Estado supérfluos, novos organismos e novas autoridades criados), parece corroborar o juízo de Narana Coissoró que nas suas declarações encontramos desenvolvido com lógica. Quando o entrevistador insistia perguntando-lhe se considerava que a governação estava «subalternizada por uma estratégia para as presidenciais», Narana Coissoró respondeu: «Diria antes que as eleições presidenciais influenciam todas as decisões e tomadas de posição do PSD e do PS, mas voltando à pergunta anterior, dir-lhe-ei que o CDS não irá votar em Mário Soares para Belém. O CDS apresentará uma alternativa. Não será uma candidatura do CDS. Ficou provado que os candidatos partidários não logram grande apoio popular. Basta ver o que aconteceu com Octávio Pato ou mesmo com o general Soares Carneiro». («Diário de Notícias», 1/11/1983).

Arredada a candidatura de Mário Soares, e não considerando o CDS que o PSD lhe ofereça um candidato com o necessário «perfil», a própria estratégia de «uma nova AD» é factor condicionante da candidatura presidencial que o CDS — por agora — se propõe promover. Candidatura civil de direita? Candidatura militar de direita?

O CDS, a fazer fé no discurso hábil e sinuoso de Francisco Lucas Pires, e à luz das declarações claras de um Narana Coissoró, inclina-se para uma candidatura su-

prapartidária, seja a de um militar, seja a de um civil. Uma candidatura de abrangência, para usarmos um vocábulo do gosto pessoal do professor Mota Pinto.

O jornalista entrevistador (Óscar de Mascarenhas) não deixou escapar a oportunidade de formular uma questão relativa à «hipótese de candidatura de Freitas do Amaral». Não se furtou Narana Coissoró a responder claramente: «Está arredada como candidato do CDS. Freitas do Amaral, se for candidato será apoiado pelo CDS dentro de um movimento. O CDS poderá liderar esse movimento não socialista, de alternativa ao bloco central, mas não apresentar Freitas do Amaral como seu candidato. A candidatura terá de ser suprapartidária» («Diário de Notícias», 1/11/1983).

Esta condição — a «de ser superpartidária» — admite duas interpretações: a) candidatura superpartidária porque susceptível de reconstituir, na nova conjuntura, uma «Aliança Democrática»; b) candidatura suprapartidária porque vocacionada para merecer um universal consenso.

O superpartidarismo de Francisco Lucas Pires comporta uma versão civil, mas não exclui uma versão militar. É evidente que Francisco Lucas Pires, como dirigente proeminente do CDS, não se considera na eventual possibilidade de não apoiar uma candidatura de Diogo Freitas do Amaral. Mas, encara-a com reserva. Não só porque é duvidoso que essa candidatura possa refazer o eleitorado que foi da antiga «Aliança Democrática», como porque o avanço de Diogo Freitas do Amaral far-se-á, inevitavelmente, com custos para os actuais corpos directoriais do CDS.

De resto, como se pode deduzir do discurso que pronunciou no Ateneu Comerical do Porto (3/12/1983), Diogo Freitas do Amaral, tirando partido do eclipse de Francisco Balsemão e da heterodoxia (ou da falta de princípios) de Mota Pinto, apresenta-se como o «colaborador, amigo e admirador» de Francisco Sá Carneiro. O herdeiro? Não será abusivo que tal escrevamos nestas notas cursivas, porque isso foi o que Diogo Freitas do Amaral nos quis dizer e ao «País eleitoral» propor.

No discurso de piedosa homenagem ao político falecido, abrindo mais a chaga do vazio criado no PSD, Diogo Freitas do Amaral pronunciou palavras repassadas de sentimentos admirativos: «Sá Carneiro foi líder carismático. A sua autoridade não lhe advinha da lei, ou da tradição, ou do Poder, brotava naturalmente da sua personalidade e da relação de confiança directa que se estabelecia entre ele e os milhões de portugueses que nele haviam votado». Mas, para além da evocação do homem admirado, nas palavras de Diogo Freitas do Amaral ressurge a proposta: «...um presidente, uma maioria e um Governo, todos da mesma cor». Daí a necessidade da «bipolarização» tal como Francisco Sá Carneiro a definiu e protagonizou.

Diogo Freitas do Amaral não recusará uma oportunidade de ser o herdeiro político de Francisco Sá Carneiro.

Crónica Sindical

Orçamento e Plano para 84

Em causa a nossa sobrevivência e a do País



Rosa Maria Marques *

A política de dependência e submissão que o Governo se propõe prosseguir em 1984, determinada pelo acordo com o Fundo Monetário Internacional e expressa no Orçamento de Estado e nas Grandes Opções do Plano para 1984, significa a degradação das condições de vida dos trabalhadores, a destruição de uma parcela importante do aparelho produtivo nacional com agravamento sério do atraso em que o país vive.

Podemos salientar alguns dos aspectos mais gravosos contidos nesses documentos.

O Governo prevê a descida dos salários

O Governo propõe-se expressamente: «manter os au-

mentos de salários nas empresas públicas abaixo da taxa de inflação, quer em 1983, quer em 1984», tornando esta orientação extensiva ao sector privado.

O Governo propõe-se subir os impostos

A degradação ainda maior das condições de vida dos trabalhadores, não será apenas causada porque os preços aumentam muito mais que os salários. Ela será também determinada pelo alargamento da carga fiscal.

Efectivamente, o Orçamento do Estado para 1984 prevê que o total das receitas provenham 70 % de impostos sobre o trabalho e o consumo e somente 30 % de impostos sobre o capital e a propriedade.

Por outro lado, é no imposto profissional (que recai apenas sobre os trabalhadores que incide um maior aumento das receitas fiscais, ou seja 26,9 % contra 21,8 % de aumento das receitas fiscais totais).

De referir ainda que as pequenas alterações introduzidas no imposto profissional não alteram a injustiça fiscal e

traduzir-se-ão por um aumento das taxas deste imposto, provocado pela subida de escalão resultante mesmo de um aumento salarial inferior à subida verificada no custo de vida.

Quanto ao imposto complementar a situação é ainda mais escandalosa, por virtude de as alterações introduzidas, quer nas deduções (por filhos e casal), quer nos escalões, conduzirem a um agravamento da situação dos trabalhadores de menores e médios rendimentos, contra assinaláveis benefícios dos que auferem grandes rendimentos.

O Governo defende o aumento dos preços

O Governo propõe-se «elevar o excedente, ou seja o lucro, do Fundo de Abastecimento para 35 milhões de contos» o que só será possível através de aumentos brutais nos preços de produtos e serviços de primeira necessidade (gás, electricidade, gasolina, transportes, etc.).

Por outro lado, reduz entre 1983 e 1984, as transferências do O.E.G. para o Fundo de Abastecimentos de 15 para 35 milhões de contos, o que irá

contribuir também para o aumento escandaloso (muito superior ao verificado neste ano) de produtos de primeira necessidade (leite, pão, arroz, açúcar, etc.). Tendo em conta os efeitos de arrastamento dos aumentos nestes bens e serviços, fácil é prever a situação altamente preocupante dos aumentos que se irão verificar em 1984.

O Governo piora serviços essenciais

O Governo pretende ainda, em termos reais, gastar em 1984, com a educação, a saúde, a segurança e assistência, a habitação e os transportes, menos 22,8 milhões de contos do que a previsão no orçamento inicial de 1983. Estas despesas representam apenas 28,3 % das despesas totais, contra os 31 % que representavam no orçamento anterior.

Ignorando a lei das finanças locais o Governo pretende aumentar em 1984 as transferências para as autarquias em apenas 10,3 % o que significará em termos reais, menos 5,3 milhões de contos que em 1983, e o impedimento à pres-

Continua na pag. 6

ponto a ponto



O Primeiro-Ministro, Mário Soares, visitou a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, onde almoçou, a convite do director, prof. Alfredo de Sousa. A seguir ao almoço, o Primeiro-Ministro manteve uma conversa informal com alguns professores sobre a situação económica portuguesa.

O Conselho de Ministros de hoje está a discutir matérias relacionadas com alterações ao Código Penal e com a GNR, informou uma fonte oficial. O Primeiro-Ministro Mário Soares trabalhou ontem no seu gabinete com os ministros Almeida Santos, Rui Machete (Justiça) e Eduardo Pereira (Administração Interna).

A Presidência da República confirmou hoje que o Chefe do Estado Zaireense, Mobutu Sese Seko, chega a Lisboa na manhã de 14 de Dezembro, para uma visita que se prolonga até ao dia 17. Mobutu é o segundo Presidente da República do Zaire e nasceu em 14 de Outubro de 1930, na localidade de Lisala.



Teve início, no Palácio das Necessidades, uma reunião do Comité Permanente da Comissão Internacional de Limites entre Portugal e Espanha, cujos trabalhos se prolongarão até amanhã. A delegação portuguesa preside o embaixador Carlos Epifânio Wemans e a delegação espanhola o embaixador Carlos Goyeneche. Nas reuniões da comissão são tratados assuntos relativos às zonas fronteiriças entre os dois países.



O chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira partiu para Marrocos a fim de efectuar uma visita à Real Força Aérea daquele País. No decorrer da visita, efectuada a convite do seu homólogo marroquino, o CEMFA deslocar-se-á a diversas unidades da Força Aérea Marroquina e ao Centro Nacional de Defesa Aérea daquele país. O general Lemos Ferreira regressa a Lisboa no próximo dia 9 de Dezembro.

Proveniente de Bruxelas, regressa hoje a Lisboa o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional Fernando Nogueira, que na capital belga se avistou com responsáveis da Comunidade Europeia. Esta deslocação à sede da CEE teve como objectivos principais averiguar quais as disponibilidades da comunidade quanto à concessão de auxílios financeiros, no âmbito dos fundos de pré e pós-adesão, a saber quais os projectos que a comunidade está em condições de financiar e avaliar os efeitos das políticas regionais comunitárias.

Lucas Pires vê a dobrar...

Existem dois blocos centrais!

«Já soam as trombetas do confronto dos Blocos Centrais! Pensava-se que na cena política portuguesa só existia um Bloco Central mas Lucas Pires, em declarações ontem produzidas, multiplica-o por dois. E na sua análise vai mais longe: esses dois blocos — o do socialismo democrático e parlamentarista e o da Esquerda, político-militar e presidencialista —, já entraram em confronto potencial.

Para o líder da Comissão Política do CDS, que ontem discursava numa sessão de evocação de Adelino Amaro da Costa e Francisco Sá Carneiro, o confronto entre os dois blocos assume-se como «a última contradição interna da Revolução Socialista».

Perante essa análise, Lucas Pires conclui da necessidade de se «organizar de novo uma maioria democrática, na base de um humanismo reformista» para o que, observou, «não há que ter excessiva pressa».

No entender de Lucas Pires, o papel dessa maioria democrática será o de «erguer a pós-Revolução e levantar o país novo», pois não será «a luta entre os dois Blocos Centrais socialistas» que conseguirá atingir esses objetivos.

Depois de salientar que «já soam as trombetas do confronto de blocos centrais», Lucas Pires adiantou que «será então oportunidade de reorganizar as forças da maioria democrática, em termos de federação ou outros».

Na óptica do dirigente democrata-cristão, seria necessário nessa altura ter em conta o passado e nele introduzir pelo menos três emendas: «uma bipolarização que não volte a passar pelo interior das Forças Armadas institucionais; um programa de reforma constitucional que não seja antipresidencialista».



mais parlamentarista, mas que inclusivamente seja mais presidencialista; uma atitude de combate, mudança e mobilização nacional, mas com carácter positivo e reformador e sem um perfil dominante de negação personalizada».

Na sessão, intervieram para além de Lucas Pires, António Alameda Baptista e Carlos Macedo. Este, ex-ministro dos Assuntos Sociais da AD, declarou que o legado de Francisco Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa — a Aliança Democrática —, foi liquidado e atraído depois da morte dos dois políticos.

Carlos Macedo considerou ainda que o Bloco Central é fruto da cumplicidade e não da solidariedade política, e por isso não tem força.

Carlos Macedo defendeu «um projecto que inverta por completo a actual Constituição, que não serve; uma nova lei eleitoral; um sistema presidencialista e o combate à corrupção e ao compadrio».

20

Jaime Gama vai a S. Tomé em fins de Janeiro

Ministro de Pretória volta a Lisboa

Jaime Gama vai estar em S. Tomé e Príncipe entre 27 e 31 de Janeiro, podendo, à ida ou à vinda, nas escalas de Luanda, manter contactos com Paulo Jorge, ministro das Relações Exteriores de Angola.

Entretanto, o titular do MNE não deverá receber segunda vez o seu homólogo de Pretória, Roelof Botha, que pretende voltar de novo a Lisboa, esta semana.

Com efeito, Gama parte amanhã para Bruxelas, a fim de participar numa reunião da NATO, enquanto que Botha passará por Lisboa a 8 ou 9. O ministro português evitará, assim, um novo contacto com o representante do regime do «apartheid» que poderia, eventualmente, abalar ainda

mais as suas tentativas de aproximação com a África de expressão oficial portuguesa. Recorde-se que Luanda — já descontente com as facilidades concedidas à UNITA em Portugal — reagiu fortemente à vinda a Lisboa do ministro de Pretória.

Assim, da parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o chefe da diplomacia de Pretória apenas poderá ter, desta vez, como interlocutor o secretário de Estado da Cooperação, Gaspar da Silva, ou o novo director-geral dos Negócios Políticos, Matos Prouença — indicou uma fonte do MNE.

Roelof «Pik» Botha esteve em Lisboa entre 27 e 29 de Novembro e, segundo informações de

origem diplomática, gostaria de voltar depois de uma ida a outros países europeus, designadamente Alemanha Federal e Grã-Bretanha.

Durante a sua primeira vinda à capital portuguesa, o ministro tratou essencialmente de assuntos inerentes à hidroeléctrica de Cabora Bassa, à estabilização de Moçambique e à comunidade sul-africana de origem portuguesa.

Ministro de S. Tomé em Lisboa

O presidente da parte são-tomense à Comissão Mista Portugal-S. Tomé e Príncipe, Carlos Tiny, foi ontem recebido pelo mi-

nistro Jaime Gama.

Para além de ficar uma semana em Lisboa, a efectuar o balanço da situação actual das relações entre os dois países, Tiny — que é ministro da Saúde e Desportos — deverá deslocar-se ao Palácio de Belém para entregar a Ramalho Eanes uma mensagem do presidente Manuel Pinto da Costa.

Carlos Tiny, que ao longo da semana terá reuniões de trabalho com o secretário de Estado português da Cooperação, Gaspar da Silva, tenciona pedir, de igual modo, uma audiência ao Primeiro-Ministro, Mário Soares.

Por outro lado, no próximo fim-de-semana é aguardado, em Lisboa, o ministro são-tomense da Defesa, Óscar Sousa.

Embaixador em Lisboa reafirma:

URSS voltará a Genebra se for interrompida a instalação dos euromísseis

Embaixador dos EUA recusa audiência

O embaixador da União Soviética em Lisboa, Valentin Vdovin, reafirmou ontem, em Lisboa, a disponibilidade do seu país em reatar as conversações de Genebra, caso os Estados Unidos interrompam a instalação de mísseis na Europa.

Valentin Vdovin fez estas declarações aos promotores das Marchas da Paz de 29 de Outubro em Portugal (Rui Grácio, Dieter Dillinger, Silas Cerqueira, Etelvina Reis e Beatriz Ruivo) que, em nome da comissão organizadora, lhe foi entregar a proclamação então aprovada.

A proclamação preconizava como medidas imediatas para diminuir o perigo da guerra «a não instalação dos mísseis na Europa e, em simultâneo, o início do processo de redução equilibrada, a Leste e Oeste, dos mísseis e outros vectores nucleares de médio alcance já existentes».

O «compromisso formal por parte de cada uma das potências nucleares de jamais recorrer, em primeiro lugar, ao uso das armas nucleares», constava também da proclamação das Marchas da Paz.

A comissão coordenadora que

se avistou com o embaixador da União Soviética solicitou que aquele diplomata transmitisse às autoridades do seu país o cancelamento «pelas duas partes implicadas da instalação de quaisquer novos mísseis na Europa e a retoma de negociações (...) que permitam sustentar a presente corrida aos armamentos».

Os signatários do apelo/proclamação pediram igual audiência ao embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, o que lhes foi recusado, segundo comunicaram aos órgãos de informação.

Embaixador iraquiano em Lisboa
Irão sofreu desde Julho 166 967 mortos em combate

O embaixador iraquiano em Lisboa disse ontem que o Iraque tem apreciado os esforços de Portugal na cena internacional tendentes ao diálogo e à paz entre o seu país e o Irão.

Quais Tawfic Al Mukhtar, em conferência na sede da Associação de amizade Portugal-Iraque sobre o conflito irano-iraquiano, afirmou que a visita oficial a efectuar pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, a Bagdad, de 7 a 10 de Janeiro, irá reforçar as relações entre os dois países.

Comentando a recente viagem do vice-primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros do Iraque, Tareq Adiz, a Moscovo, o embaixador Al Mukhtar referiu que se tratou de uma visita de trabalho amizade «sem outro significado».

O embaixador iraquiano, que foi apresentado pelo dirigente da Associação e deputado socialista Rodolfo Crespo, informou que desde Julho até hoje e em dez tentativas de ataques iranianos às forças do Irão sofreram 166.967 mortos em combate.

Al Mukhtar, que se encontra em Lisboa desde Setembro, notou que o Iraque tem entre os prisioneiros de guerra iranianos 120 crianças, cujas idades oscilam entre os 8 e os 14 anos.

O embaixador iraquiano acrescentou que o Irão se tem recusado a receber aquelas crianças.

Al Mukhtar disse ainda que a última resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 31 de Outubro, onde se pede o cessar-fogo e as conversações entre os dois países, foi uma vez mais aceite pelo Iraque e recusada pelo Irão.

Assistiram à conferência de embaixador iraquiano representantes diplomáticos das embaixadas da Argélia, Egito e Marrocos em Lisboa.

Ainda a IV Convenção da UEDS

“Não” à economia monetarista “sim” à despenalização do aborto

Além da moção de Lopes Cardoso que aponta para a unificação da área do socialismo democrático, a IV Convenção da UEDS realizada no último fim-de-semana aprovou, também, diversas moções sectoriais. Dificuldades técnicas impediram-nos de a elas fazermos referência na nossa edição de ontem.

Ao todo foram sete as moções aprovadas, por unanimidade ou por larguíssima maioria. As duas mais importantes terão sido sobre economia, subscrita por Mário Murteira, entre outros, acção sindical e aborto. **Sim**, à despenalização do aborto, **não** à economia monetarista.

Na de economia defende-se «um projecto socialista de transformação» em que se diz ser «simplista e enganador pôr a questão em termos de EUA ou Japão ou Terceiro Mundo, como 'alternativas' à CEE». O que está em causa, acrescenta-se, «é uma política económica externa convictamente multidireccional, atenta a todos os canais do comércio e cooperação com o exterior que nos ofereçam vantagens, e não

apenas orientada em sentido único (Europa da CEE), aliás, mais por força do arrastamento externo do que por vontade própria».

Na moção sobre acção sindical apela-se à defesa do 'projecto autogestionário' e faz-se alusão aos principais problemas que afectam os trabalhadores. «O movimento Sindical — lê-se na moção — tem-se envolvido numa acção privilegiada de reivindicações económicas que o têm impossibilitado de apresentar propostas de acção inovadoras, num momento em que a acção a que se habituou tem um campo de manobra difícil».

Já na moção de orientação política de Lopes Cardoso o problema sindical estava contemplado.

O distanciamento em relação à polémica CGTP-UGT fora apontado. Lê-se concretamente na moção que esta vez ela «tenha a afirmar-se cada vez mais como um estéril processo de luta entre dois aparelhos e duas burocracias sindicais que disputam mutuamente 'representatividade' e 'combatividade' com manifesto prejuízo de valores essenciais

para a defesa global dos interesses dos trabalhadores».

Entre as restantes moções contam-se uma sobre os presos do PRP, outra contra a corrida armamentista, uma terceira sobre a defesa do povo maubere (com apelos ao Governo para que reconheça a Fretilin) e ainda outra em favor da despenalização do aborto. Nesta fala-se num número assustador: desde Novembro de 1982, altura em que o projecto de lei sobre a despenalização do aborto foi recusado na A.R., cerca de 200.000 abortos clandestinos foram praticados em condições catastróficas para a mulher. «Algumas dezenas morreram, outras ficaram definitivamente impedidas de ter filhos desejados, os circuitos clandestinos do aborto enriqueceram».

A UEDS que, segundo as palavras de Lopes Cardoso, apoia o projecto do PCP sobre a matéria, alerta, na moção, para «o facto de existirem manobras no sentido de protelar a discussão na A.R. do projecto ou projectos de despe-

nalização da interrupção voluntária da gravidez».

Novo Conselho Nacional

Segundo uma alteração introduzida nos estatutos da UEDS, o seu Conselho Directivo Nacional foi reduzido de 90 para 75 elementos, 25 dos quais terão de ser eleitos pelos núcleos. Da mesma forma o número de membros da Comissão Política passou de 35 a 25 e o secretariado desceu para entre 7 e 9. O Conselho Fiscalizador passou a ter cinco, e não sete elementos.

Os 50 membros do Conselho Nacional eleitos na IV Convenção ficaram distribuídos da seguinte forma como já ontem noticiámos: 32 da lista de Lopes Cardoso; e 18 da de Rui Namorado. Desta forma foram eleitos os seguintes elementos: Lopes Cardoso, Mário Murteira, Rui Polónio, Joel Hasse Ferreira, Kalidás Barreto, Fernanda Lopes Cardoso, Lopes Mendonça, Brás Pinto, Abílio Soares, Joaquim Martins, Octávio Cunha, Brandão de Brito, Fernando Pereira Marques, José Penados, António Vitorino, César Oliveira, Rui Santos, Leiria Pinto,

João Pualo Oliveira, Ruben Rolo, Dorilo Seruca, Francisco Silva, António Curto, Carlos Ponte, Aurélio Marques, Oliveira Miguel, Irene Calado, Leonel Costa, Maria Almeida Fonseca, Fernando de Almeida, Manuel Monteiro e Helena Bravo, todos pela lista do 1.º secretário; e Rui Namorado, António Ferreira Guedes, Francisco Pessegueiro, Ernesto Costa, Vítor Nunes, Ismael Mendes, João Ferreira, Manuela Ferreira, José Pinto da Silva, José Pascoal Soares, António Correia, Jorge Novais, José Correia, Manuel Ferreira, António Marques, Luís Soares, João Rocha e Francisco Moutinho dos Santos.

O Conselho Fiscalizador ficou constituído por Lince de Oliveira, Luís Cunha e Serra e Rui Bandeira, pela primeira lista; e Sebastião Abranches e Rui Narciso, pela segunda.

Em face destes resultados é previsível que a Comissão Política a eleger na primeira reunião do Conselho marcada para o dia 7 de Janeiro venha a ser constituída por 16 membros da linha 'maioritária' e 9 da 'minoritária'.

Capitães de Abril recordaram reunião da Costa da Caparica

'Não sabemos se serão perseguidos aqueles a quem prestamos homenagem'

— alerta de Vítor Alves

O tenente-coronel Vítor Alves disse ontem «não se saber, infelizmente, se as pessoas que os capitães de Abril possam homenagear, virão ou não a ser perseguidas».

Vítor Alves falava nas comemorações do décimo aniversário da reunião da Costa de Caparica, em casa de João Luz Ribeiro da Silva, um republicano de 79 anos, a quem a Associação 25 de Abril entregou uma placa comemorativa da efeméride.

«Trata-se de um particular e da casa de um particular, e atendendo a que hoje estamos numa fase difícil, não sabemos se colocamos bem ou mal as pessoas que estiveram connosco» — acrescentou.

O major Vasco Lourenço que fez a evocação da efeméride, recordou ter sido nessa reunião que a comissão coordenadora, eleita anteriormente em Óbidos, elegeu a direcção do Movimento dos Capitães e distribuiu «os pelouros ou funções pelos elementos da comissão».

Frisou que a Associação não está a evocar todas as reuniões efectuadas pelo Movimento, «mas algumas das mais significativas, de que esta é um exemplo, como exemplo é o homem que decidimos homenagear na passagem, hoje, do décimo aniversário da reunião, considerada chave nos vários passos da conspiração do Movimento».

Vasco Lourenço recordou três encontros particularmente significativos, como o da Parede, o de Óbidos e este, da Costa de Caparica, sublinhando que os da Parede, Cascais e Costa se realizaram em casa de civis.



João Luz Ribeiro da Silva rodeado, ontem, no Forte do Bom Sucesso, por capitães de Abril: capitão Camilo, brigadeiro Pezarat Correia, comandante Martins Guerreiro, tenente-coronel Vítor Alves, major Vasco Lourenço, Lopes Pires, Sanches Osório e almirante Vítor Crespo

Recordou também que Ribeiro da Silva é amigo pessoal de Vítor Alves, «que um dia lhe foi pedir a chave de casa para um encontro», e agradeceu ao homenageado a confiança que em todos depositou.

Aquela madrugada maravilhosa

Ribeiro da Silva afirmou em seguida que «realmente valeu a pena ter nascido e ter vivido para assistir a tudo o que se

passou» e a esta homenagem «que é uma coisa maravilhosa».

«Tenho a alegria de saber que estou vivo, a alegria que me deram as pessoas que estão aqui, que me ofereceram aquela madrugada maravilhosa do 25 de Abril de 1974» — afirmou.

«Não é triste ser velho — tenho 79 anos — quando sinto tanta juventude à minha volta. Quanto à medalha que agora me oferecem, com ela tenho mais a certeza de que os ho-

mens não esquecem quando as coisas são justas» — acrescentou.

«Oxalá vocês, meus amigos, consigam manter essa união que hoje, e apesar de tudo, entre vós existe e que alguns continuam a teimar em destruir» — concluiu João Luz Ribeiro da Silva.

Assistiram à cerimónia, entre outros «capitães de Abril», Vítor Crespo, Salgueiro Maia, Sanches Osório, Pezarat Correia e Eurico Carvalho.

Deputado da ASDI exige funcionamento da Comissão para Timor-Leste

O presidente da anterior comissão eventual para Timor-Leste protestou ontem junto do presidente da Assembleia da República contra o facto de a nova comissão ainda não estar em funcionamento.

Em carta divulgada pela Anop — Manuel Tilman solicitou os bons ofícios de Tito de Morais para que a comissão eventual, decidida há três meses pelo plenário da assembleia, entre imediatamente em funcionamento.

Tal comissão — diz Manuel Tilman, militante da ASDI, natural de Timor-Leste — deve acompanhar as iniciativas de centenas de parlamentares europeus e de congressistas norte-americanos a favor do povo timorense.

Aquele povo, «ligado à República de Portugal por laços de sangue e de cultura, exige de cada um de nós uma reflexão profunda de consciência e uma solidariedade humana concreta e honrosa» — afirma Tilman, segundo o qual a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia já causou mais de 300 mil mortos (o que significa mais de um terço da população).

Espectáculo no pavilhão

Entretanto, o oitavo aniversário da entrada em Timor-Leste das Forças Armadas indonésias é assinalado amanhã, 7 de Dezembro como Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Maubere.

Em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos, terá lugar o espectáculo «Que Viva o Povo de Timor-Leste», com artistas de Portugal, Espanha e Bolívia.

Lá longe, na Oceânia, prossegue a guerra. Luta obstinada e continua de um povo de menos de um milhão de pessoas contra uma república de 150 milhões de cidadãos.

Segundo a comissão portuguesa para os Direitos do Povo Maubere, «é quase impossível encontrar algum povo que tenha pago preço tão elevado pelo seu desejo de ser livre e independente».

De acordo com a mesma fonte, «Os governos conhecem este combate, mas preferem-no esquecido. Os «forums» internacionais têm-se ocupado dele e a ONU mantém-no nas suas agendas, mas nada se movimenta para que o agressor saia da terra que invadiu».

O governo português — diz a comissão, num boletim publicado esta semana — «segue a questão como se a ela não estivesse intimamente associado, por motivos constitucionais que condensam uma responsabilidade histórica irrecusável».

Acusações

Os defensores da resistência maubere acusam os órgãos de soberania portugueses de não apoiarem a força político-militar que consubstancia essa mesma resistência.

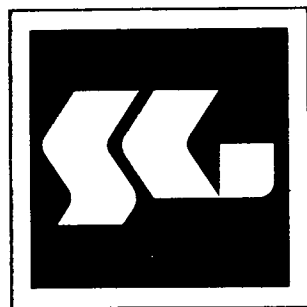
O governo responde que está a estudar atentamente a questão de Timor-Leste e que considera o caso entregue aos cuidados do secretário-geral das Nações Unidas, conforme deliberação da assembleia geral.

O responsável pela delegação da Fretilin no exterior, Abílio Araújo, indicou que estão a ser criadas condições para um acordo Portugal-Indonésia que não tem em conta os interesses e anseios do povo maubere».

Segundo aquele dirigente partidário, «a luta do povo de Timor-Leste não só não morreu como está mais fortalecida e decidida do que nunca».

A Fretilin vai assistir, como observador, à cimeira dos países Africanos de Língua Oficial portuguesa, em meados deste mês, e continua a contar como apoio desses países para quaisquer iniciativas que visem respeitar o direito do povo de Timor-Leste à auto-determinação.

A assembleia geral das Nações Unidas não debateu, este ano, a questão de Timor-Leste. Pela primeira vez, desde a invasão de 1975, a discussão e a votação de uma moção condenatória da Indonésia foram transferidas para o ano seguinte.



Export

Um novo cigarro de pleno sabor

A TABAQUEIRA, cumprindo o seu objectivo de dotar a nova linha SG de uma gama de produtos de alta qualidade mas diversificada conforme os gostos específicos dos vários tipos de fumadores, vai lançar no mercado nacional um verdadeiro American Blend, full flavor: — O SG EXPORT. Através da conjugação de contribuições especializadas de todas as áreas da empresa, para a concepção e fabrico de um produto de alta qualidade, obteve-se o SG EXPORT.

Um cigarro full flavor com menores teores de condensados (14 mg) e nicotina (0,9 mg). Este cigarro inicialmente lançado e com êxito no Luxemburgo e França, vai agora ser lançado no mercado nacional.

SG Export — O cigarro de pleno sabor

TABACUEIRA E.P.



O Governo adverte que o uso do tabaco pode prejudicar a saúde.

Moscovo vê com bons olhos iniciativa de Pierre Trudeau

As autoridades soviéticas reagiram com interesse às iniciativas apresentadas pelo primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau, para conseguir uma redução das tensões Este-Oeste, na sequência da ruptura das negociações sobre desarmamento nuclear em Genebra, na semana passada.

Este interesse foi evidenciado nas declarações formuladas pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromiko, ao avistar-se em Moscovo com um enviado especial de Trudeau no fim-de-semana passado, e na divulgação que a Imprensa soviética está a dar às repetidas declarações do próprio primeiro-ministro canadiano nos últimos dias.

Pese embora a União Soviética ter confirmado que a retirada da sua delegação de Genebra, facto ocorrido a 23 de Novembro, seja na prática uma ruptura das negociações com os Estados Unidos sobre as armas nucleares de médio alcance, os líderes do Kremlin não afastam a realização de diligências que, através de canais multilaterais, possibilitem acordos estáveis de paz entre as superpotências.

Neste âmbito foi destacada em Moscovo a «Declaração sobre Segurança Internacional de Goa», aprovada na cidade indiana do mesmo nome pela reunião de chefes de estado da Commonwealth (Comunidade britânica das Nações) por iniciativa de Trudeau.

O documento de Goa advoga «uma retomada de um genuíno diálogo político entre a União

Soviética e os Estados Unidos, com vista a um desanuviamento das tensões» e pede «a criação duma atmosfera de confiança nas relações Este-Oeste».

A Commonwealth acolheu também a iniciativa do governante canadiano relativa à promoção da realização em breve de uma conferência das potências nucleares — Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha, França e China Popular — visando «impedir uma catástrofe nuclear e congelar os arsenais atômicos».

Na sua visita oficial a Pequim, Trudeau declarou, logo após as primeiras conversações com as autoridades da China Popular, que continuará «os seus esforços para alcançar uma ampla participação numa iniciativa de desarmamento», apesar do relativamente frio acolhimento registado até agora à proposta que apresentou na Índia.

Fontes oficiais soviéticas assinalaram que ao reunir-se com George Pearson, enviado especial de Trudeau, o ministro dos Estrangeiros, Gromiko, manifestou-lhe que «em nome do governo soviético, reitero a convicção de que é necessário incrementar os esforços para conseguir um acordo urgente que diminua as tensões internacionais».

«Neste domínio, a União Soviética está disposta a cooperar com todos os países, incluindo o Canadá», acrescentou Gromiko.

Rompido o diálogo em Genebra, depois de o Parlamento Alemão Federal ter aprovado a instalação dos Euromísseis da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), no seu

território, a União Soviética, através duma declaração do seu máximo dirigente, Yuri Andropov, anunciou a 24 de Novembro uma série de «contramedidas» à ameaça que, segundo os dirigentes do Kremlin, significa para ela o estacionamento de foguetes Pershing-2 e Cruise em países da Europa Ocidental.

Isso, contudo, não implica que os soviéticos e os seus aliados do Pacto de Varsóvia afastem iniciativas multilaterais de desarmamento, em cujo contexto os Países do Leste europeu «sublinhariam a importância da prevista reunião dos signatários da Acta de Helsínquia», prevista para meados de Janeiro próximo em Estocolmo.

A «Acta de Helsínquia» subscrita em 1975, deu origem à Conferência de Segurança Europeia, conferência esta com um número de interlocutores muito mais amplo que o de uma negociação limitada à NATO e ao Pacto de Varsóvia, que é o que se expressava nas agora interrompidas conversações de Genebra entre Washington e Moscovo.

As expectativas do Kremlin nesta instância de diálogo multilateral são acompanhadas de precisões dos dirigentes soviéticos, que, em alguma medida, tentam amenizar a reacção dos governos ocidentais face à réplica aos euromísseis anunciada por Andropov.

A agência oficial TASSE informou sobre o acordo do Bureau Político do Partido Comunista da URSS (PCUS), que serviu de base à declaração firmada pelo seu secretário-geral, Yuri

Andropov, no dia 24 de Novembro.

O documento do Bureau do PCUS sublinha que «as medidas de resposta (à instalação de novos mísseis norte-americanos na Europa Ocidental) são absolutamente indispensáveis para a manutenção do equilíbrio de forças militares».

Tais medidas incluem o estacionamento de mísseis soviéticos na zona europeia da URSS, o desenvolvimento de complexos sistemas de foguetes tático-operacionais na Checoslováquia e Alemanha Democrática e o possível equipamento com dispositivos nucleares de barcos e submarinos soviéticos destacados em pontos próximos do território norte-americano.

O repúdio e o «desânimo» expresso por Washington perante a réplica soviética aos euromísseis indica que o «equilíbrio militar» é um ponto de debate onde a possibilidade de um denominador comum está mais longe, na sequência dos últimos acontecimentos.

Em consequência, o papel que Trudeau e o governo canadiano podem desempenhar numa iniciativa multilateral de negociações, primeiro, a favor do desanuviamento e depois do desarmamento, surge como uma iniciativa realista e que parece contar com a aprovação de Moscovo.

Assim, pelo menos, o reflectoria a «positiva valorização das actuais relações sovieto-canadianas», que Gromiko sublinhou na sua entrevista com o enviado especial de Trudeau. (Ismael Perez Sierra — IPS).

“Euromísseis” As “opções dos EUA” apresentadas em Genebra

A Administração Reagan formulou quatro propostas sobre redução de «euromísseis», durante cerca dos dois anos em que decorreram as conversações de Genebra.

Em Novembro de 1981, quando se acumulavam as pressões dos Aliados, assustados pela «forte retórica» anti-soviética da Casa Branca e a aproximação da data de instalação dos «euromísseis» norte-americanos Pershing-2 e Cruise na Europa Ocidental, o presidente norte-americano, Ronald Reagan, propôs a Moscovo negociar a eliminação dos mísseis de médio alcance.

A sua oferta inicial — que muitos denunciaram então como irregular — foi a chamada «opção-zero»: Washington renunciaria à instalação dos 572 «euromísseis» em cinco países da Europa Ocidental, se a União Soviética desmantelasse todos os seus mísseis SS-20, SS-4 e SS-5, colocados na Europa de Leste e na Ásia.

Em fins de Novembro do mesmo ano, o representante norte-americano às negociações de Genebra, Paul Nitze e o soviético Yuli Kvitsinsky, iniciaram nessa cidade a primeira «ronda» sobre «euromísseis».

Desde o princípio, a URSS opôs-se à instalação de «euromísseis» na Europa Ocidental, sobretudo dos Pershing-2 na República Federal alemã (RFA), por poderem alcançar a URSS em oito-dez minutos de lançamento.

Além disso, a União Soviética quis incluir na contagem das forças norte-americanas os 162

mísseis nucleares britânicos e franceses o que nunca foi aceite pela outra parte.

Estes dois pontos continuam a ser os principais obstáculos nas negociações suspensas na quarta-feira «sine die» pela URSS, 24 horas após a aprovação no Bundestag (Parlamento de Bona) do estacionamento de Pershing-2 e dos mísseis de Cruzeiro na RFA.

A URSS reiterou várias vezes que os Pershing-2 que chegaram na quarta-feira à República Federal Alemã, e os Cruise (16 dos quais já estão na Grã-Bretanha) «romperiam o equilíbrio das forças».

Os EUA e NATO afirmam, por seu turno, que a colocação dos «euromísseis» visa restabelecer o equilíbrio que os soviéticos romperam dado à instalação nos últimos dois anos, na Europa Oriental e na Ásia dos SS-20.

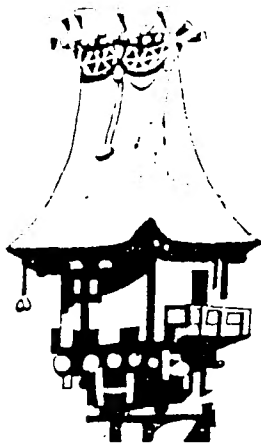
Segundo os Estados Unidos, Moscovo possui 243 SS-20 (com três ogivas nucleares cada) na Europa Oriental, mais 117 na Ásia.

Face à falta de progresso das conversações de Genebra e a renovadas pressões europeias (nomeadamente os movimentos pacifistas), Ronald Reagan alterou em Março de 1982 a sua oferta inicial e propôs o chamado «Acordo Interino».

Essa proposta consistia em reduzir o estacionamento dos Pershing-2 e Cruise, se Moscovo abandonasse «em níveis iguais e numa base global» (ou seja, na Ásia também) o número de ogivas em mísseis de médio alcance.

7 DE DEZEMBRO DE 1983

DIA INTERNACIONAL DE TIMOR-LESTE



CONCERTO

VAI DE RODA • EMILIO CAO
VITORINO E O BANDO DA PLANÍCIE
BOLÍVIA MANTA • QUINTETO
DE MARIA JOÃO

DIAPORAMA SOBRE TIMOR-LESTE

PAVILHÃO DOS DESPORTOS
4.ª-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO — 21 HORAS

QUE VIVA O POVO DE TIMOR-LESTE

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE — CDPM
RUA PINHEIRO CHAGAS, 77-2.º E TELEFONE 57 47 18

Crónica Sindical

Continuação da pág. 3

tação de serviços essenciais às populações.

O Governo agrava a situação das empresas nacionalizadas

O Governo propõe-se seguir também aqui uma política mais gravosa que a seguida anteriormente. Recorde-se que as GOP prevêem uma diminuição de 16 % no investimento do Sector Empresarial do Estado.

Assim, a verba destinada a aumento de capital estatutário destas empresas é apenas de 20 milhões de contos, o que significa uma redução em termos reais de 5,2 % relativamente à destinada em 1983. As doações para o plano sofrem também, relativamente a 1983 um decréscimo de 28 %.

Por seu lado a verba destinada a indemnizações compensatórias (13 milhões de contos) significa em termos reais uma diminuição de 4,7 % relativamente a 1983.

Estas circunstâncias vão obviamente fazer diminuir o investimento, põem em risco o desenvolvimento dos grandes projectos nacionais (Plano Siderúrgico Nacional, Alqueva, Pírites, Cobre, etc.) e agravam a situação financeira de muitas empresas públicas, algumas das quais atravessam já sérias dificuldades.

Esta situação vai obrigar as empresas a aumentarem as dívidas e os encargos financeiros, agravados pela intenção do Governo em restringir o cré-

dito, em aumentar as taxas de juro e continuar a desvalorizar o escudo.

Interessa ainda salientar que em 1984, e apesar de tudo, o Governo irá buscar às E.P.'s, e demonstra bem o papel que estas empresas têm e o que podiam e deviam ter na resolução da crise.

No prosseguimento duma política contrária aos interesses do país, o Governo acaba de tomar a decisão inconstitucional e anti-económica de abrir a banca ao capital privado, conhecidos como são os seus gigantescos recursos financeiros e o seu papel fortemente interventor e orientador da economia. Com esta medida cede importante instrumento para a resolução da crise e coloca em perigo milhares de postos de trabalho.

O Governo pretende aumentar o desemprego

É evidente que esta política provocará inevitavelmente o agravamento das situações da E.P.'s tornando mais grave a crise que algumas delas já enfrentam. E o Governo pretende «resolver» a situação que ele próprio está a provocar lançando no desemprego milhares de trabalhadores. Para isso acabou de aprovar o «lay-off», que é o seu instrumento por excelência para atingir tal objectivo.

Esta política irá também multiplicar as falências e o encerramento de inúmeras pequenas e médias empresas, elevando o número de desempregados, que cada vez terão

mais dificuldades em encontrar empregos alternativos.

Em resumo, o O.E. para 1984, bem como a política que lhe está subjacente, determinariam, se fossem levados a cabo, um agravamento significativo da injustiça fiscal, uma maior degradação de serviços essenciais para o bem estar do povo português, o aumento do desemprego, a destruição de importante parcela do aparelho produtivo, a diminuição da produção, e o aumento da dependência externa com o consequente agravamento do décite e do endividamento do país.

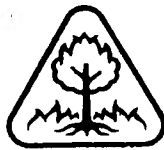
Os trabalhadores em cada empresa e sector de actividade têm colocado sempre qual a política e as medidas que consideram mais adequadas e justas para o país.

A crise não se resolve com mais desemprego, menos produção, menor procura, piores condições de vida. A crise resolve-se com melhor aproveitamento dos recursos nacionais, mais produção e mais investimento.

Os trabalhadores têm assim fortes e urgentes razões para combater a política de atraso e de miséria. O que está em causa não é sequer o ano de 1984. O que está em causa é a nossa sobrevivência, a dos nossos filhos e a do nosso país.

Por isso a luta dos trabalhadores é patriótica e necessária.

* Membro do Conselho Nacional da CGTP-IN



NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

As Florestas são uma riqueza nacional.

Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

Pedida cabeça do presidente da Câmara

Demolições na ilha de Faro agita sessão municipal

Centenas de pessoas manifestaram-se na Assembleia Municipal de Faro, cuja sessão terminou às primeiras horas de hoje, contra a acção do Comando Marítimo do Sul ao derrubar casas na zona envolvente da ria Formosa.

Desde há alguns dias que as autoridades marítimas têm vindo a derrubar casas consideradas clandestinas em início de construção, nomeadamente na zona nascente da ilha de Faro e ilha da Culatra.

Recentemente, diversos moradores e proprietários de casas já construídas há vários anos receberam notificações para abandonarem as residências que iam ser derrubadas por construção ilegal.

A medida levantou uma onda de protestos que levou os moradores a constituírem-se em comissões para defesa dos seus interesses, desencadeando acções junto das autarquias.

A comparência em massa na Assembleia Municipal de Faro justificou-se por estar inscrito na ordem de trabalhos o problema específico sobre o assunto e declarações do presidente da edilidade.

Negrão Belo explicou aos presentes a posição da câmara, afirmando que a autarquia estava contra o processo de segunda fase que, disse, consiste no derrube das casas concluídas.

São cerca de 2500 as casas consideradas clandestinas em toda a zona envolvente da ria Formosa e, numa reunião realizada em Setembro entre o secretário de Estado do Ambiente, autarquias do Sotavento e Comando Marítimo do Sul, foi deliberado parar com a construção clandestina e «moralizar» as zonas.

O presidente da Câmara de Faro informou os munícipes das diligências que a autarquia está

a fazer para travar o processo.

Negrão Belo admitiu que o comando poderia vir a não interromper o processo o que, em sua opinião, «seria muito mau para todos».

O autarca prometeu um encontro com o comandante Napolitano Metelo para tentar suspender a medida em execução, que tem o apoio do Governo.

PS pede demissão do presidente

Os deputados municipais do Partido Socialista de Faro pediram, por sua vez, na sessão da assembleia, a demissão do presidente da câmara local, Negrão Belo.

Os socialistas argumentam que aquele autarca, eleito pela lista AD, «não tem capacidade para o lugar».

Em resposta, o presidente da Câmara de Faro afirmou que não

se demitirá e convidou as bancadas do PS e da APU a serem elas a renunciarem.

A actual situação foi criada pela tensão provocada na ilha de Faro com o derrube de algumas construções em início, consideradas clandestinas, em área do domínio público marítimo.

Os socialistas e comunistas acusaram o presidente da edilidade farense de estar a colaborar com as autoridades marítimas — no caso o Comando Marítimo do Sul — fornecendo apoio logístico.

O presidente contestou as afirmações e justificou, dizendo que «apenas tinha posto à disposição do comando um armazém para recolha dos haveres das casas derrubadas».

Por sua vez, na bancada do PSD, Carlos Lourenço considerou o processo das autoridades marítimas «extremamente nebuloso», admitindo que serve «interesses não se sabe de quem».

*comunicação social**Mensagem de Eanes*

“O jornalista deve resistir às pressões do poder político”

«Informar é hoje uma actividade profissional de exercício cada vez mais difícil. Em sociedades altamente complexas como a nossa — em que as questões sociais, económicas, técnicas e políticas se interpenetram e mutuamente se condicionam — o jornalista necessita de uma vasta bagagem cultural e de um elevado espírito crítico para concretizar capazmente a sua missão» — assim se expressou o Presidente da República, general Ramalho Eanes, em mensagem enviada ao I Encontro de Jornalistas Açorianos.

Lê-se nesse documento que, «situado em diferentes níveis da cadeia de informação, o jornalista confronta-se diariamente com o desafio de responder, com rapidez e eficácia, aos acontecimentos, tratando-se de forma e sucinta — e devendo resistir, ao mesmo tempo, às pressões do poder político e de fortes correntes de opinião».

Acentua-se na mensagem que «a tentação de usar os meios de informação para prolongar situações de poder, ou para conquistá-lo, é sem dúvida uma das ameaças mais directas e efectivas ao correcto funcionamento de uma sociedade democrática».

E ainda: «Os agentes políticos devem não esquecer — por força da sua própria responsabilidade democrática — que a democracia dificilmente se enraizará na circula-

ção de informação, no seu tratamento e na sua divulgação, forem usados directa ou indirectamente, modelos mais característicos de sociedades autoritárias do que formações sociais cuja força advém da sua capacidade de albergar e dar expressão a posições diferentes e por vezes até antagónicas».

Por conseguinte, sublinha-se na mensagem, ao jornalista «pede-se hoje mais do que em qualquer outro tempo, que a par de uma vasta formação profissional e cultural mantenha uma independência crítica capaz de resistir a dificuldades económicas e a pressões políticas».

Referindo-se propriamente ao Encontro, o PR, aludindo ao tema de base do mesmo, «O Jornalismo na insularidade», afirma na mensagem que esse tema «compõe uma realidade que aponta a par naturalmente de outras localmente específicas».

Localizando-se, por assim dizer, diz a mensagem que «situados durante longo tempo num espaço meramente periférico da informação, os jornalistas açorianos assumem hoje uma posição central no que toca à Informação dessa realidade que é a autonomia da sua Região, sem perdermos a responsabilidade de acompanhar e traduzir o evoluir da realidade portuguesa em que todos nos inserimos. Dupla tarefa: dupla responsabilidade, portanto».

Lumiar segue nos próximos episódios

Câmara de Lisboa em tempo de moções com gosto “AD”

A sessão da Câmara Municipal de Lisboa decorreu ontem em ambiente de marcar passo pelo que se deduz do comunicado oficial da reunião e dos elementos recolhidos pelo «DL».

A mais importante consequência deste facto é o de não ter sido possível entrar numa questão já pendente da sessão pública da semana passada e tão importante como é o projecto do Alto do Lumiar.

Os problemas de habitação que a população da capital sente com carácter de drama, urgente e doloroso, mereceu, contudo, um bocadinho de atenção dos vereadores. Foi o caso de ter sido aprovada por unanimidade a abertura de uma empreitada para a adaptação das caves de vários lotes, na Quinta dos Ourives para realojamento de famílias oriundas de prédios em ruínas ou barracas

consumidas por incêndios.

Tempo de moções, portanto. A AD apresentou-se com duas referentes a homens da sua área: Sá Carneiro e Amaro da Costa. Oportunidade óbvia para elegia do seu próprio projecto político, que a APU repudiou e o PS encanou com a abstenção.

Para arquivo, aqui fica o que a AD exaltou com os seus votos sobre Sá Carneiro. «A figura singular e excepcional de líder político, de estadista nacional, de governante lúcido que marcou com acções fecundas a vida política portuguesa».

Com o mesmo objectivo, o que ficou registado sobre Amaro da Costa: «Parlamentar e polemista notável lutador pela liberdade e pela democracia e governante prestigiado».

O PS tinha uma moção sobre o mesmo tema. O seu conteúdo

do porém não é referido pelo comunicado oficial da Câmara de Lisboa sobre a reunião dos vereadores.

Uma outra moção aprovada e subscrita por unanimidade referia-se a Timor e foi levada pelo presidente Abecasis. Era uma declaração de solidariedade para «com as posições que têm vindo a ser assumidas pelos órgãos de soberania da República Portuguesa, numa obra inequívoca da vontade nacional, ao defender vigorosamente os direitos de Portugal e ao requerer para o povo de Timor o direito à liberdade, autodeterminação e independência».

O documento condena ainda os «crimes, as prepotências e os genocídios cometidos pela potência invasora», que, a qual potência, no comunicado oficial da CML também é nomeada: a Indonésia.

Medalha houve uma, a de prata, que vai destinada ao maestro Tavares Belo, profissional da música, que consagrou muito do seu tempo à capital. A homenagem está aí, no termo de mais de 40 anos de trabalho.

Uma nota à margem: na semana passada Alfredo Moura, da APU, tinha pedido explicações sobre declarações de Abecasis em que referia a existência de um órgão municipal de Protecção Civil. Pergunta do vereador: com base em que legislação?

O presidente explicou, ontem, que se baseara numa carta do general Neves Cardoso, presidente do SNPC, em que a propósito da prevenção de sismos, sugeria a criação de uma estrutura municipal para actuar em casos de catástrofes. Lei, pelos vistos, que ainda não foi descoberta.

Evocação de Sá Carneiro: manipulação política

— denuncia PCP

«A exemplo do que já aconteceu com programas similares transmitidos em anteriores ocasiões, o programa evocativo de Sá Carneiro que a RTP impôs aos telespectadores é uma nova confirmação de que os responsáveis por aquela empresa pública de Comunicação Social espezinham conscientemente os mais elementares princípios constitucionais e legais» — denuncia o PCP, através de uma nota da SIP.

«Com efeito — lê-se nessa nota —, o programa sobre Sá Carneiro, cuja integral responsabilidade só pode ser atribuída à RTP, constituiu, não apenas um escandaloso tempo de antena concedido ao PSD, aos seus dirigentes e a figuras próximas daquele partido, mas também um pretexto para dirigir calúnias e ataques contra o PCP e para divulgar grosseiras falsificações sobre a situação política portu-

guesa depois do 25 de Abril».

Prosseguindo, a nota afirma ainda: «Tal como a RTP antes dominada pela AD, também a RTP, onde elementos do PS ocupam posições-chave, continua a não querer compreender que, enquanto órgão de Comunicação Social do Estado, não deve, não pode e não tem que ter opinião nem sobre a evolução da situação política nacional nos últimos anos, nem sobre cada um dos partidos políticos».

Porque as coisas são assim, refere ainda a nota que «o programa sobre Sá Carneiro tem, assim, de ser considerado um acto premeditado e ilegal de propaganda partidária e de inadmissível agressão ideológica e política, inserido em práticas de manipulação e instrumentalização que não podem deixar de suscitar uma severa condenação e um firme combate».

Alemães procurando as portas

Energia nuclear? Sim de consórcio nacional

A participação da indústria portuguesa num possível programa nuclear nacional é uma das principais questões a abordar num simpósio sobre tecnologia nuclear na Alemanha Federal que ontem começou em Lisboa.

O Simpósio foi organizado pelo Ministério da Investigação e Tecnologia da Alemanha Federal com a colaboração de um consórcio industrial que integra a Mague, Empresa Metalomecânica

Portuguesa, a Kraftwerk Union da RFA e a Brown Boveri Cie da Suíça, cuja formação foi divulgada no início dos trabalhos.

Este consórcio industrial tem como objectivo «preparar-se para a eventualidade do Governo português vir a decidir-se pela construção de uma central nuclear», disse Vieira da Fonseca, director da Mague.

«Se a opção nuclear vier a ser

tomada, o consórcio pretende maximizar a participação nacional» — afirmou.

Referiu que essa participação «poderá rondar os 30 por cento na área metalomecânica».

O objectivo do encontro é «mostrar o desenvolvimento, o estado actual e as perspectivas futuras da tecnologia nuclear na Alemanha Federal e as possibilidades de uma colaboração inter-

nacional» — afirmaram os organizadores.

No Simpósio, que se prolonga até quarta-feira, participam o vice-ministro para a Investigação e Tecnologia e o director da Energia Nuclear da Alemanha Federal, respectivamente Hans Hilger Haunschild e Manfred Popp, para além de peritos alemães e portugueses do sector nuclear e dos representantes das empresas do consórcio.

Projecto de lei foi feito há um ano

PPM quer legislar para degradados do Porto

A Comissão Política do Porto, do PPM, protestou contra o «silêncio a que foi votado por parte dos governantes o projecto de lei sobre a recuperação das zonas degradadas históricas da Ribeira — Douro».

Em comunicado, o PPM recorda que desde há muito vem clamando pela «urgente criação dos instrumentos legais que possibilitem a recuperação de

toda a zona degradada ribeirinha de Gaia e Porto».

«Para isso, o PPM apresentou à Assembleia da República, em Março de 1982, o projecto sobre a recuperação daquelas zonas».

Tal projecto — diz o texto — foi discutido com os responsáveis pelas câmaras municipais envolvidas e pelo Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira Barredo (CRUAB).

«O projecto será discutido simultaneamente com um outro, que versava a mesma matéria, da autoria do PS. Contudo, a sua discussão foi protelada indefinidamente pelo PS e por alguns responsáveis do PSD» — acrescenta.

Entretanto, a AR foi dissolvida e, após as eleições para o novo Parlamento, nunca mais o problema foi ventilado, mantendo-

Críticas também do CDS

Também o CDS, através do seu Departamento de Comunicação, critica a evocação de Sá Carneiro.

Na opinião daquele partido, «o programa era anónimo, não tinha autor nem era responsável» — e, além disso, quis reduzir Sá Carneiro à condição de dirigente partidário e não de grande dirigente nacional».

De acordo com o CDS, «o programa foi na sua maior parte uma exibição de vaidades e justificações pessoais de dirigentes e linhas do Partido Social-Democrata, com esquecimento do próprio evocado».

Assim, «esqueceu-se do princípio ao fim do programa o

papel da Aliança Democrática ao serviço de cujo ideal Sá Carneiro morreu, bem como os partidos que acompanharam Sá Carneiro e o PSD no Governo da AD».

Salienta o CDS que «não houve uma única palavra para os outros mortos do desastre de Camarate, nem sequer para Adelino Amaro da Costa, ministro da Defesa de Sá Carneiro e que o acompanhava no momento da morte».

Conclui o CDS que o programa em causa «acabou por se transformar em tempo de antena do actual PSD e propaganda do bloco central contra o qual o homenageado combatera».

de ontem para hoje

Três irmãos franceses condenados em Portimão por tráfico de droga

NO Tribunal Judicial de Portimão foram condenados três irmãos de nacionalidade francesa, os quais em 3 de Janeiro último foram detidos numa cave em Vale de Lagar (Carvoeiro), tendo em seu poder 186 quilos de haxixe, no valor de 60 mil contos. O colectivo, presidido pelo dr. Brito Câmara, condenou Hervé Reuiller em quatro anos de prisão maior e sessenta contos de multa, Gils Reuiller e Francis Reuiller em seis anos e seis meses de cadeia e ao pagamento de oitenta contos de multa. O Tribunal determinou que os reus sejam expulsos de Portugal após cumprirem a pena, não podendo regressar ao nosso país num período de vinte anos. O advogado de defesa, Otão Silva Pinto, vai interpor recurso ao Tribunal da Relação de Évora, tendo afirmado «não existem provas que possam incriminar os seus constituintes».

Eunice Muñoz homenageada na Amareleja

Eunice Muñoz irá ser homenageada na Amareleja, sua terra natal, durante a digressão que a companhia de Teatro Nacional está a efectuar ao Alentejo com a peça do norte-americano Eugene O'Neil, «Longa Viagem para a Noite». O espectáculo, encenado por Jacinto Ramos e interpretado por Rogério Paulo, Lígia Telles, Mário Pereira, Carlos Daniel e Luz Franco, que já se apresentou em Vila Viçosa, Estremoz e Borba estará esta noite, a partir das 21 e 30, em Elvas, deslocando-se seguidamente ao Alandroal, Mourão, Barrancos, Moura e finalmente Amareleja. A digressão prolongar-se-á por todo o país até ao final do primeiro trimestre de 1984.



Recolha de sangue em Palmela

A semelhança do que já acontece há anos na Quinta do Anjo, em Palmela, a Comunidade Cristã daquela vila do distrito de Setúbal marcou para o próximo dia 8, entre as 9 e as 12 e 30, uma colheita de sangue a favor dos doentes que dele careçam, sem qualquer discriminação religiosa, política, de naturalidade ou residência. As operações de recolha decorrem na sede da Sociedade Musical, estando assegurados transportes para as pessoas que ali se queiram deslocar.

Telefonemas anónimos perderam «rato»

O 1.º Tribunal Criminal do Porto condenou o electricista Jorge Manuel Oliveira Araújo, de 21 anos, na pena de cinco anos de cadeia pela autoria de dois crimes de furto de objectos do interior de automóveis. Por já ser useiro e vezeiro nestas práticas, Jorge Araújo viu agravada a sua situação, uma vez que o juiz daquele colectivo, dr. Celestino Nogueira, o considerou como «um delinquente, por tendência». Jorge foi detido na madrugada do dia 31 de Junho último, na Rua Júlio Dinis, momentos antes de retirar o rádio-leitor de cassetes de um veículo ali estacionado e pertencente a Amândio Pina Pinto. A intervenção dos agentes da PSP ficou a dever-se a um telefonema feito por alguém para o «115». Para além deste delito, o referido electricista respondeu ainda por outro caso idêntico, ocorrido pelas 18 horas de 23 de Julho de 1980, na Rua do Bom Sucesso, ao apoderar-se de uma bolsa com documentos que estavam no automóvel de José Joaquim Martins Pereira, tendo sido também capturado na sequência de um telefonema de alerta para a PSP.

Homem morto numa barraca da Damaia

Um homem de 57 anos, Alberto Augusto de Oliveira e Sousa, foi encontrado sem vida na barraca onde vivia sozinho, na Estrada Militar, à Damaia, no concelho da Amadora. Embora, segundo a PSP, não existam em princípio suspeitas de crime, o cadáver foi removido para o necrotério do Instituto de Medicina Legal a fim de ser autopsiado.

Cacilheiro encalhado no Seixal

Um barco da carreira Terreiro do Paço-Seixal esteve encalhado entre as 20.10 e as 22.30 de ontem mas acabou por safar-se pelos seus próprios meios, sem que se tenha registado acidentes pessoais. A ocorrência envolveu o barco «Nacional», pertencente à Transtejo, que partiu do Terreiro do Paço às 19.45, para realizar a última carreira do dia para

o Seixal. O encalhe teve lugar a sul da boia de entrada do braço de rio que conduz ao ancoradouro daquela vila da margem sul. Dadas as circunstâncias, teve de efectuar-se o transbordo dos passageiros para embarcações de pesca que os transportaram ao cais seixalense. Os bombeiros locais participaram nas operações de transbordo dos passageiros.

Provedor de Justiça em Trás-os-Montes

O Provedor de Justiça anunciou para os próximos dias 12 e 13 do corrente viagens respectivamente a Bragança e Vila Real. Deste modo os interessados em reclamar contra órgãos da administração central, local ou outras entidades públicas poderão marcar entrevistas nesses dias com o dr. Ayala Chaves nos edifícios dos respectivos tribunais, a partir das 10 horas. As reclamações deverão ser feitas por escrito, em papel comum, e os queixosos terão de se inscrever na respectiva secretaria judicial até ao meio-dia dos dias anteriores aos da visita do Provedor de Justiça.

Por um processo já instruído em 1980

Isabel do Carmo e Carlos Antunes procurados pela Polícia Judiciária

• Fernanda Flórido detida no Porto

Uma ex-presa do «Caso PRP», Fernanda Flórido, voltou ontem a ser detida no Porto pela Polícia Judiciária, havendo ainda mandados de captura passados pelo 1.º Juízo Criminal de São João Novo, referentes a um processo cuja instrução começou em 1978 e foi concluída em 1980, contra outros militantes daquele partido, entre os quais Isabel do Carmo, Carlos Antunes, João Ribeiro e João Santos, todos eles a aguardar julgamento em liberdade por terem ultrapassado o prazo de prisão preventiva.

Em declarações prestadas à ANOP Isabel do Carmo considerou este súbito desenvolvimento do «Caso PRP» como «uma investida de certos sectores do Poder Judicial no sentido de tentarem abrir uma guerra num momento em que a Lei de Amnistia volta ao Parlamento».

Para Isabel do Carmo «os sectores mais retrógrados do Poder Judicial desejam continuar a repressão arbitrária e a perseguição política própria de um regime antidemocrático», acrescentando que, no entanto, «a Direcção do PRP está disposta a responder com a mesma firmeza anteriormente demonstrada».



Carlos Antunes e Isabel do Carmo fotografados pouco depois da sua última libertação, em Maio deste ano

Referindo-se a Fernanda Flórido, Isabel do Carmo disse que a mesma fora detida em Junho de 1978 e libertada na sequência da

greve de fome de 30 dias dos presos do PRP, em Outubro de 1979, devido ao seu estado de saúde. Julgada no Tribunal de

Matosinhos, fora condenada a quatro meses de prisão, pena que já cumprira largamente em detenção preventiva.

A posição da CLCR

Referindo-se à evolução deste processo, a Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) denunciou ontem no Porto «a forma capciosa e fraudulenta como a Polícia Judiciária continua a inventar ou a ressuscitar processos já resolvidos do Caso PRP». Para a CLCR «antifascistas continuam a ser encarcerados como sucedeu agora com Fernanda Flórido». O comunicado frisa ainda que «ao contrário das benesses concedidas aos delatores e provocadores, os antifascistas continuam ainda hoje sujeitos à arbitrariedade da Polícia Judiciária».

A finalizar, a CLCR refere que «pelo conhecimento que tem de que mais prisões irão ser efectuadas, alerta a opinião pública para a necessidade da solidariedade activa em torno dos antifascistas ainda detidos e daqueles que possam ainda vir a ser presos».

Meio milhar sem casa e 365 sem comida

Loures dá prazo ao Governo para resolver problemas provocados pelas cheias

Mais de três centenas de sinistrados do concelho de Loures estão desde ontem a ser alimentados pela Câmara Municipal, uma vez que o Serviço Nacional de Protecção Civil lhes «cortou» a comida. Já no domingo esses 365 sinistrados das inundações de 19 de Novembro só comeram uma vez, porque o SNPC não lhes fez chegar alimentos e a população só tardiamente se apercebeu do facto.

A Câmara Municipal distribuiu durante todo o dia e noite de ontem, pelas Juntas de Freguesia do concelho, proporcionalmente ao número de carenciados, a alimentação que pôde e conforme as necessidades de cada um, bem como géneros e roupas que lhes chegaram das UCP's da Zona de Intervenção de Reforma Agrária do distrito de Évora e da emigração, respectivamente, e algum dinheiro (setecentos contos), igualmente vindo da zona da RA e da emigração.

Entretanto o número de famílias desalojadas em todo o concelho é de 153 num total de 540 pessoas, havendo a possibilidade do Conselho de Ministros de hoje vir a debater uma proposta feita pela Câmara Municipal de Loures no sentido de

serem realojados em casas construídas e sem procura no mercado habitacional. Os autarcas aprovaram por unanimidade na reunião de ontem uma moção em que intimam o Governo a «tomar medidas urgentes para o realojamento imediato das famílias desalojadas» e assegurar o seu «alojamento definitivo, nomeadamente através da requisição de fogos devolutos no concelho».

Reivindicações dos autarcas

Na reunião, ontem efectuada nos Paços do Concelho na qual participaram os vereadores e eleitos da Assembleia Municipal e das dezasseis Juntas e Assembleias de freguesia dos concelhos, foi aprovado um documento dirigido ao Governo reivindicando a continuação do fornecimento de alimentos às famílias sinistradas, bem como a tomada de medidas gentes para o realojamento dos deslocados através da requisição dos fogos devolutos e a indemnização dos comerciantes desalojados e industriais pelo bens perdidos ou prejuízos ocorridos.

Se até ao dia 12 do corrente o Governo não responder cabal-

mente a estas reivindicações, a população de Loures deslocar-se-á em peso à Assembleia da República, tendo à frente o vereador socialista Rui Casimiro que não subscreveu esta proposta, mas ressaltou na reunião que encabeçará a manifestação se a situação não for desbloqueada até à próxima segunda-feira. Entretanto, decorre nas instalações da antiga Junta Distrital de Lisboa, à Rua José Estêvão, n.º 137, em Lisboa, a Assembleia Distrital convocada pelo Governador Civil e que tem como ponto único da ordem de trabalhos a análise da situação decorrentes dos temporais de 19 e 20 de Novembro último.

Solidariedade estrangeira

A solidariedade de alguns países já por mais de uma vez manifestada está de novo na ordem do dia relativamente às consequências das cheias acima referidas.

Assim, a Holanda decidiu atribuir à Santa Casada Misericórdia de Torres Vedras um donativo de um milhão de escudos. O embaixador da Holanda vai deslocar-se àquele concelho

para entregar pessoalmente o referido montante ao Provedor da Santa Casa da Misericórdia, na presença do presidente da Câmara de Torres Vedras.

A Holanda decidiu ainda oferecer 50 electrobombas, a distribuir em colaboração com o Serviço Nacional de Protecção Civil, às corporações de bombeiros cujo material ficou em parte danificado.

Por outro lado, a Embaixada da República da Argentina e a Associação de Coros Amadores da Área de Lisboa promovem amanhã à noite um festival de música popular inspirada no homem das «pampas». Os 10 grupos corais de Lisboa são: o Coral Encontro (de Queluz), o do Conservatório Nacional do Centro Comunitário de Carcavelos, Coro Infantil de St.º Amaro de Oeiras, Coro Juvenil da Escola de Música e Bailado de Linda-a-Velha, de St. Amaro de Oeiras, de St.º António dos Cavaleiros, Grupo Coral «Sol Nascente» e os Pequenos Cantores de Lisboa.

Entretanto chegou a Lisboa um camião TIR com donativos dos emigrantes, recolhidos através de uma campanha lançada na zona Paris por uma estação de rádio.

Jornadas da Escola de Saúde

Administração hospitalar à procura de soluções

«A Informação de Gestão no Hospital» é o tema fulcral das V Jornadas de Administração Hospitalar que desde ontem decorrem no Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a cuja sessão de abertura presidiu o ministro Maldonado Gonet.

Destinadas a administradores hospitalares e a outros profissi-

nais de saúde ligados à organização e funcionamento dos hospitais, estas V Jornadas são uma iniciativa da cadeia de Administração Escolar da Escola Nacional de Saúde Pública, encerrando amanhã no LNEC.

O tema central dos debates é, como acima referimos, A Infor-

mação de Gestão no Hospital, desdobrando-se, contudo, em três subtemas, dois deles em discussão na sessão de hoje: Informática e Tratamento de Dados e Microfilmagem e Arquivo de dados. Amanhã estará em debate a questão «Aspectos da Utilização da Informação de

Gestão».

O objectivo destas jornadas é, segundo a sua comissão promotora, o de «encontrar soluções que conduzam a um futuro mais firme e rico no domínio da tomada de decisão, planeamento e avaliação global» na administração hospitalar.

Andavam a "experimental" uma caçadeira e uma pistola Três portugueses condenados em França por caçarem ratos no aeroporto de Boissy

Três portugueses, acusados de caça «aos coelhos e aos ratos» no aeroporto internacional de Boissy foram condenados ontem à tarde ao pagamento de 1500 francos (cerca de 24 contos) de multa cada, por um tribunal de Boigny (região de Paris). Mas contemos a história: no passado dia 9 de Janeiro, ao nascer do sol, Porfírio Carones, marceneiro, de 33 anos, Rodrigues Carones e Afonso Luís da Costa, dois pedreiros de 31 anos, foram à caça «aos coelhos e aos ratos», segundo disseram, num terreno semeado de detritos no aeroporto de Boissy. Pretendiam assim «experimental» uma caçadeira e uma pistola 22-long

rifle». Tiveram no entanto azar pois

Uma patrulha policial que estava de ronda viu-os e deteve-os. Foram mandados em liberdade a aguardar julgamento.

Ontem compareceram perante o Tribunal de Bobigny para responderem por infracção à legislação sobre a caça. «Não estão integrados na vida urbana», argumentou o advogado. São rurais. Devem ser perdoados».

O presidente do tribunal, embora algo divertido por este «caso raro» numa zona fortemente urbanizada, ordenou o confisco das armas dos réus, condenando-os à pena acima referida.

Proveniente do Zaire Caixotes com liamba apreendidos no Aeroporto de Pedras Rubras

No aeroporto de Pedras Rubras, no Porto, foram apreendidos três caixotes com 170 quilos de Liamba, num valor que foi estimado em quarenta mil contos. A droga encontrava-se ali armazenada há cerca de cinco meses, presumindo-se que fizesse parte do mesmo lote de «encomendas» que os Serviços Alfandegários lograram detectar em Maio último. Tais caixotes eram provenientes do Zaire e destinavam-se a uma mulher que está a ser activamente procurada pela Secção Regional de Investigação do Tráfico de Estupefacientes da Polícia Judiciária. Como a mercadoria não foi levantada no prazo normal, os

funcionários encarregados da fiscalização resolveram abrir os caixotes. Tal como em encomendas anteriores, a liamba estava acondicionada em sacos de plástico e, sobre estes, uma camada de peixe seco, misturado com amendoim. A mesma técnica de embalagem para evitar que o cheiro intenso da liamba chegasse ao exterior.

Recorde-se, a propósito, que de Maio até agora, os Serviços Alfandegários de Pedras Rubras já apreenderam um total de 350 quilos de liamba, fora outras drogas duras que ali têm sido detectadas embora em menor quantidade.

Avenida 24 de Julho fechada ao trânsito

O trânsito automóvel encontra-se interrompido desde as oito horas desta manhã devido ao rebentamento de uma conduta de água, numa situação que, segundo a EPAL, só deverá ficar resolvida ao fim da noite de hoje. O porta-voz daquela empresa pública esclareceu que a via dos «eléctricos» paralela à referida avenida apenas está aberta à circulação dos transportes públicos «e mesmo assim encontra-se muito congestionada».

O rebentamento da conduta de oitenta milímetros danificou o pavimento a toda a largura da artéria numa extensão de cinco a seis metros. O informador da EPAL considerou tratar-se de «um acidente imprevisível» e frisou que o rebentamento da conduta, que abastece a zona baixa de Lisboa até Algés não está a

afectar os consumos de água, pois a empresa accionou de imediato soluções alternativas. «Não temos previsões concretas quanto à duração dos trabalhos de reparação», disse, para acrescentar ue «até ao fim do dia de hoje» as obras deverão estar concluídas.

Faça ao incidente, os automobilistas que pretendam sair de Lisboa em direcção a Algés, pela Baixa, deverão seguir pela Rocha do Conde de Óbidos ou pela Avenida D. Carlos I, Estrela, Infante Santo e depois tomarem a Avenida 24 de Julho, artéria que a partir desta zona se encontra transitável.

Para os automobilistas que pretendam entrar na capital a partir de Algés, os caminhos alternativos são, entre outros, a Avenida Brasília, a Avenida de Ceuta e Monsanto.

Municípios têm renda por "produzirem" energia

«Os municípios cuja circunscrição seja atingida pela zona de influência de centros electroprodutores terão direito ao recebimento de uma renda anual, a pagar pela EDP» — nos temos de um diploma hoje publicado pelo «Diário da República», com a tutela dos Ministérios da Administração Interna e da Indústria e Energia.

O Decreto-Lei, com o número 424/83, tem em conta o aumento do número e da dimensão das novas centrais térmicas e a sensibilização das populações para os seus efeitos nocivos. Por isso, a presente institucionalização de formas de compensação a dar às populações.

O diploma prevê, paralelamente, «uma larga informação

sobre a justeza das soluções adoptadas quanto à localização, tipo, dimensão e meios utilizados para atenuar o impacto sobre o ambiente».

O caso das centrais nucleares não é mencionado como uma das preocupações que levaram à elaboração da compensação agrária consagrada. Mas a sua existência é já aqui prevista e o referido impacto sobre o ambiente reconhecido como o de maior relevo.

O pagamento da renda anual é feito tendo em conta a zona de influência do centro produtor, variável pois com as suas características: de turbinas a gás ao nuclear, passando pela queima de fuel-óleo e ocupação com albufeiras.

A cada uma a sua agricultura Regiões vão mostrar o que valem no Encontro Nacional da Foz do Arelho

Fazer de modo sistematizado, e por recurso a metodologias modernas, a valiação dos trabalhos já realizados, em curso ou a iniciar em 1984 por cada uma das Direcções Regionais de Agricultura é a principal finalidade do Encontro Nacional sobre Regionalização da Agricultura que entre 14 e 16 do corrente decorrerá nas instalações do INETEL, na Foz do Arelho.

O encontro tem o apoio do Mi-

nistério da Agricultura, Florestas e Alimentação e de algumas empresas e instituições de crédito, prevendo-se que nele participem centena e meia de individualidades de cada uma das sete regiões agrícolas do País: Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, Beiras Litoral e Interior, Ribatejo/Oeste e Algarve que, como se sabe, foram criadas há seis anos no seio do MAFA.

Serão, obretudo, agricultores

e representantes das suas associações, Cooperativas e Unões, de autarquias, das comissões de planeamento regional, de instituições de crédito e de apoio à agricultura, técnicos e dirigentes das Direcções-regionais e Centrais da MAFA, os participantes que animarão este I Encontro sobre a Regionalização da Agricultura organizada pela Associação Dinamizadora da Regionalização Agri-

cola (ADIRA), recentemente criada.

Nesse sentido, várias reuniões preparatórias foram levadas a cabo nos dois últimos meses, apontando para a identificação de «um enorme potencial de desenvolvimento regional, quer em actividades agrícolas tradicionais cereais, vinho e leite de bovinos e ovinos —, quer em novas ou incipientes actividades», sublinha a ADIRA.

Socialistas apoiam projecto para descentralizar educação

Presidentes de 26 municípios socialistas a norte do Mondego apoiaram em Braga as propostas do Ministério da Administração Interna sobre a descentralização dos serviços de educação.

Esta posição foi anunciada em conferência de Imprensa realizada na Casa Municipal de Cultura, sob a presidência de Mesquita Machado, presidente da Câmara Municipal de Braga, que foi eleito para a Comissão Executiva Nacional das Associações de Municípios que integra dois elementos de cada partido.

Mesquita Machado representa o Norte e a Região Sul será representada pelo presidente da Câmara da Nazaré.

As propostas do Ministério da Administração Interna aprovadas em Conselho de Ministros incidem sobre a área do ensino básico para a gestão autárquica municipal.

O apoio surge na sequência das diversificadas posições que têm sido tomadas relativamente ao pacote autárquico aprovado na generalidade em Conselho de Ministros, nomeadamente quanto ao início do processo de descen-

tralização do Ensino Primário e Pré-Primário.

Os 26 autarcas socialistas presentes sugeriram no decorrer da reunião que o mesmo processo se desenvolvesse nas áreas da saúde, segurança social, Direcção-Geral do Equipamento de Recursos Urbanos e Política de Solos, devendo ser descentralizadas as competências e transferidas as respectivas verbas para as autarquias.

Entretanto, foi denunciada a campanha que organizações sindicais têm vindo a desenvolver, «escamoteando toda a verdade

e, arrogantemente, denegrindo a imagem e idoneidade das autarquias, ao pressionarem o Parlamento a rejeitar a proposta do Governo com o objectivo de criar condições políticas para a descentralização da actual coligação» — lê-se num documento distribuído no final da reunião.

O mesmo documento denuncia «a acção demagógica de membros da Comissão Organizadora do Congresso das Autarquias que, em nome destas tem vindo a tomar posições sobre o assunto sem que para isso tenham recebido qualquer mandato».



COMPANHIA PORTUGUESA RADIO MARCONI S.A.R.L.

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL DE 598.000 PARA 1.500.000 CONTOS

Por Portaria de 28 de Outubro de 1983, publicada no Diário da República, 1.ª Série, n.º 249, de 28 de Outubro de 1983, foi autorizado o aumento do capital social em 902.000 contos, representados por 4.510.000 acções do valor nominal de Esc. 200\$00 cada, das quais 1.064.000 são destinadas à

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA

As acções serão colocadas ao preço de Esc. 450\$00 cada;

O pagamento será feito, integralmente, no acto da subscrição;

A subscrição fica sujeita a rateio;

As acções serão ao portador ou nominativas, conforme a preferência dos subscritores;

As novas acções terão direito ao dividendo que vier a ser distribuído relativamente ao exercício de 1983, proporcionalmente ao tempo que decorrer entre a data da subscrição e 31 de Dezembro de 1983.

A subscrição estará aberta de 12 a 19 de Dezembro de 1983

nos balcões do **BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA** e do **BANCO NACIONAL ULTRAMARINO** que TOMARAM FIRME A EMISSÃO e ainda, nos balcões das seguintes Instituições de Crédito:

BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
MONTEPIO GERAL
MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL
BANCO DO BRASIL
BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA, LTD.
CRÉDIT FRANCO PORTUGAIS

As importâncias relativas a acções subscritas e não atribuídas, em consequência de eventual rateio, serão devolvidas no **prazo de 15 dias** após o encerramento da subscrição.

As cautelas serão substituídas pelos títulos definitivos até seis meses após o encerramento da subscrição, sendo, de seguida, solicitada a sua admissão à cotação nas Bolsas de Lisboa e Porto.



24 horas

As eleições na Venezuela

Jaime Lusinchi ganhou as eleições presidenciais venezuelanas com 52,61 por cento dos sufrágios, segundo os resultados oficiais comunicados pelo Conselho Supremo Eleitoral (CSE). O seu partido, a Acção Democrática, obteve 44,25 por cento dos sufrágios nas eleições parlamentares, o que lhe deverá proporcionar a maioria no Congresso. Rafael Caldera (social-cristão), obteve, por seu turno, 36,80 por cento dos sufrágios, e o seu partido, o Comité de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI), obteve 28,31 por cento dos votos.

Heineken: pista espanhola



A mulher de Robert Grifhorst, acusado de ter organizado, de Espanha, o rapto do «rei da cerveja», Heineken, foi detida pela polícia holandesa — informou hoje um porta-voz

oficial. A detida, de que só foi revelada a idade (31 anos), deslocou-se à Holanda depois de saber da detenção do marido, em 30 de Novembro, no aeroporto de Schiphol (Amsterdão), «graças» a uma informação da Polícia de Málaga. (Espanha).

Robert Grifhorst, considerado o «cérebro» do rapto de Heineken, possuía um bar em Torremolinos (Málaga) e encontrava-se sob vigilância por indicação da Polícia holandesa, antes da libertação do industrial e do seu motorista quarta-feira passada. Três suspeitos — Frederic Holleder, Frederic Meyer e Cornelius Van Hout — são procurados em Espanha, bem como parte do resgate pago. Os detidos são submetidos a exames minuciosos porque as notas entregues para resgatar Heineken foram impregnadas de uma substância química detectável em laboratório.

O rei de Espanha em Nova Iorque

Os reis de Espanha iniciam hoje uma visita de carácter privado a Nova Iorque, em cuja universidade o rei Juan Carlos receberá o título de doutor «honoris causa» em Direito. Juan Carlos e Sofia estarão hoje num jantar de gala oferecido pela universidade, durante o qual se anunciará a criação de uma cátedra de gala oferecido pela universidade, durante o qual se anunciará a criação de uma cátedra de estudos espanhóis que se chamará Juan Carlos I. Os reis de Espanha terão também um almoço privado com o presidente Ronald Reagan, na Casa Branca. O doutoramento «honoris causa» em Direito pelo «destacado papel do rei no processo constitucional espanhol», que Juan Carlos receberá em Nova Iorque é o oitavo título deste género recebido pelo monarca.

Quem quer Bokassa?

O ex-imperador Bokassa está disposto a instalar-se no seu castelo de Hardricourt, arredores de Paris, apesar do desejo do Governo francês de que se demore lá o menos possível. Jean Bedel Bokassa chegou domingo à noite ao aeroporto parisiense de Roissy, depois de ter vivido em Abijan, Costa do Marfim, desde que há quatro anos foi derrubado do seu cargo de imperador na actual República Centro-Africana. Fontes oficiais francesas referiram que, aparentemente o presidente Houphouët Boigny que há quatro anos acedeu a um pedido de Giscard d'Estaing para que Bokassa passasse a viver na Costa do Marfim, cansou-se dele. Sem pensar duas vezes, Bokassa partiu para França, acompanhado de sua mulher Catarina e de uma «pequena parte» da família — acrescentaram. De diamantes ninguém voltou a falar, entretanto.

Governo colegial na Síria

Foi constituída na Síria uma direcção colegial de seis membros, na sequência da hospitalização do presidente Hafez El Assad (a 13 de Novembro) para despachar os assuntos correntes, julga saber o semanário libanês «Al Nahar Al Arabi Wal Dauli», citando fontes diplomáticas.



“Raid” americano Síria anuncia morte de um dos pilotos capturados

Enquanto o Pentágono qualificava ontem como um êxito o «raid» efectuado no domingo por aviões americanos contra posições sírias no Líbano, a URSS, através de uma declaração da TASS, condenou aquele «raid» que classificou como um «novo acto bárbaro». Entretanto, os Estados Unidos pretendem agora negociar com a Síria a libertação de um piloto norte-americano preso após o derrube do seu avião, tendo a Síria já anunciado a morte do segundo piloto.

Morreram 16 pessoas e 100 ficaram feridas na explosão de um carro amadilhado verificado ontem num bairro muçulmano da parte ocidental de Beirute, segundo um novo balanço não-oficial publicado hoje. Recorde-se que, conforme ontem noticiámos, os primeiros balanços apontavam para 20 mortos e 84 feridos. A deflagração provocara o desmoronamento de um edifício e um enorme incêndio que levou quatro horas a ser dominado. Nos bairros da parte ocidental da capital libanesa é observada hoje uma greve parcial, em sinal de protesto contra aquele acto. Hoje de manhã eram também assinalados confrontos nas colinas de Chueifat, que dominam o aeroporto, a sul de Beirute.

Entretanto, um porta-voz militar sírio anunciou, na segunda-feira, que um dos dois membros da tripulação do avião americano A-6 Intruder, abatido durante o «raid» americano de domingo, morreu. O porta-voz, que não precisou de que circunstâncias o avião foi morto, indicou que o seu corpo poderá ser entregue hoje na Embaixada dos EUA em Damasco.

O segundo avião, feito prisioneiro depois de se ter ejetado do aparelho, «só será entregue aos Estados Unidos quando a guerra do Líbano terminar e depois da partida do contingente americano da Força Multinacional», acrescentou o porta-voz.

Por seu turno, a embaixadora norte-americana na ONU, Jeanne Kirkpatrick pediu ontem ao secretário-geral da organização que «utilize os seus bons ofícios para a libertação do piloto» norte-americano em poder da Síria.

Kirkpatrick disse depois que

informou o secretário-geral da ONU de que os voos de reconhecimento, de domingo passado, da aviação norte-americana, que atacaram posições sírias no interior do Líbano, «foram autorizados pelo governo libanês». Entretanto, segue hoje para Damasco o enviado de Reagan para o Médio Oriente, Donald Rumsfeld, que irá negociar directamente com o presidente Assad a libertação do piloto.

Jumblatt lamenta

«Não queremos uma confrontação com a Síria, mas se voltar a acontecer algo parecido, tornaremos a responder», afirmou por seu lado, Ronald Reagan referindo-se aos acontecimentos de domingo. O presidente norte-americano acusou directamente o regime de Assad de «coordenar» os ataques contra aviões de reconhecimento da sexta frota norte-americana e salientou «não atirámos contra ninguém salvo quando as nossas forças foram atacadas».

Recorde-se que 28 aparelhos procedentes dos porta-aviões «Kennedy» e «Independence» atacaram, domingo de manhã, três posições de baterias anti-aéreas sírias, tendo dois aviões sido derrubados. Vinte e quatro horas depois as milícias druzas intensificavam a sua ofensiva contra as posições do Exército libanês, em Beirute e na montanha a leste da capital libanesa, tendo oito «marines» norte-americanos morrido, nas suas posições perto do Aeroporto Internacional de Beirute.

A morte dos Marines foi lamentada pelo dirigente druzo Walid Jumblatt que acusou o Exército libanês de ter rompido o cessar-fogo o que, disse, criou uma situação caótica e fez vítimas inocentes, como os Marines».

URSS condena

A URSS condenou, oficialmente, segunda-feira, por intermédio de uma declaração da TASS, o «raid» americano de domingo, no Líbano, qualificado de «novo acto bárbaro».

Denunciando a «escalada da ingerência armada» dos Estados Unidos nesta região, o documento salienta que «algumas dezenas de caças-bombardeiros estacionados em porta-aviões ameri-

canos submeteram a um bombardeamento maciço várias zonas da montanha libanesa e em particular as posições das forças nacionais patrióticas libanesas e das tropas sírias que fazem parte das forças interárabes de manutenção de paz nesse país».

Segundo a declaração da agência oficial soviética, é «evidente» que este «raid» foi realizado com o objectivo de «agrar o clima no Líbano e à volta dele criar um pretexto para alargar as acções agressivas dos Estados Unidos à Síria».

Enquanto isso, o secretário de Estado americano George Shultz acusou a URSS de estar «ligada às agressões sírias» no Líbano. Numa conferência de imprensa realizada ontem, Shultz pediu à «União Soviética que aconselhe a Síria a abordar o problema libanês de uma maneira razoável».

Mas, nos Estados Unidos, o «raid» americano de domingo suscitou críticas, nomeadamente entre os democratas. Com efeito, o senador Barry Goldwater afirmou ontem que «não tem sentido que os Estados Unidos se envolvam numa guerra nessa parte do mundo», enquanto o ex-senador George McGovern declarou que os 1600 fuzileiros incorporados na Força Multinacional de Paz deviam regressar aos Estados Unidos «antes de serem vítimas da má maneira como o presidente Reagan está a conduzir a política norte-americana na região».

Por seu turno, o porta-voz dos trabalhadores britânicos para os Negócios Estrangeiros, Denis Healey, pediu a retirada do contingente britânico da Força Multinacional no Líbano. Para Healey, o «contingente britânico está a ser utilizado para dar uma fachada de respeitabilidade à estúpida e perigosa» política norte-americana.

Combates em Trípoli

Violentos duelos de artilharia rebentaram ontem, ao princípio da noite, em Trípoli (Norte do Líbano), segundo anunciou Rádio Líbano. Segundo a emissora, os combates com armas pesadas decorrem nos dois eixos principais, à entrada Norte da cidade e a Leste de Trípoli. Um grande número de granadas caiu no Norte, enquanto o barulho de canhões era ouvido em toda a cidade, acrescentou a Rádio.

Junta militar argentina anuncia que se autodissolve

A Junta argentina anunciou ontem a sua autodissolução, assinalando o começo de uma série de medidas e de cerimónias, durante as quais os militares, no Poder há cerca de oito anos, irão dar lugar, definitivamente, esta semana, às novas autoridades constitucionais.

Os comandantes-chefes do Exército, da Marinha e da Aviação, que integravam a Junta — «órgão supremo do Poder» — desde o golpe de Estado de Março de 1976, deram por «terminado o processo (militar) de reorganização nacional», que terá durado assim sete anos e nove meses.

Um comunicado oficial confirmando a informação será publicado posteriormente, revelou uma fonte governamental.

O general Cristino Nicolaidis, o almirante Ruben Franco e o brigadeiro Augusto Hughes, que formavam a quarta Junta desde o derrube do governo de Isabel Peron, abandonaram simultaneamente as suas funções à frente das três Armas, fazendo do general Reynaldo Bignone um «presidente provisório da República», até à investidura, no próximo sábado, de Raul Alfonsín, como 33.º presidente constitucional da Argentina.

A substituição interina dos três chefes militares deverá ser assegurada pelos chefes de Estado-Maior respectivos, enquanto se espera pela reestruturação das Forças Armadas, a que o próximo governo civil deve proceder.

Entretanto, o Parlamento argentino que devia ratificar ontem a sua eleição de Raul Alfonsín para a presidência e de Vitor Martinez para a vice-presidência da República, adiou ontem a sua protocolar, «devido a problemas técnicos no funcionamento parlamentar».

Com efeito, a Assembleia Legislativa (deputados e senadores) saída das eleições gerais do passado dia 30 de Outubro não pôde proclamar, como estava previsto, a eleição dos grandes eleitores, porque os sufrágios dos colégios eleitorais de três províncias (Misiones, Jujuy e La Pampa), enviados por correio, não chegaram a tempo ao Congresso.

A proclamação, que deve ter lugar possivelmente ainda hoje constitui uma simples formalidade, porque a eleição de Alfonsín e de Martinez está adquirida desde as eleições gerais, que lhes garantiram 336 votos de grandes eleitores, ou seja mais 35 por cento do que a maioria absoluta ne-

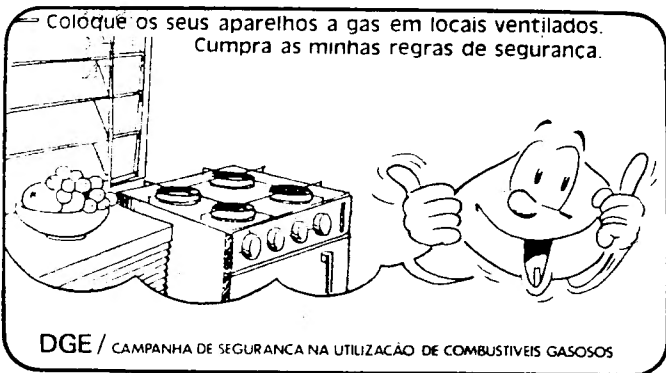
cessária no Parlamento. Os radicais ganharam as eleições com uma votação «inesperada» de 52 por cento dos votos, contra 40 por cento dos peronistas.

As autoridades militares teriam renunciado, por outro lado, à publicação de uma informação complementar que, segundo algumas fontes dignas de fé «devia fazer o balanço do processo de reorganização nacional».

«Era difícil conciliar os objectivos primitivos do processo com os resultados obtidos», precisou-se.

A derrota na guerra das Malvinas, a grave situação socioeconómica, uma inflação vertiginosa e uma enorme dívida externa tinham obrigado os militares a decidirem fazer voltar a Argentina à democracia no ano passado.

A transferência do Poder terminará em princípio no próximo sábado, depois de Raul Alfonsín prestar juramento perante o Parlamento. O presidente eleito receberá depois o bastão do comando e a faixa com as cores nacionais (azul e branco) das mãos do general Bignone, na presença de cerca de 800 convidados: chefes de Estado ou de Governo, ministros e altos funcionários de mais de sessenta países, bem como representantes de organismos internacionais.



Coloque os seus aparelhos a gas em locais ventilados. Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Governo soviético adverte

Território dos EUA ficará tão vulnerável como o da URSS

Os mísseis transportados pelos submarinos nucleares soviéticos serão uma ameaça contra o território dos EUA tanto ou mais eficaz que os novos mísseis norte-americanos na Europa — declarou ontem em Moscovo o CEMFA e vice-ministro da Defesa soviético, Nikolai Ogarkov. Estas declarações foram produzidas durante uma conferência de Imprensa na qual estiveram presentes Gueorgui Kornienko, primeiro vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, e Leonid Zamiatine, chefe da secção de Informação Internacional do Comité Central do Partido Comunista da URSS.

A conferência de Imprensa foi convocada no sábado passado, com grande solenidade, sinal de que a direcção soviética atribui grande peso a estas declarações. Na mesma conferência de Imprensa, o marechal Ogarkov sugeriu que as negociações START (sobre redução de armamento nuclear estratégico) poderão sofrer o mesmo destino que as conversações sobre mísseis de alcance médio na Europa, isto é, a ruptura pela parte soviética.

Recorde-se que a URSS declarou sempre que a ruptura nas negociações INF de Genebra implicaria a ruptura das conversações START. Há dias, a URSS anunciou o propósito de romper as negociações START, se o presidente dos EUA, Ronald Reagan, aceitasse a chamada «guerra no espaço». Esperava-se então um discurso do presidente norte-americano, discurso esse que não chegou a ser proferido, muito embora se saiba já que Reagan vai aceitar essa proposta de «guerra no espaço», cujo aspecto principal reside na «captura» das armas inimigas no Espaço. A missão actual e anteriores da nave de vaivém «Columbia» está directamente relacionada com este programa, que viola os acordos de redução de armamento assinados pelos EUA e a URSS.

O marechal Ogarkov, ao sugerir a suspensão das negociações START, explicou

que os EUA teimam em não negociar, fazendo todos os esforços para consumir a sua hegemonia militar mundial.

Ogarkov explicou que a URSS propõe a redução em 25 por cento das rampas e cargas atómicas de alcance intercontinental, como ponto de partida para o desarmamento mútuo gradual a ser aceite esta proposta. 1800 rampas de lançamento e outras tantas cargas nucleares seriam eliminadas. No entanto, e ainda segundo Ogarkov, os EUA propõem-se reduzir apenas os sistemas intercontinentais de instalação terrestre e marítimo (onde, acrescentamos nós, existe uma superioridade soviética) deixando de lado os superbombardeiros (nos quais os EUA estão em vantagem sobre a URSS). Segundo Ogarkov, os EUA contam com oito mil projectéis ar-terra de alcance intercontinental, quantidade oito vezes superior à da URSS, o que levaria a redução proposta pelos EUA a imporem aos soviéticos uma redução significativa, enquanto os americanos obteriam grande benefício.

Ogarkov desmentiu que os SS-20 tenham alterado o equilíbrio de forças na Europa, pois por cada dois mísseis SS-20 colocado, a URSS retirou três engenhos SS-4 e SS-5. Segundo Ogarkov, antes do estacionamento dos SS-20, a URSS tinha cerca de 600 mísseis no Ocidente e

agora tem apenas 473. Feitas as contas, isto resulta num maior número de cargas nucleares que antigamente, mas, segundo Ogarkov, a potência nuclear das ogivas dos SS-20 representa em globo uma potência inferior à dos SS-4 e SS-5. Segundo os soviéticos, portanto, as ogivas nucleares actuais representam um poder menor que o número inferior de antigamente. Ogarkov voltou a acusar os EUA de criarem o desequilíbrio na situação estratégica da Europa com os novos mísseis. Ogarkov salientou que os mísseis apontados contra os EUA têm velocidade, precisão, potência e tempo de ataque semelhantes aos dos novos mísseis na Europa.

No próximo dia 8 haverá nova sessão da START, e, segundo tudo indica, será nesse dia que a URSS abandonará as negociações, se os americanos não tiverem entre tanto «mudado radicalmente» a sua posição, deu a entender Kornienko na mesma conferência de Imprensa. Tendo sido posta a questão de unir as START com as INF, os soviéticos foram claros: não se pode juntar o que não existe, isto é, os soviéticos não tencionam transferir para as START as INF, porque consideram que estas já não existem.

Depois de acusarem a RFA, a Grã-Bretanha e a Itália de culpa pela situação de desequilíbrio na Europa, uma vez que deram luz verde à instalação dos novos mísseis nos seus respectivos territórios, Ogarkov e Kornienko confirmavam as contra-medidas anunciadas e a disposição de regressarem às INF, caso os novos mísseis sejam retirados da Europa.

Enquanto isto, decorreu ontem em Sófia (Bulgária) uma reunião dos ministros da Defesa dos sete Estados

membrados do Tratado de Varsóvia.

Reuniões da NATO

Os ministros da Defesa dos países da NATO tiveram ontem um jantar de trabalho durante o qual discutiram as relações Leste-Oeste e Transatlântica e a questão dos euromísseis.

A reunião do «Eurogrupo» começou de manhã a nível informal com um encontro de embaixadores dos países da NATO, preparatório do encontro de hoje.

Paralelamente, efectuou-se uma reunião do Comité Militar dos Chefes de Estado-Maior, na qual esteve presente o general Melo Egidio.

O ministro português da Defesa, Mota Pinto, deu um «briefing» para o pessoal da delegação portuguesa.

Os ministros da Defesa iniciam hoje formalmente uma discussão de dois dias que deverá incluir a questão da modernização no armamento convencional.

Neste aspecto, os representantes dos Estados Unidos consideram que com um aumento das despesas de um por cento relativamente ao previsto (três por cento), se conseguirá adquirir material ultra-sofisticado.

Na quinta e sexta-feira, os ministros dos Negócios Estrangeiros iniciam uma reunião de dois dias, na qual estará presente o ministro português Jaime Gama.

Meios da NATO dão como provável que nesta reunião o secretário-geral Joseph Luns apresente a sua demissão.

O sucessor de Luns, Lord Carrington, deverá tomar posse na reunião da Primavera da NATO, que coincide com o 35.º aniversário da constituição da Aliança.

Dinamarca

O Governo dinamarquês aceitará reduzir em 50 milhões de coroas o seu orçamento de defesa, anulando a

sua contribuição para a NATO — declarou o ministro da Defesa de Copenhaga.

Hans Engell explicou que se trata da consequência lamentavelmente lógica da aprovação parlamentar de uma moção social-democrática contra a instalação dos novos mísseis norte-americanos de médio alcance na Europa Ocidental.

Por 87 votos contra os 75 do governo liberal-conservador e do Partido do Progresso, o Parlamento impôs quinta-feira ao Gabinete do primeiro-ministro Poul Schluter, «lutar contra a instalação» dos euromísseis e «promover o reatamento» das conversações de Genebra sobre o controlo das armas estratégicas de médio alcance.

O Gabinete Schluter aceita a maioria parlamentar para a emenda radical que retira do orçamento de defesa os 50 milhões de coroas (cinco milhões de dólares) que a Dinamarca deveria desembolsar como membro da Aliança Atlântica.

Japoneses em recuo

O Ministério das Finanças japonês prevê limitar a 4 por cento a taxa das despesas militares no orçamento para o ano fiscal de 1984, que tem início no próximo mês de Abril, anuncia-se em Tóquio de fonte ministerial.

A taxa prevista é inferior à pedida pela Agência de Defesa Japonesa, que se situa nos 6,88 por cento, segundo a mesma fonte.

Este precisou que o Governo japonês está a estudar a possibilidade de renunciar, designadamente, à compra de equipamentos militares de ponta, entre os quais aviões F-15.

No ano fiscal de 1983, o orçamento nacional dedicado à defesa foi de 2754,2 mil milhões de ienes (cerca de 11,8 mil milhões de dólares), ou seja, um aumento de 6,5 por cento em relação ao ano anterior.

Bruxelas para as sessões da NATO, depois de ter ido visitar os soldados norte-americanos na Alemanha. Disse Weinberger: «agora que a decisão de instalar os euromísseis está a ser aplicada, a NATO deve estudar outras questões vitais como o desenvolvimento das suas forças convencionais, aproveitando a nossa vantagem tecnológica».

mísseis já começaram a ser instalados. Não se sente se esta mensagem será ou não bem acolhida na Europa, depois da reafirmação inequívoca feita em Moscovo acerca da ruptura irremediável das negociações de Genebra.

Declarações muito significativas são as do ministro norte-americano de Defesa, Caspar Weinberger, que se deslocou a

fonte do Departamento de Estado, citada pela AFP, deu claramente a entender que essas visitas a Rabat e Tunes se destinam a conter «a ameaça líbia».

A mesma fonte declarou que a essência da mensagem de Shultz aos europeus é esta: os soviéticos agora têm mesmo de negociar porque os euro-

O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, partiu esta manhã para uma visita à Europa Ocidental e ao Norte de África.

A digressão europeia de Shultz destina-se a tornar mais convincente a instalação dos novos euromísseis e a acusar a URSS de ter rompido unilateralmente as negociações de

Genebra, dando a entender que da parte norte-americana houve sempre boa-fé, não correspondida pela parte soviética.

O secretário de Estado visitará Bona, Bruxelas e Lisboa (onde assinará o novo acordo sobre a base das Lajes). No Norte África, Tunes e Rabat serão as capitais visitadas. Uma

Shultz hoje em Bona

«Carrillistas» e «Geraldistas» confrontaram-se no passado fim-de-semana nas 11 conferências regionais do Partido Comunista Espanhol preparatórias do 11.º Congresso do PCE. No cómputo geral, estas reuniões deram a imagem de um partido profundamente dividido e de um claro recuo das posições do actual secretário-geral, Gerardo Iglesias, a favor das de Santiago Carrillo.

Embora na eleição dos delegados que estarão presentes ao Congresso a realizar na próxima semana, Iglesias tenha conseguido uma ligeira maioria em relação à oposição interna, a verdade é que, segundo meios do PCE próximos das duas tendências, estas apenas ficarão separadas por 50 ou 60 votos. Ou seja, a divisão

dos comunistas espanhóis aparece, agora, mais clara com a reorganização do sector próximo de Carrillo.

O que está em jogo

As diferenças entre o homem que, durante 22 anos (1960-82) foi o líder incontestado do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrillo e o seu jovem sucessor no cargo de secretário-geral do PCE, não são superficiais.

Temas como a estratégia dos comunistas espanhóis no plano internacional e, a nível interno, a posição a adoptar em relação ao governo socialista de Felipe Gonzalez, para além de questões como a organização interna do

partido, separam as duas correntes.

Paradoxalmente Carrillo, neste seu regresso ao primeiro plano da cena política com o intuito apenas de derrubar Iglesias, aparece como defensor do estilo ortodoxo. Iglesias, por seu lado, pretende aprofundar a linha anteriormente definida por Carrillo.

No plano internacional, o ex-secretário-geral acusa o seu sucessor de colocar Washington e Moscovo no mesmo pé de e de considerar a URSS como uma potência «imperialista», ao mesmo título dos Estados Unidos.

No domínio interno, Carrillo preconiza uma política de oposição nítida ao governo socialista, enquanto Iglesias é partidário de

um apoio crítico. Por último, os «carrillistas» consideram como uma heresia a política defendida pela maioria para voltar a trazer ao partido os militantes que foram expulsos por Carrillo entre 1980 e 82. Apenas um ponto une as duas tendências: a condenação e combate ao projecto político de Ignacio Gallego, considerado por todos como um «pró-soviético» e que tenta, depois de se demitir do comité central em Outubro último, reagrupar os elementos mais ortodoxos do movimento comunista espanhol.

Luta renhida nas regionais

Para a eleição dos 810 delega-

dos procedentes de todas as organizações territoriais do PCE, têm já vindo a decorrer nas últimas semanas diversas conferências regionais.

Assim, os militantes comunistas espanhóis já tinham realizado as suas conferências regionais de Catalunha, Andaluzia, Galiza e Cantabria, com as duas primeiras favoráveis a Iglesias e as restantes a votarem pelas posições defendidas pelos «carrillistas».

Este fim-de-semana, das 11 reuniões regionais, sete designaram delegações compostas quase unicamente por partidários de Carrillo (Madrid, País Valencião, País Basco, Castela, La Mancha e Canárias), enquanto Gerardo Iglesias viu serem eleitos delega-

“Apartheid” condenado nas Nações Unidas

A Assembleia Geral da ONU reclamou ontem a aplicação de sanções gerais e obrigatórias contra a África do Sul, o reforço do embargo à entrega de armamento e a cessação de qualquer colaboração nuclear com esse país, ao renovar a condenação do «apartheid».

A Assembleia, que concluiu o seu debate sobre a política de «apartheid» da África do Sul, adoptou, por largas maiorias, as resoluções que lhe eram apresentadas no quadro de tal exame.

É a segunda vez em alguns dias que a Assembleia reclama que o Conselho de Segurança da ONU proscreva oficialmente a África do Sul da humanidade, tornando contra este país as sanções previstas no artigo 7 da Carta da Organização, as quais vão até à ruptura total das relações em todos os domínios: político, económico, comercial e militar.

A Assembleia já tinha recomendado a aplicação dessas sanções durante o debate sobre a questão da Namíbia. No entanto, tais resoluções não passam de um desejo dificilmente realizável,

notam os observadores. A decisão de recorrer ao artigo 7 da Carta pertence ao Conselho de Segurança, do qual dois membros permanentes que dispõem do direito de veto — Estados Unidos e Grã-Bretanha — se opõem à aplicação das sanções.

A principal resolução sobre a política de «apartheid» de Pretória, que se estende por quatro páginas, foi aprovada por 124 votos a favor, 16 contra (entre os quais os ocidentais) e 10 abstenções.

As resoluções adoptadas também condenam os laços entre Pretória e os Estados Unidos, bem como com Israel, designadamente com este último país no domínio do nuclear militar. A este respeito, o representante de Israel, que se recusou a participar na votação, acusou a Assembleia de caluniar o seu país.

Por último, os textos pedem a cessação dos investimentos estrangeiros na África do Sul, um embargo à entrega de petróleo e a continuação dos trabalhos sobre a redacção de uma convenção internacional banindo o «apartheid» no domínio do desporto.

Orgia num quartel leva capitão à prisão

Cinco mulheres que exercem habitualmente a prostituição denunciaram ontem e tencionam processar vários militares entre os quais um capitão, por incidentes ocorridos sexta-feira num quartel.

As cinco prostitutas apresentaram queixa por vários delitos de «violação, coacções, maus tratos em palavra e actos, ameaças e retenção ilegal».

A acção — segundo a agência EFE — será apresentada contra o capitão que sexta-feira à noite comandava um quartel denominado «Los Moricos» e conta outros militares que, segundo as mulheres, tomaram parte nos acontecimentos.

O capitão permanece detido desde sábado, quando foram iniciadas diligências prévias por um

juiz militar.

Os advogados das cinco prostitutas decidiram apresentar um documento à jurisdição militar para que julgue também o caso.

O comando militar das Canárias não divulgou agora nenhuma nota oficial e unicamente confirmou a detenção do capitão pelos motivos referidos.

Os factos relatados pelas cinco prostitutas que trabalham numa «boite» em Santa Cruz de Tenerife ocorreram na passada sexta-feira à noite.

Antes, dois soldados dirigiram-se «a casa onde habitualmente trabalham as cinco mulheres» e depois de combinarem o preço e as condições, regressaram ao quartel, voltando pouco depois a buscá-las num jipe militar e noutro automóvel.

Constituição espanhola fez cinco anos

O rei Juan Carlos, as Cortes e o Governo festejaram ontem o quinto aniversário da actual Constituição espanhola, aprovada por referendo a 6 de Dezembro de 1978.

«Renovamos uma vez mais o nosso compromisso a favor da coexistência na liberdade que a Constituição de 1978 simboliza», disse o rei, que presidiu a esta cerimónia de aniversário no Parlamento.

O rei Juan Carlos fez no seu discurso uma reflexão sobre o «caminho percorrido» desde 1978 e sobre as «tarefas e dificuldades que se mostram no futuro», assinalando que «a organização das instituições do Estado se encontra enfim praticamente concluída».

O Presidente do Congresso dos Deputados, Gregório Pese Barba (socialista), tinha assinalado antes que a constituição de 1978, símbolo do «entendimento nacional», surgira, desde a sua adopção por referendo, como «uma solução aceitável para a imensa maioria» dos espanhóis.

«Longe de nós hoje», acrescentou, «a maldita dialéctica ami-inimigo e o ódio como motor da vida política. A presença minoritária de fanáticos armados que procuram impor-se pela violência mais não faz do que confirmar essa norma».

Assistiram a esta cerimónia, entre outros, o chefe do Governo socialista e os seus antecessores centristas, Adolfo Suarez e Leopoldo Calvo Sotelo.

PCE prepara Congresso em ambiente de divisão

«Carrillistas» e «Geraldistas» confrontaram-se no passado fim-de-semana nas 11 conferências regionais do Partido Comunista Espanhol preparatórias do 11.º Congresso do PCE. No cómputo geral, estas reuniões deram a imagem de um partido profundamente dividido e de um claro recuo das posições do actual secretário-geral, Gerardo Iglesias, a favor das de Santiago Carrillo.

Embora na eleição dos delegados que estarão presentes ao Congresso a realizar na próxima semana, Iglesias tenha conseguido uma ligeira maioria em relação à oposição interna, a verdade é que, segundo meios do PCE próximos das duas tendências, estas apenas ficarão separadas por 50 ou 60 votos. Ou seja, a divisão

dos comunistas espanhóis aparece, agora, mais clara com a reorganização do sector próximo de Carrillo.

O que está em jogo

As diferenças entre o homem que, durante 22 anos (1960-82) foi o líder incontestado do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrillo e o seu jovem sucessor no cargo de secretário-geral do PCE, não são superficiais.

Temas como a estratégia dos comunistas espanhóis no plano internacional e, a nível interno, a posição a adoptar em relação ao governo socialista de Felipe Gonzalez, para além de questões como a organização interna do

partido, separam as duas correntes.

Paradoxalmente Carrillo, neste seu regresso ao primeiro plano da cena política com o intuito apenas de derrubar Iglesias, aparece como defensor do estilo ortodoxo. Iglesias, por seu lado, pretende aprofundar a linha anteriormente definida por Carrillo.

No plano internacional, o ex-secretário-geral acusa o seu sucessor de colocar Washington e Moscovo no mesmo pé de e de considerar a URSS como uma potência «imperialista», ao mesmo título dos Estados Unidos.

No domínio interno, Carrillo preconiza uma política de oposição nítida ao governo socialista, enquanto Iglesias é partidário de

um apoio crítico. Por último, os «carrillistas» consideram como uma heresia a política defendida pela maioria para voltar a trazer ao partido os militantes que foram expulsos por Carrillo entre 1980 e 82. Apenas um ponto une as duas tendências: a condenação e combate ao projecto político de Ignacio Gallego, considerado por todos como um «pró-soviético» e que tenta, depois de se demitir do comité central em Outubro último, reagrupar os elementos mais ortodoxos do movimento comunista espanhol.

Luta renhida nas regionais

Para a eleição dos 810 delega-

dos procedentes de todas as organizações territoriais do PCE, têm já vindo a decorrer nas últimas semanas diversas conferências regionais.

Assim, os militantes comunistas espanhóis já tinham realizado as suas conferências regionais de Catalunha, Andaluzia, Galiza e Cantabria, com as duas primeiras favoráveis a Iglesias e as restantes a votarem pelas posições defendidas pelos «carrillistas».

Este fim-de-semana, das 11 reuniões regionais, sete designaram delegações compostas quase unicamente por partidários de Carrillo (Madrid, País Valencião, País Basco, Castela, La Mancha e Canárias), enquanto Gerardo Iglesias viu serem eleitos delega-

dos próximos da sua linha nas Astúrias, Estremadura, Aragão e Múrcia.

As duas derrotas mais graves para Iglesias tiveram lugar em Madrid e no País Valencião. Na capital, os «geraldistas» foram perfeitamente esmagados pelos adeptos de Santiago Carrillo que elegeram 103 delegados contra apenas um da linha do actual secretário-geral.

«Estalinista»

«patife» e «vadio»

Embora as divergências sejam de ordem ideológica e estratégica, os debates ocorridos durante este fim-de-semana tiveram muito pouco, ou mesmo nada, de ideológico. Não se discutiram as

ideias nem as táticas e a falta de melhor argumento recorreu-se ao que o correspondente da ANOP em Madrid classifica como de «vocabulário mais inesperado».

Menos lacónica é a agência France presse. «Estalinista, patife e vadio» foram, segundo a AFP, os qualificativos mais usados nos debates que opuseram «carrillistas» e «geraldistas».

Assim, tudo indica que o Congresso da próxima semana, o palco ideal para discutir e aplanar divergências, será bastante movimentado e muito pouco esclarecedor. Será a lógica dos votos dos delegados a sobrepor-se às várias razões políticas e ideológicas. Por isso, as agências salientam que o 11.º Congresso do PCE poderá ser o conclave da ruptura.

Absolvidos os 23 dirigentes sindicais da Função Pública

● Ministério Público recorre da sentença

O juiz do Tribunal de Polícia absolveu a noite passada os 23 sindicalistas da Função Pública detidos no passado dia 9 de Novembro, quando efectuavam uma vigília de 24 horas frente à residência oficial do Primeiro-Ministro.

O delegado do Ministério Público interpôs recurso da sentença para o Tribunal da Relação de Lisboa, conforme lhe foi «ordenado superiormente».

A leitura da sentença verificou-se após a audição das restantes testemunhas e dos arguidos, na última das três sessões do julgamento,

que se prolongou das 15 horas de ontem às zero e 30 de hoje.

Entre as testemunhas de defesa ouvidas nesta sessão salienta-se a presença da deputada Helena Cidade Moura, do MDP/CDE e a Artur Ribeiro dos Santos, professor catedrático da Fac. Ciências e dirigente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. De referir que o comandante da 4.ª divisão da PSP de Lisboa, major Coelho Lima, presumível autor da ordem de detenção dos sindicalistas, não compareceu na audiência de ontem, para a qual havia sido expressamente convocado, o mesmo tendo acontecido em relação ao agente que inter-

veio directamente na detenção.

Após ter mandado averiguar o motivo da não comparecimento das testemunhas de acusação, o juiz escalado para aquele processo, dr. Eiras, disse ao tribunal que o Comando da Polícia havia informado que as mesmas tinham faltado por não saberem qual o Tribunal em que decorria o julgamento.

Como era de prever, esta insólita justificação foi motivo da hilariedade geral da sala, já que o major Coelho de Lima e o agente da PSP em causa já se haviam deslocado anteriormente àquele tribunal, no

âmbito deste processo.

Esta atitude leva, no mínimo, a crer que há uma recusa frontal em assumir a responsabilidade pela detenção dos 23 sindicalistas, para além do desrespeito pela instituição judicial que lhe está subjacente.

Recorde-se que na altura da detenção, os sindicalistas aguardavam a marcação de uma reunião com um membro do Governo com vista à discussão dos salários para 1984 e demais reivindicações contidas nas «12 medidas consideradas urgentes para a função pública», entregues ao Executivo em 22 de Agosto.

Pessoal da ENI concentrou-se em Lisboa

Trabalhadores da Eni — Electricidade Naval e Industrial concentraram-se ontem junto ao edifício da administração, em Lisboa, para exigirem o pagamento do resto do salário de Novembro e do décimo terceiro mês.

Em moção aprovada, os trabalhadores concentrados manifestaram «desconfiança» em relação à maneira como a administração da ENI «desde Setembro de 1982 tem tratado a questão salarial, obrigando os trabalhadores a sacrifícios que não se justificam pois na ENI a produção absorve actualmente todos os trabalhadores efectivos e mais de 400 contratados a prazo e subempregados».

Um elemento da comissão de trabalhadores disse que os empregados paralisaram ontem à tarde e faz greve de quatro horas diárias na terça e quarta-feira e total na sexta-feira.

Acrescentou que a partir de segunda-feira, dia 12, os trabalhadores efectuam uma greve de quatro horas diárias por tempo indeterminado.

O mesmo informador adiantou que além de só terem recebido dez mil escudos por conta do salário de Novembro e não terem recebido o subsídio de Natal, os trabalhadores da empresa têm a haver horas extraordinárias, prémios e subsídios desde Julho passado.

Sintap exige negociações

O Sindicato dos Trabalhadores da Administração Pública (SINTAP) exigiu ontem publicamente a abertura imediata de negociações da massa salarial e da revisão salarial para 1984.

Esta deliberação consta de um bloco de decisões aprovado no conselho geral do SINTAP, realizado no último fim-de-semana.

Exige-se também uma reforma da administração que «conduza a um funcionamento mais eficiente, mais descentralizado e que melhor responda aos efectivos anseios da população, o que implica o reconhecimento claro de que não há trabalhadores a mais».

O SINTAP pretende que seja «claramente reconhecido o direito a sindicalização dos trabalhadores civis das Forças Armadas» e condena «a prática do Governo relativa ao reconhecimento do direito à organização sindical da Polícia».

O conselho geral do SINTAP, embora reconheça «a difícil situação económica e financeira do país», «não pode aceitar uma política conjuntural que prejudica seriamente os trabalhadores» pelo que pela à UGT «a adopção de medidas que conduzam à mudança desta política» — acrescenta o comunicado.

No dia 23

Trabalhadores sem salários em vigília no Rossio

O plenário de sindicatos do distrito de Lisboa, reunido a noite passada, decidiu convocar uma vigília de trabalhadores sem salários para o próximo dia 23, a partir das 21 horas, com concentração no Rossio.

Na vigília, marcada na sequência da decisão da Comissão Exe-

cutiva da CGTP-IN, participarão prioritariamente os trabalhadores com salários atrasados, os seus familiares, os trabalhadores desempregados ou ameaçados de despedimento, bem como os trabalhadores que pretendem manifestar-lhes solidariedade.

Prevê-se que durante a vigília

passem pelo Rossio delegações ou comissões de trabalhadores de diversas empresas do distrito de Lisboa, mesmo com situações normais.

A vigília, segundo a União de Sindicatos de Lisboa visa denunciar o «agravamento da situação de 100 mil trabalhadores com sa-

lários em atraso e as consequências sociais deste flagelo». Será também condenado o comportamento do patronato e do Governo, exigindo-se o pagamento dos salários atrasados. Tem ainda como objectivo lutar contra o desemprego e os despedimentos e contra o aumento do custo de vida.

Ferrovíários paralisam na segunda-feira

Dirigentes sindicais dos ferroviários decidiram marcar uma paralisação de protesto para a próxima segunda-feira, das 14 às 18 horas.

O secretariado da Federação

dos Sindicatos Ferroviários salienta, em comunicado, que a decisão veio na sequência da informação recebida do conselho de gerência da CP de que «não pode garantir em que diz será

pago o salário de Novembro, por não ter sido ainda desbloqueada a verba necessária no Ministério das Finanças».

O texto acrescenta que «a forma de protesto foi decidida

com plena consciência dos transtornos aos utentes dos comboios cuja responsabilidade recai inteiramente sobre o Governo e o conselho de gerência» da CP.

USAM contra o «roubo do 13.º mês»

A União dos Sindicatos da Madeira (USAM) reclamou uma resposta do Governo Regional quanto à sua proposta de «os trabalhadores da região serem reembolsados do imposto extraordinário sobre rendimentos de trabalho».

Em conferência de Imprensa, dirigentes sindicais adiantaram que «a USAM entende que a posição a adoptar pelo Governo não poderá ser diferente da assumida, quando da aplicação do imposto de saída da região, bolar os operadores de turismo e turistas».

«Com efeito — sublinharam — não se poderá aceitar que o Go-

verno coloque em primeiro lugar os interesses do turista e em lugar secundário os habitantes da região».

Afirmaram que «isso seria repetir, em relação aos trabalhadores madeirenses, o comportamento que frequentemente acusa de ser praticado pelos Governos da República quanto à Madeira».

Caso o Governo não assuma posição sobre o assunto, a USAM decidiu convocar para o dia 15 um plenário de sindicatos, seguido de concentração de trabalhadores, no Funchal, e distribuição de «comunicados de protesto contra o comportamento do Executivo».



Sindicato dos Trabalhadores da Indústria dos Tabacos

SEDE: RUA DO MIRANTE, 51, 1.º
LISBOA TEL. 83 18 56

ASSEMBLEIA GERAL CONVOCATÓRIA

Para os efeitos dos disposto na alínea a) do Artigo 24.º, Secção II dos Estatutos e do n.º 9 do Artigo 17.º do Decreto-Lei N.º 215-B/75 de 30 de Abril, convocam-se todos os sócios deste Sindicato para uma Assembleia Geral Eleitoral a realizar no dia **6 de Dezembro de 1983** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO — Eleição dos Corpos Gerentes do Sindicato para o biénio de 1983/1985.

As mesas de voto funcionam nos seguintes locais e com os horários abaixo indicados:

MESA N.º 1 — Fábrica da Tabaqueira, EP, em Albarraque das 7 às 19 horas.

MESA N.º 2 — Fábrica da Tabaqueira, EP, em Cabo Ruivo das 7 às 19 horas.

MESA N.º 3 — Sede da Tabaqueira, EP, (R. Alex. Herculano/Depósito) das 8.30 às 18.30 horas.

MESA N.º 4 — Sede do Sindicato das 8.30 às 19 horas.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Carmina Rodrigues Pedro Moreira

Lisboa, 4 de Novembro de 1983

Ministério do Equipamento Social
Secretaria de Estado da Habitação
Comissão Liquidatária do Fundo
de Fomento da Habitação
Direcção de Habitação do Sul

AVISO

Avisam-se os eventuais concorrentes ao Concurso Público para a Conclusão das Empreitadas 12/A/B/C/DDHS/78 — Construção de 200 fogos em Évora de que nesta data se juntou cópia de um esclarecimento ao processo patente na Direcção de Habitação do Sul.

Direcção de Habitação do Sul em Évora aos
29 de Novembro de 1983

O RESPONSÁVEL PELA D. H. SUL
M. Albuquerque e Sousa
Eng.º Civil 2.ª clas.

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA
Instituição de Utilidade Pública
Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) do Art.º 31 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Sociedade de Língua Portuguesa a reunir-se em primeira convocação, na sede social, Rua de São José, n.º 41-2.º em Lisboa, no dia 28 de Dezembro, quarta-feira, às 18.00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Eleger os Corpos Sociais para o biénio 1984-1985; e
2. Discutir e deliberar sobre o orçamento para 1984.

Não estando presente à hora marcada número legal de sócios, a Assembleia reunir-se-á trinta minutos depois, em segunda convocação, com qualquer número de sócios.

Lisboa, 7 de Novembro de 1983

O Presidente da Assembleia Geral

(Humberto d'Ávila)

No Brasil

Os sambas da crise assaltam o Carnaval

A mais simples fantasia dos sambistas custa no mínimo dois ou três salários mínimos

Numa altura em que os brasileiros pagam as suas aspirinas a crédito e se põem a fazer contas à vida para avaliar a perda do seu poder de compra, os compositores de samba do próximo carnaval fizeram entrar a crise na dança, facto que acontece pela primeira vez desde há muito tempo.

Tradicionalmente, os «enredos dos sambas» que acompanham o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro exaltam episódios da história brasileira. Actualmente, a crise económica fornece o tema de 6 dos 14 sambas das grandes escolas. Os foliões dos «caprichos de pilares», por exemplo, dançarão ao som de versos como «aperta o cinto, meu povo», «tantas loucuras dos ministros» ou ainda «Alice no País das Ilusões».

A escola de samba «Imperatriz Leopoldinense» ataca directamente as medidas de austeridade adoptadas pelo Governo: «Vendi, economizei, pedi, lutei, e tudo o que ganhei, foi o Pacote (pacote de medidas de austeridade): comi-o».

Ceticismo e pontos de interrogação sobre o futuro do país estão presentes em vários «enredos». Martinho da Vila, um dos mais prestigiosos compositores de samba, alude à vida tão real da Quarta-Feira de Cinzas, o dia seguinte ao do Carnaval.

Para ilustrar as vicissitudes da economia brasileira a escola de samba «Império Serrano» promete que irá lançar no desfile um vampiro representando o ministro do Plano Antônio Delfim Neto, e um grupo de

300 crianças disfarçadas de notas de um dólar.

Contudo, as escolas mais prestigiosas, como a «Mangueira», «Salgueiro», «Beija Flor» e «Portela», apresentam enredos tradicionais, inspirados na história do Brasil.

Na hora da austeridade, a palavra de ordem parece ser «invistam na ilusão». Pela primeira vez na sua história, o desfile do Rio de Janeiro será feito num «sambódromo», concebido pelo arquitecto Oscar Niemeyer, na Avenida Marquês de Sapucaí.

Para esconderem a crise económica durante alguns dias, os sambistas estão a trabalhar na confecção dos seus disfarces, o mais simples dos quais custará o equivalente ao dobro ou ao triplo do salário mínimo.

Enquanto os directores das escolas de samba se lançam em onerosas operações publicitárias, os cantores de «enredos» assaltam as estações de rádio, para garantirem a difusão mais vasta possível daquilo que será cantado por cerca de 100 mil pessoas, no dia do desfile.

Crise ou não, o que é certo é que os brasileiros se estão a lançar já no disco dos «enredos de samba» das grandes escolas, os quais já se encontram à venda em todo o país.

Os produtores prevêem uma venda de 600 mil discos, no mínimo, contra 540 mil no ano passado. E isto apesar de terem aumentado 200 por cento relativamente a Dezembro do ano passado.

Nem Orçamento, nem alargamento

Fracasso total da cimeira da CEE em Atenas

A cimeira dos chefes de Estado e de governo dos países membros da CEE, que esta manhã terminou em Atenas, saldou-se por um «retumbante fracasso» cujas consequências no futuro do Mercado Comum se farão sentir a curto prazo. As primeiras notícias chegadas às redacções após o encerramento dos trabalhos (meio-dia de Atenas e 10 horas de Lisboa), limitavam-se a referir que os «dez» não tinham chegado a qualquer acordo sobre a «reforma e o relançamento da CEE» (Agência France Presse).

Segundo tudo indica, os participantes na cimeira nem sequer terão abordado a questão do alargamento da comunidade a Portugal e à Espanha, tal a dimensão das divergências que os dividem nos domínios orçamentais e agrícola. Para lá do fracasso da reunião da capital grega e do que ele significa em termos de agravamento da precária coesão que ainda permite a existência da CEE, a ausência de resposta aos múltiplos e quase que angustiados apelos do governo português, em relação à data da adesão, constitui sem dúvida um grande golpe no executivo PS/PSD.

De acordo com o primeiro comentário oficial surgido após o termo do encontro, «se Atenas não foi um êxito, também não se poderá falar de fracasso, mas simplesmente de um processo que não chegou à maturidade». Quem o disse foi o porta-voz do presidente francês, Michael Vauzelle, que sublinhou — e sem o fazer com ironia... — que o pequeno-almoço de hoje entre Mitterrand e Thatcher foi «bastante positivo».

Segundo a mesma fonte, ambos os estadistas chegaram a acordo quanto à afirmação de que «não se deve esquecer o essencial: a amizade, a aliança e a cooperação franco-britânica que são elementos de equilíbrio no interior e no exterior da Europa» (fontes do «DL» garantem que o porta-voz apresentava um ar sério e compenetrado da sua missão...).

«O risco maior, acrescentou Vauzelle, é o de se esquecer que problemas como o da contribuição orçamental britânica constituem apenas um elemento de um vasto conjunto, o edifício da amizade e da construção europeia». O importante, concluiu, é que «a senhora Thatcher manifestou esta manhã a sua vontade europeia».

Entretanto, também o porta-voz alemão federal se pronunciou afirmando que a cimeira «tinha falhado na hora de encontrar soluções para os principais problemas da CEE». Na opinião de um funcionário holandês, citado pela ANOP, «isto acabou e não chegámos a nenhum acordo prático».

«Um motor totalmente gripado»

Ao fim da manhã, e na ausência de um comunicado final que ainda não se sabia se seria distribuído, tudo o que havia de concreto eram as declarações acima referidas e a cer-

teza de que o encontro em que tanta gente, incluindo os governos português e espanhol, depositara tanta esperança, tinha sido um «malogro absoluto».

Além disso, restava um enorme sentimento de frustração a roçar o desespero que já ontem levava o presidente da Comissão Europeia (o órgão executivo da CEE), Gaston Thorn, a declarar, «infelizmente, devo confessá-lo com grande decepção não houve progressos sobre nenhum dos pontos essenciais». Segundo disse, «isto dá a impressão dum motor totalmente gripado (...) pode acontecer que seja um fracasso. Digamos friamente as coisas tal como são». De acordo com o presidente da Comissão «não chegou o momento de procurar culpados, porque na realidade eles estão um pouco por toda a parte».

Mais conclusivo que qualquer declaração dos participantes sobre o fracasso da reunião parece ser a informação chegada até nós à hora do fecho desta edição: segundo o primeiro-ministro grego não será publicado qualquer comunicado final, nem sequer uma simples declaração de cooperação política.

O facto, inédito neste tipo de reuniões de chefe de Estado e de governo dos «Dez», de nem sequer ser possível chegar a acordo quanto aos termos de uma qualquer declaração final dá a medida exacta da dimensão das divergências que minam a CEE e do descalabro total a que chegaram as relações entre os seus membros.

A propósito, refira-se que já ontem à noite as agências informavam que as discussões da cimeira se tinham «afundado» a tal ponto em intermináveis discussões técnicas que já nem haveria tempo para iniciar o debate do problema do alargamento da Comunidade.

E agora dr. Mário Soares?

A política económica deste governo foi decidida dentro de parâmetros próprios definidos na perspectiva de uma próxima adesão à CEE. Significa isto que as opções económicas de Ernâni Lopes foram condicionadas por aquela permissão. Quem o afirmou por mais de uma vez foi o próprio ministro das Finanças e do Plano...

A nossa política internacional tem sido condicionada em grande medida àquele projecto.

Este país tem-se guiado nos últimos anos, nas suas opções ou na falta delas, pela eventualidade da entrada para o Mercado Comum.

Nos últimos tempos todas as esperanças foram postas na cimeira que hoje terminou em Atenas. Mário Soares, Jaime Gama, Ernâni Lopes, o governo em peso, a própria

oposição (no que ao CDS diz respeito) desdobraram-se em iniciativas para que de Atenas viesse ao menos uma promessa...

Soares chegou a «ameaçar»: que desistia se não houvesse resposta, que não queria cá Mauroy se essa desgraça acontecesse, que... os EUA e o Japão esperavam por nós...

Por fim Soares veio de Paris, sorridente e «satisfeito». Mitterrand ter-lhe-ia acalentado as esperanças...

Falou-se novamente em datas de adesão, perseguiu-se de novo a quimera...

Atenas foi o fracasso. O fracasso total!

E agora senhor Primeiro-Ministro?

Que vai ser deste país?

J.A.C.

Foi ontem constituído Sistema fiscal moderno quer o MDC

O Movimento Nacional de Defesa dos Contribuintes (MDC) foi segunda-feira constituído por escritura pública no cartório notarial da Batalha.

Declarando-se um «movimento apartidário», o MDC afirma não estar «enfocado nem sequer ligado a qualquer partido político».

Tem como principal objectivo «o estudo e a divulgação dos fenómenos financeiros e das ciências que os versam, sobretudo o direito fiscal sob a óptica da legalidade constitucional, da justiça, da defesa dos interesses dos contribuintes, e da correcta aplicação das receitas públicas no desenvolvimento económico e social da Nação, tudo dentro do espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem».

O MDC entende que «uma participação activa dos cidadãos nas decisões de criação de impostos e na aplicação das respectivas receitas, além de constituir um elemento caracterizante do estado de direito fundado na soberania popular, é imprescindível para o bem-estar geral e para a realização dos objectivos constitucionais».

Sublinhando que «o imposto não serve para amputar, mas para fazer viver», o Movimento Nacional de Defesa dos Contribuintes pretende apresentar propostas para a criação de «um sistema fiscal moderno, racional, justo e adequado ao desenvolvimento económico e social».

Considera que essa reforma «é essencial para se poder contrariar a preocupante evasão fiscal hoje praticada e a que o legislador e a administração respondem com medidas cada vez mais rejeitadas pela consciência nacional».



Entre as personalidades da indústria têxtil e de confecções que ontem receberam o Presidente Eanes, na Portex, estavam-se o eng.º Eurico de Melo e o antigo craque do futebol portista, Hernâni (na foto, à conversa com o Presidente)

Eanes apoiou na Portex sector exportador têxtil

O Presidente da República encerrou ontem a Portex/83 que durante quatro dias esteve patente no Porto, com uma vastíssima exposição de malhas e confecções para as estações Outono/Inverno.

Entre outros encontros na Feira, ao visitar os stands do palácio Cristal, o general Ramalho Eanes conversou, demoradamente, com o eng.º Eurico de Melo, grande industrial nortenho e figura cimeira do PSD, que expôs na ocasião ao presidente as dificuldades actuais do sector têxtil exportador.

A Portex/83 registou este ano a presença de 112 expositores e foi visitada por 1171 potenciais importadores estrangeiros provenientes de 23 países. No ano passado a Portex fora visitada por 868 profissionais estrangeiros, oriundos dos 25 países.

«Esta afluência de potenciais compradores pode considerar-se verdadeiramente espectacular, na medida em que não só supera de longe o volume de entradas registado na anterior edi-

ção do certame, em Dezembro passado, como excede o movimento de visitantes internacionais registado na última Portex Primavera/Verão», comentou um dos organizadores do certame.

Por países, e em mais destaque, assinala-se a presença de

218 visitantes da RFA, 174 da Grã-bretanha, 144 da França, 119 da Holanda e 88 da Espanha, entre outros. Entre os 112 encontravam-se as principais empresas portuguesas produtoras de malhas e confecções envolvidas nos circuitos da exportação.



Um dos shows de moda na Portex, este dedicado ao vestuário desportivo

DESPORTO

Desporto: mitos e símbolos

O corte epistemológico

Manuel Sérgio

APRENDI, nas obras de Althusser, que o **corte epistemológico** consagra a linha de separação, entre uma problemática ideológica e uma problemática científica; que a pré-história duma ciência é a história da sua ideologia; que o **corte epistemológico** não constitui um acontecimento pontual, mas uma «rotura contínua», um processo irreversível: que será pouco judicioso admitir uma rotura conceptual, sem uma correspondente rotura nos métodos de trabalho e de intervenção; que o **corte epistemológico** é específico do campo teórico...

Ora, o **corte epistemológico** está por acontecer, no desporto português. Germina, em cada um de nós, oculto e calado, um sonho de espera, mas ao escutarmos o discurso das pessoas responsáveis perturba-nos a ausência de **vontade de Futuro**, ansiosas que estão de conservar e reviver o Passado. Quando se fala em **reformato do desporto**, ou em **transformar o futebol**, o que se pretende afinal afimar? Que é preciso trazer, para o sector desportivo, dirigentes realistas e talentosos, capazes de adaptarem-se, com brilho, aos caprichos de momento e às dificuldades da conjuntura? Ou procura exprimir-se a vontade de uma reestruturação da política desportiva até agora seguida, por alguns governos, de modo que os **homines novi** (como diriam os romanos) encimem uma máquina administrativa predominantemente funcional; tenham a seu lado funcionários de bom nível ético, inconformistas e competentes (sejam ou não do **nosso partido**); acreditem mais na viragem, do que na **continuidade**?

Como escreveu Almada Negreiros, **n'A Invenção do Dia Claro**, «nós somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas». **Reformato** deve ser uma delas. Ela tornou-se, hoje, com frequência, sinónimo de uns ligeiros retoques, em edifícios bolorentos, envelhecidos; em estruturas ultrapassadas, onde vagabundeiam oportunistas bem-falantes e burocratas descrentes. **Sepulcros caiados de branco**, usando a linguagem do Evangelho, eis o que (com algum exagero) me apetece chamar a instituições onde o **corte epistemológico** continua por fazer-se, onde a contestação se resume à luta de «capelinhas», pela proeminência das chefias, onde as reivindicações se perdem em antipatias bruscas e gratuitas, em investivas, em condenações sem discrição e sem ponderação.

O **corte epistemológico**, isto é, a **transformação** da ideologia em ciência, continua por fazer-se, no desporto nacional. A inflação verbal, empregando a torto e a direito o vocábulo **reforma** (entre mais alguns outros) sem o **corte** necessário e urgente, edifica uma imensa Babel, sem bases, desconexa e pretenciosa, e não me consta que uma tal logorria possa conduzir a uma **cultura viva** e a sólidas realizações! A consagração do direito ao desporto, na lei fundamental do país; a criação de núcleos de actividade desportiva, nas zonas rurais e urbanas; o lançamento de um programa de formação de quadros técnicos; o apoio estatal ao apetrechamento e equipamento desportivos; a relação íntima e dialéctica DGD-Federações, DGD-Autarquias, DGD-Clubes: integram uma vasta problemática, onde as palavras serão sempre demasiadas, se não significam um **corte** indistigável e real, com o Passado e... o Presente!

Xadrez: Kasparov vence Kortchnoi

O soviético Garry Kasparov venceu a sexta partida da sua meia-final do Torneio dos Candidatos, contra Viktor Kortchnoi (ex-soviético naturalizado suíço), ao 7.º lance. O actual resultado é de 3/3, devendo a sétima partida disputar-se amanhã.

Com efeito, o jovem grande mestre Gary Kasparov, após longos esforços, conseguiu ontem obter a igualdade perante Viktor Kortchnoi aliás «Viktor o terrível» e subir a três pontos, a meio percurso da sua meia final do torneio dos candidatos. De ora em diante terá por missão obter três pontos e meio nas seis partidas por jogar, o que não parece estar para lá das suas possibilidades.

A partida suspensa no domingo numa posição complexa, deixava melhores perspectivas a Kasparov, mas teve de batalhar ainda durante 36 lances e perto de três horas e meia até Kortchnoi depor as armadas. Foi, de resto, a partida mais longa da meia final que opôs os dois homens com um final em que Kortchnoi demonstrou grande engenho. Contudo, quando Kasparov conseguiu transfor-

mar o peão «G» em rainha, toda a resistência se tornou inútil. No entanto, Kortchnoi obstinou-se, para grande espanto dos mestres presentes.

Sporting campeão

O Sporting ganhou com 15 pontos o campeonato nacional de xadrez por equipas que terminou domingo no edifício da Câmara da Amadora.

Em segundo lugar ficou o FC da Foz com 13 pontos, a Académica da Amadora foi terceiro (12) e o Farense quarto (11,5).

Nacional para cegos

O sexto campeonato nacional de xadrez de cegos iniciou-se em Lisboa, onde decorrerá até ao próximo dia 16, organizado pela Federação Portuguesa da modalidade com o patrocínio de Lions Clube da capital.

Resultados da primeira jornada: J. Luis — Pedro Ribeiro, 0,5-0,5; António Vidinha — Alfredo Mau, 0-1; J. Miguel Santos — J. Luis de Almeida, 0-1; António Aveiro — Carlos Cordeiro, 1-0; Agostinho Costa — José Mimoso, 0-1.

TOTO BOLA

Os Serviços de Escrutínio do Totobola apuraram 934 apostas com 13 resultados certos no concurso de domingo.

A cada «13» cabe o prémio de 23 979 escudos (valor provisório).

Com 12 resultados certos foram escrutinadas 18 694 apostas, correspondendo a cada uma o prémio de 1197 escudos.

Olhanense quer ser alguém no ciclismo nacional

O Olhanense está a estruturar-se para vir a ser, dentro de dois anos, uma potência no ciclismo português — declarou o dirigente do clube algarvio Júlio Favinha, responsável pela secção.

Esta convicção é partilhada pelos restantes dirigentes e adeptos do Olhanense, que vêem no ciclismo o renascer de uma modalidade com grandes tradições no Algarve e que pode projectar o nome do clube a todo o País e às primeiras páginas dos jornais.

Aliás, foi essa vontade, misturada com a «carolice» de mais uns quantos, que levou Júlio Favinha, há pouco mais de um ano, a criar a secção de ciclismo, começando, como afirmou, «pela base».

Com esta frase, o dirigente do Olhanense pretendeu chamar a atenção para o facto de a actividade velocipédica naquele clube algarvio se ter iniciado com equipas juniores e seniores «B».

Os resultados alcançados foram de modo a incentivar o trabalho futuro, dado que, além do bom comportamento da equipa de seniores B nas provas em que participou a nível nacional e regional, o Olhanense foi vice-campeão nacional de juniores, por equipas, em pista e estrada.

Para a época velocipédica de 1984 o Olhanense assegurou o concurso de alguns dos melhores ciclistas portugueses.

Os nomes dos ex-portistas António Fernandes e Luís Vargas, dos taurinos José Henriques e Abel Coelho e dos ex-Lousa Joaquim Carvalho e Luís Domingues, são bem o espelho da von-

tade e das esperanças olhanenses em subir ao «podium» do ciclismo português.

Para se juntarem aos consagrados, foram promovidos a seniores «A» Manuel Gonçalves, Idalécio Jorge, António Guia e José Mendes, ciclistas em quem o clube deposita muitas esperanças.

Contudo, dentro do espírito que presidiu ao lançamento da secção, nem só «as grandes vitórias» em competição fazem parte do plano.

Dai que o reforço dos seniores «B» (equipa constituída só por algarvios) e a constituição de equipas de aspirantes, juvenis e juniores são certezas concretizadas, num conjunto que engloba mais de 30 jovens ciclistas.

Dedicando grande parte do esforço ao futebol, com actividade em todas as categorias e esperança numa subida à primeira divisão, não era previsível, a curto prazo, o entusiasmo reinante no Olhanense, em torno do ciclismo.

Tal entusiasmo, na opinião dos dirigentes do clube algarvio, surge porque «a modalidade estava a acabar na região e o Olhanense surge como um messias».

Não se pretende ofuscar o futebol, até porque o ciclismo é uma secção autónoma que terá de sobreviver por si — frisaram os dirigentes.

Dos apoios, além de um pequeno subsídio interno do clube e câmara municipal, todo o resto virá de particulares e firmas comerciais.

Alhandra: 62 anos de futebol

Balneários e autocarro são presentes de anos

O Alhandra Sporting Club está a comemorar o seu 62.º aniversário desde o dia 1 do corrente, iniciativa esta afectada pelas cheias que em Novembro último fustigaram Alhandra e irromperam nas próprias instalações deste clube que conta mil e quinhentos sócios e que além de futebol pratica atletismo, vela e pesca, tendo ao serviço da sua principal actividade cerca de duzentos atletas.

O ASC comemora o seu 62.º aniversário festejando os dois presentes que a actual direcção

e em parte a anterior lhe ofertaram: um complexo de balneários como se não vê no futebol regional nem mesmo em muitos casos, do futebol nacional e um autocarro que também não é acessível à maioria dos clubes. Ao Alhandra só foi possível meter ombros a esta última iniciativa contando com o apoio de todos os seus associados e de alguns industriais e comerciantes da área.

O 62.º aniversário do Alhandra ficará assinalado pela sessão solene que em 26 do corrente, no

Teatro «Salvador Marques», contemplará os associados que completam 25 e 50 anos de filiação partidária. Mas, entretanto, já teve vela e pesca e, no próximo domingo, movimentará centenas de praticantes em torno do II Grande Prémio de Atletismo de Alhandra. Uma exposição de quadros de pintores da terra, um colóquio a efectuar segunda-feira (com jornalistas desportivos, um técnico e um futebolista) e uma mostra de postais são outros actos previstos nas comemorações do ASC este ano, em Dezembro.

Juventude de Évora fez 65 anos

O secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, presidiu ontem à noite, em Évora, à sessão solene Comemorativa dos 65 anos do Juventude Sport Clube.

Na sessão estiveram ainda presentes as principais autoridades civis, militares e religiosas da Cidade, além de dirigentes de outras colectividades, Associação de Futebol e Comissão de Arbitragem.

O jornalista da Rádio Comercial Fernando Correia fez uma intervenção dedicada «a grande luta mundial que há entre o desporto profissional e amador» — tema que considerou apaixonante.

Os diversos oradores na sessão foram unânimes em reconhecer a actividade do Juventude de Évora em prol do desporto ao mesmo tempo que a direcção do clube recordou aos presentes as dificuldades financeiras com que a colectividade se debate neste momento.

Miranda Calha, numa breve intervenção, fez um curto balanço da actual situação do desporto em Portugal e mostrou-se receptivo em ajudar o clube ebo- rente, assim como as demais colectividades congéneres do País.

No final da sessão, que demorou cerca de quatro horas, e falando aos jornalistas, Miranda Calha escusou-se a comentar as recentes convulsões registadas

Barcelona: candidatura a Olimpíadas

O presidente do Município de Barcelona, Pascual Margall, entregou ao presidente do Comité Olímpico espanhol o anteprojecto da candidatura da cidade a organização dos Jogos Olímpicos de 1992.

Com este segundo relatório, Barcelona espera receber a confirmação da sua candi-

datura, para poder enfrentar a «concorrência» de Paris e Estocolmo, igualmente intejadas na sede da Olimpíada de 1992.

O relatório anterior, intitulado «Primeiras aproximações», foi entregue ao COE há cerca de um ano.

Taça de Portugal no final do ano

Estoril-Águeda e Salgueiros-Portimonense são os jogos entre primodivisionários dos 16 anos de final da Taça de Portugal em futebol — determinou o sorteio ontem efectuado.

Outro desafio em perspectiva entre clubes da primeira divisão é o Varzim-Braga, caso os poveiros derrotem o Anadia no jogo de desempate a efectuar quinta-feira, na Póvoa.

O Benfica recebe o Chaves (II Norte) e o FC Porto o Valonguense (também II Norte), enquanto o Sporting se desloca a Portalegre para defrontar o Estrela (III).

Esta quarta eliminatória disputa-se em 31 de Dezembro. Paredes (III)-Guimarães, Paços Ferreira (II Norte)-Farense e Setúbal-Gil Vicente (II Norte) completam as listas de confrontos em que intervêm clubes do escalão superior.

Nos jogos entre equipas da segunda divisão destaca-se o Belenenses-Nacional, que se defrontaram domingo na Madeira numa partida da zona Sul que os madeirenses venceram por 1-0.

Outros desafios que opõem clubes deste escalão são o Covilhã-Torrense e o Beira Mar-Vizela, enquanto o Barreirense (II Sul) recebe o Atlético (III).

O Montijo (III) recebe o vencedor do desempate Leixões (II Norte)-Samora Correia (III) e o Elvas (II Centro) desloca-se ao campo do Olhanense — vencedor do Santacruzense-Fátima.

Resta o Riopole (II Norte), cujo adversário depende da remissa Valadares-Rio Ave ou Valadares-Juventude de Évora, pois aguarda-se ainda o trânsito em julgado do processo do desafio entre o clube alentejano e o de Vila do Conde.

EUA: atletas laureados

Edwin Moses (400 metros barreiras) e Henry Marsh (3000 metros obstáculos) foram os laureados de três novos troféus anuais atribuídos em Indianápolis (Indiana) pelo congresso da Federação Americana de Atletismo (TAC).

Lewis, tripla medalha de ouro nos campeonatos do mundo de Helsínquia em Agosto último, recebeu o «Troféu Jim Thorpe». Lewis foi escolhido como «melhor atleta masculino do ano» pela revista especializada «Track and Field News».

Moses, campeão do mundo e detentor do recorde do mundo dos 400 metros barreiras (47.02), foi-lhe atribuído o «Troféu Harrison Dillard» enquanto Marsh, detentor do recorde dos Estados Unidos dos 3000 metros obstáculos (8.12.37), foi o primeiro candidato do «Troféu Glenn Cunningham».

Por outro lado, Mary Decker, dupla campeã do mundo dos 1500 metros e dos 3000 metros, foi designada como a «melhor atleta feminina do ano». No mês passado, ela recebera o «Prémio Jesse Owens» destinado a recompensar a atleta por ter efectuado «os melhores tempos do ano».

As outras atletas americanas homenageadas são Joan Benoit e Greg Meyer (maratona), assim como Louise Ritter (salto em altura).



*Aldrich: rins matam-no
aos 61 anos*

Cinema perde realizador dos "Doze Indomáveis Patifes"

O realizador americano Robert Aldrich morreu ontem, em Los Angeles (Califórnia), com 65 anos de idade. Aldrich sofria há vários meses de uma doença dos rins.

Robert Aldrich nasceu a 9 de Agosto de 1918, em Evanston (Rhode Island). Diplomado pela Universidade da Virgínia, dirigiu-se, em 1941, para a Califórnia, com a intenção de fazer cinema. Seguiu a rota clássica de assistência, estagiário e realizador de segunda equipa. Colaborou, designadamente, com Jean Renoir, no filme «O Homem do Sul», com Joseph Losey, em «Le Rodeur», e com Charlie Chaplin, em «Limelight».

Robert Aldrich deu os seus primeiros passos como realizador com um tema sobre o baseball, «The Big Leaguer». Depois de vários filmes de encomenda («Alerta em Singapura», nomeadamente), torna-se seu próprio produtor e faz uma estreia estrepitosa com dois «westerns» interpretados por Burt Lancaster: «Bronco Apache» e «Vera Cruz», bem como um filme negro onde as leis do género são destruídas e que continua a ser a sua obra-prima: «Em Quarta Velocidade».

Depois, realizou 25 filmes, dos quais os mais conhecidos são «O Grande Cutelo» (1955), «Ataque» (1956), «Que sucedeu a Baby Jane?» (1962), «Os Doze Indomáveis Patifes» (1967), «Não há Orquídeas para Miss Blandish» (1971) e «Duas Raparigas no Tapete», sobre as jogadoras de catch, seu último filme, produzido em 1981.

A obra de Robert Aldrich distingue-se por uma violência por vezes artificial, que agide constantemente o espectador. O seu pessimismo profundo é reforçado ainda por um cepticismo relativamente aos benefícios da civilização, sobretudo nos seus últimos filmes, particularmente desesperados. Os heróis de «Duas Raparigas no Tapete» são mitómanos que se arrastam de cidade em cidade, repetindo o seu desespero.

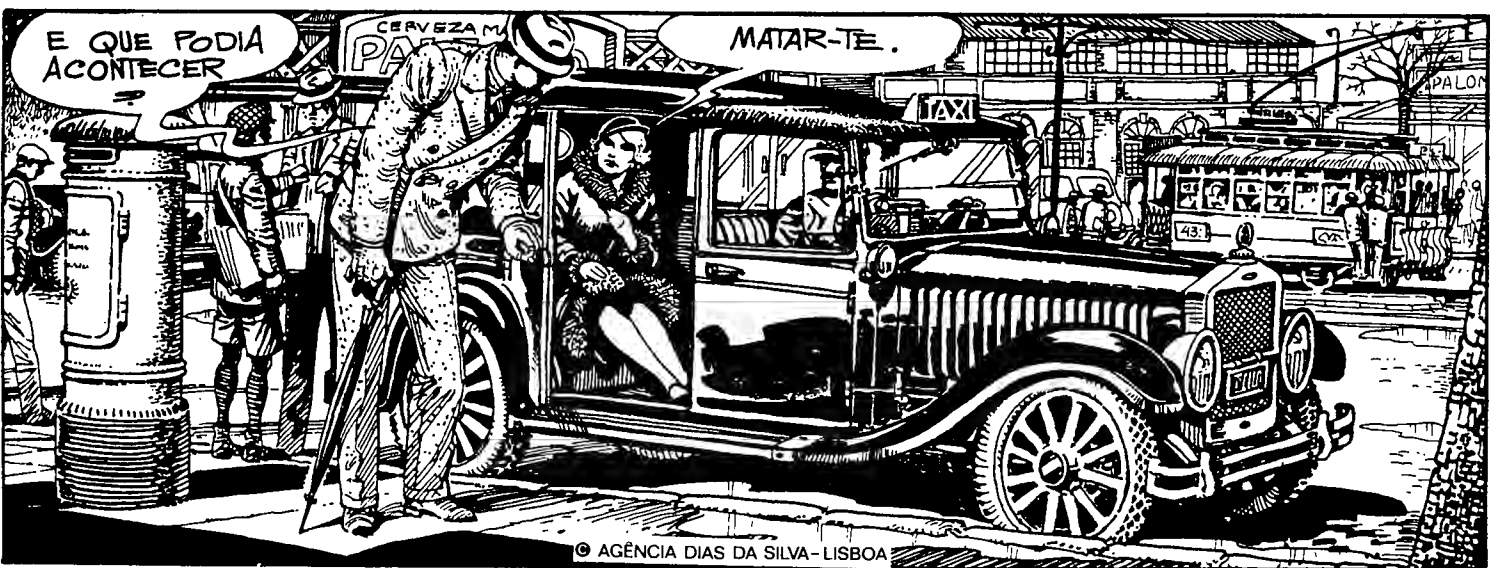
A obra de Aldrich tinha sido notada em França nos anos 50, através dos «Cahiers du Cinéma», particularmente por meio de François Truffaut.

Evaristo

Melodrama de desempate

C. Sampayo & F. Solano

9



© AGÊNCIA DIAS DA SILVA - LISBOA

Continua



NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS





COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

sexta e sábado
às 21,30h11 MESES
DE LOTACOES ESGOTADAS2 salas
2 espectáculospraca espanha
TEL 72 08 18no espaço de
★ CAFE-TEATRO

quintas às 22 h

sexta e sábado
às 23,30h

★ QUERO

O MEU VITOR

A CORES

UMA FARSA DE CORPO PRESENTE

2º MÊS

SERVIÇO DE BAR

O GRANDE FILME DAS FESTAS

MUNDIAL FILMES E OS CINEMAS
"CASTIL", "CITY" E "VOX" TÊM O
GOSTO DE APRESENTAR O MAIOR
CÓMICO FRANCÊS DA ACTUALIDADE

O GRITO DA VITÓRIA

A GRANDE COMÉDIA DO ANO, QUE
VAI PÔR LISBOA INTEIRA A RIR A
BANDEIRAS DESPREGADAS!ATRAVÉS DO MUNDO, EM HON-KONG,
TUNISIA, PARIS, NEW-YORK E SENEGAL,
OS PROBLEMAS RESOLVEM-SE COM A
TÉCNICA DE "PLANETA ASSISTENCIA"

Um filme de CLAUDE ZIDI

COLUCHE • VALÉRIE MAIRESSE • DIDIER KAMINKA

MARTHE VILLALONGA e EVA DARLAN

MUSIQUE VLADIMIR COSMA

ESTREIA

AMANHÃ

Em três cinemas

CINEMA CASTIL CITY VOX

MUNDIAL FILMES MAIORES 12 ANOS

TRIBUNAL DE
1.ª INSTÂNCIADAS
CONTRIBUIÇÕES
E IMPOSTOS

DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Dezembro de 1983 pelas 15 horas neste Tribunal — Rua Bramcamp-5-4.º vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Garotel — Sociedade de Iniciativas Turísticas, Ld.ª com sede na R. Castilho 169 Lisboa, no processo executivo n.º 5755/81, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Um minicomputa-

dor da marca Loga-Bax série LX 2500, em bom estado de conservação no valor de 500 000\$00.

Verba n.º 2 — O direito ao arrendamento e trespasse do edifício sito na R. Castilho 169, a que foi atribuído o valor de 17 000 000\$00

Verba n.º 3 — Cinquenta e nove quartos, compostos por duas camas, uma cadeira, um televisor a preto e branco da marca Kapsch, um frigorífico, estilo bar da marca Ferras todos em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 3 500 000\$00.

Verba n.º 4 — Nove quartos compostos por uma cama de casal, um frigorífico estilo bar da marca Ferras todos em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 540 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 28 de Novembro de 1983

O JUÍZ DE DIREITO

Manuel Luís Macaísta Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO

Carlos Manuel Almeida Alvelos)

D.L. — 6/12/83 — 2.ª Pub.

crítica de teatro

FITEI/Ano VI

CARLOS PORTO

Diário de um espectador (11)

Sábado, 19.11 Manhã.) Saímos calmamente na manhã de sábado, às nove horas em ponto. No caminho para o autocarro, o motorista do táxi lançara-nos um primeiro alerta: Parece que aquilo lá por Lisboa está mau. Disse a rádio. Para nós, no entanto, isso não tinha grande significado. Ainda bem que chovia, pensávamos. E viámos por aí abaixo, sem grandes problemas, a não ser uma forte batega na região de Coimbra, além de começarmos a sentir alguma inquietação perante as notícias que de hora a hora ouvíamos na rádio.

(Sábado, 19.11. Tarde/noite.) Dia de água, dia de cinza, dia de lama, dia de vultos que se perdem na neblina, de vozes abafadas. Calculávamos chegar a Lisboa por volta da uma da tarde, antes do horário normal. Estamos perto da portagem do Carregado, uns 40/50 quilómetros, menos de meia hora, de Lisboa, de casa. No entanto, parámos e não pudemos avançar. E as notícias agora já não deixam grandes margens para dúvidas. Ouvimos há pouco um oficial da brigada de trânsito apelar para que os automobilistas não fossem a Cascais para não prejudicar os trabalhos em curso (era na Rádio Renascença). Pouco depois, num programa publicitário, o locutor de serviço convidava os ouvintes a irem a Cascais, a um qualquer restaurante! Contradições do sistema capitalista. Chove às vezes, outras vezes não chove. O céu transformou-se numa espécie de guardachuva cujo forro é cinzento, quase negro. Ali estamos à espera de uma ordem. O polícia da brigada de trânsito não permite a passagem porque mais à frente a auto-estrada está cortada pela água.

Ouvem-se comentários azedos: mas então gastam-se numa obra como esta milhões de contos e os srs. engenheiros não previram a possibilidade de inundações, não criaram condições para preservar uma obra tão importante como esta numa calamidade natural. As horas passam. Há autocarros, pelo menos três, cheios de passageiros, alguns de idade, crianças; há muitos automóveis e camiões. De vez em quando, pessoas saem dos carros, juntam-se, protestam. Começa a criar-se um clima de revolta. Há quem não coma há muitas horas; crianças que choram. O agente diz que ele próprio teve que limpar a casa e que há muita gente em perigo. Conclui-se no entanto que ele

não sabe, de facto, não sabe o que se passa lá à frente. Numa espécie de lago barrento que se formou à nossa direita, surge um puto de uns dez anos que, apoiado num pau, procura romper pela água que lhe chega até aos joelhos. Pouco depois vemos que tenta salvar um porco. Este, teimosamente, resiste mas por fim lá se deixará levar. Franzino, frágil, o miúdo parece um ser imensamente solitário, como que perdido num outro planeta.

Finalmente, chega um carro da brigada de trânsito. Um oficial muito calmo procura tranquilizar os mais nervosos. Mas vai-se embora e ficamos outra vez entregues ao desconhecido. A noite aproxima-se. Toda a gente diz que à noite será pior. Não há dúvida: «Os Três Mosqueteiros» estão cada vez mais longe. Finalmente vem uma ordem para avançarmos. Não é no entanto para seguirmos pela auto-estrada. Um outro agente dá indicações ao motorista para seguir por uma outra estrada, por Alenquer, Torres Vedras, etc.

Começa então uma viagem quase fantástica por um mundo desconhecido, por uma noite fechada, correndo por estradas quase impraticáveis, por caminhos por onde nunca passaram carros deste tamanho e onde por vezes estes têm dificuldade em passar. Descemos a Alenquer e quase ficamos presos na lama; ao lado, um pequeno rio transformou-se numa corrente impetuosa. Vejo, numa pequena loja, invadida pela lama, pessoas que procuram desobstruí-la. Voltamos à estrada. Corremos um itinerário que não saberíamos reconstituir, passamos por terras absorvidas pelo negro da noite, onde não há o brilho de uma única luz, nem interior nem exterior. Em vários lugares, populares, num esforço admirável, procuram ajudar, guiar os motoristas, iluminar o caminho, dar indicações úteis. Só eles ligam aquele pequeno mundo que atravessa um país devastado à humanidade de que faz parte. Sem eles, tudo seria muito pior.

No autocarro, as senhoras de idade manifestam o seu temor, querem sair, têm medo do rio, de todos os rios. Um velho quer entrar embora não pertença ao nosso carro mas a um outro que vai mais além. A Maria Teresa ajuda a «hospedeira» a tranquilizar os mais nervosos. E assim vamos ao longo da noite, da chuva, à procu-

ra de uma cidade que parece ter desaparecido. Até que reencontramos finalmente a auto-estrada, quinze quilómetros mais longe. Andamos não sei quantos quilómetros durante quase quatro horas para fazer quinze quilómetros. Agora o caminho está livre. Estamos finalmente em casa. São onze e meia. No Rossio, é quase certo, ainda tilintam as espadas de D'Artagnan & C.ª.

(Hora de Poesia). Referi aqui o nome do poeta do Uruguai Mário Benedetti a propósito do espectáculo de El Galpon «Pedro e o Capitão».

Calcule-se que encontrei na Leitura um volume da revista espanhola «Hora de Poesia» um volume (o 1.º) com poemas de Benedetti precedidos por uma nota biobibliográfica. Tendo nascido em 1920 o poeta foi viver quatro anos depois para Montevideo. Depois de fazer o liceu trabalhou numa editora em Buenos Aires onde passou a residir a partir de 1938 e até 1974. Publica em 1945 o seu primeiro livro de poemas. Publica poesia, teatro, romance. Faz várias viagens. Em 1968 funda e dirige o Centro de

Calcule-se que encontrei na Leitura um volume da revista espanhola «Hora de Poesia» um volume (o 1.º) com poemas de Benedetti precedidos por uma nota biobibliográfica. Tendo nascido em 1920 o poeta foi viver quatro anos depois para Montevideo. Depois de fazer o liceu trabalhou numa editora em Buenos Aires onde passou a residir a partir de 1938 e até 1974. Publica em 1945 o seu primeiro livro de poemas. Publica poesia, teatro, romance. Faz várias viagens. Em 1968 funda e dirige o Centro de Investigações Literárias da Casa de las Américas (Cuba), e renuncia sistematicamente a todos os prémios oficiais como atitude política. Em 1971 funda, com outros uruguaios, o Movimento de Independentes «26 de Março» que virá a integrar a coligação de esquerda. Nesse mesmo ano é nomeado director do Departamento de literatura Hispano-americana da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevideo. Em 1973, a seguir ao golpe militar, pede a demissão e refugia-se em Buenos Aires. Dos poemas de Mário Benedetti publicados na revista espanhola, atrevo-me a traduzir um, o que espero seja visto como uma contribuição para a difusão de um grande poeta pretextada por um festival de teatro

(mas a poesia precisa de pretextos?).

Construção
da Saudade (1974)

Não é bem como
construir uma cidade
mas antes como fundar uma dinastia
a saudade tem mãos nuvens estré-
lhos

ruas e lábios árvores e passos
não se planifica com paz e compasso
mas com uma enfiada de esperanças
e delírios

uma saudade bem construída
uma saudade com alicerces bem fun-
dos

que com espanto procura o amor
e o encontra por momentos ou por lus-
tros

pode permanecer um tempo ou pelo
menos

volver algumas noites a cavar a sua
doçura

de facto não é como fundar uma dinas-
tia

mas antes como construir um estilo
uma saudade pode ter faces
e canções e bálsamos
ser uma fantasia que logo
se transforma em ventre ou povo
talvez chuva verde
por detrás da janela dividida
ou uma praça de sol
com punhos no ar

Uma saudade solidamente construída
não pode deixar de morrer se não for
renovada

pois é tão frágil que dura uma eternida-
de

porque ao acabar-se o prazo resgatam-se
os velhos reflectores da insónia

Porém também não é como fundar um
estilo

mas antes como construir uma nutri-
na

Uma saudade amorosamente cons-
truída

limpa-nos os pulmões aviva-nos o
sangue

sacode-nos o Outono renova-nos a
pele

E às vezes convoca o melhor que te-
mos

a parte de heroísmo que nos compete
realizar

E claro uma saudade pode ser um es-
cândalo

que às vezes nos percorre como um
sol de franqueza

como uma avalanche de seiva como
um pouco de magia

como uma planta vulgar
que de súbita devem única

Pensando melhor
talvez não seja como construir uma ci-
dade

mas antes como construir um sonho

Exposição
de Eduardo Nery

O pintor Eduardo Nery que, a partir de 1964, realizou 15 exposições em Lisboa, 3 no Porto, 2 em Coimbra, 2 em Ponta Delgada, e que, recentemente, expôs no Centro Cultural Português, em Paris, inaugura hoje, pelas 19 horas, uma Exposição de Pintura e de Fotografia, na «Galeria Ana Isabel» (Rua da Emenda, 111-1.º). A Exposição estará aberta até às 24 horas. «Exposição de Transmutações da Imagem» — assim classifica Eduardo Nery a Exposição dos seus trabalhos produzidos nos anos de 1981 a 1983.



O Rissol da Esperança

de Joaquim & Ribeiro

RESTAURANTE • CERVEJARIA • PASTELARIA

RUA DA ESPERANÇA, 96 a 96-A

TELEF. 660040

1200 LISBOA

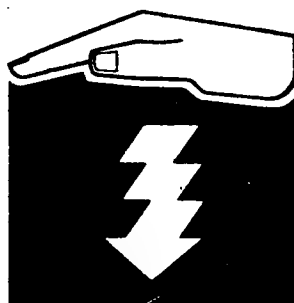
Euterpe
Alhandrense
festeja

121.º aniversário

A Sociedade Euterpe Alhandrense é uma das mais antigas colectividades portuguesas, comemorando este mês o seu 121.º aniversário. As várias iniciativas que encimam a passagem de mais um ano na sua vida abriram já em Novembro, se bem que este ano ensombradas pelas catastróficas inundações que assolaram Alhandra.

A romagem ao mausoléu dos músicos da Euterpe e a chegada e concerto, depois, dos Bombeiros Voluntários do Zambujal são os actos mais importantes previstos para quinta-feira, dia 8, prosseguindo as comemorações no dia seguinte, sexta-feira (actualmente Pedro Barroso e o agrupamento «Terra a Terra»), sábado, dia 10 (o Grupo de Teatro «Esteiros» apresentará a peça «O Princípio ou o fim?») e domingo, ainda com o mesmo elenco e a mesma peça.

As comemorações do 121.º aniversário do SEA continuarão em Janeiro.

POUPE
ELECTRICIDADE

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A culpa é do Pidac

Frei Hermano da Câmara foi a segunda voz das segundas-feiras, logo a seguir à de Carlos do Carmo.

Estamos perante um artista que fez a sua opção: a devoção ao culto Mariano expresso em música. Encerrado num convento, ao que se diz, a canção é a sua maneira de descer à cidade, de intervir. Decidiu pregar por música, processo aliás legítimo como qualquer outro.

Afastado como está das tentações comerciais e mundanas que conduzem à renovação das aparências musicais, Frei Hermano segue uma linha melódica entre fado e cantochão, de onde em onde com ressaibos espanhóis. A insistência no processo acaba por determinar uma certa fadiga, uma certa monotonia.

A realização talvez pretendesse conjurar o perigo, recorrendo, com frequência, aos exteriores. Não bastou.

Primeiro, porque os exteriores também não mudaram muito e o bom-gosto nem sempre assinou o ponto. O recurso barato ao contra-luz dá «bons» bilhetes-postais, alimenta a peneirada bacoca das senhoras catequistas das cinco horas. Mal vai ao realizador que se deixa apanhar nessa teia.

Depois, porque Frei Hermano não dá um jeito, não faz uma concessão, esquece quem está a ouvi-lo, olha para cima. Se baixa os olhos é só para recorrer às florinhas do campo.

Finalmente, o recurso constan-

te às imagens do Papa durante a sua viagem entre nós, criou uma segunda frente de monotonia, em vez de eliminar a primeira.

Tão apregoado, o programa «A vez e a voz» parece ter nascido torto. Acontece que este espectáculo com Frei Hermano foge, por completo, às condições que se dizia serem obrigatoriamente iguais para todos os cançonetistas.

Não sei como vão reagir os outros artistas. Diz-se que ou há moralidade, ou comem todos. E nisto de papas, cada qual tem o seu. Se os artistas exigirem, a partir de agora, as mesmas condições propiciadas a Frei Hermano, como responderá a RTP?

Um Acácio chamado Alípio

Nunca nenhuma emissão de TV foi tão badalada como a «1.ª Página» de hoje com o dr. Mário Soares. Autêntica lavagem ao cérebro que define a tendência oficial da RTP. Tendência que institui o monólogo das notas oficiais, sob a forma de notícia ou de reportagem e exclui o debate, a discussão de ideias, a confrontação. Coisas que só lá muito de quando em quando acontecem.

Um debate aconteceu ontem, organizado na rubrica **Parlamento**. O qual serviu exactamente para demonstrar que o Governo tem razão quando não gosta de debates...

Estava o dito Governo representado por Alípio Dias, acolitado por Almerindo Marques, do PS, Mário Adegas, do PSD, e Oliveira Martins, da ASDI. Havia depois o economista Octávio Teixeira do PCP, António Taborda, do MDP/CDE, João Lencastre, do CDS e Hasse Ferreira, da UEDS.

A moderação estava a cargo de Pinto Coelho.

Tratava-se de «descodificar» essa coisa estranha que dá pelo nome de Orçamento. Mas a breve trecho se percebeu que somente o Octávio Teixeira estava preparado para enfrentar a situação. Foi ele quem, por um lado, apontou a filosofia subjacente ao plano do Governo: fazer recair as consequências da «austeridade» sobre os trabalhadores, os pequenos industriais e comerciantes, e por outro lado, apontou a via essencial da alternativa: o aproveitamento da imensa força motriz do trabalho dos portugueses em vez da sua marginalização.

Aliás, quer da parte do Governo, quer da parte dos outros apoiantes, não veio nenhuma defesa eficaz para os ataques desferidos por Octávio Teixeira. Enquanto Mário Adegas se espraia em considerações filosóficas, Almerindo repetia **cassettes** de propaganda partidária, incapaz de responder a factos, com factos, e a números, com números.

Aliás, foi ele o responsável por grande parte da bagunça gerada. Na sua opinião, Ernâni Lopes

sustentava que havia simultaneidade entre a austeridade e o desenvolvimento — só que Ernâni Lopes era bem claro austeridade agora e lá para 85 então se pensaria em desenvolvimento. Disse não disse, é não é. Bom, e onde está o plano de desenvolvimento? — perguntava Hasse Ferreira? E então, se agora se destrói a economia, o que é que depois vamos desenvolver? — perguntava António Taborda. Mas esta alternativa de miséria não pode ser alternativa! — demonstrava Octávio Teixeira.

O Governo, esse, pela voz de Alípio Dias, estava preocupado com o «pidac» da Indústria, o «pidac» para aqui, o «pidac» para ali. Afinal de contas, como António Taborda demonstraria, o Governo não se safava nem mesmo no «pidac». Já é azar, um «pidac» tão amorosamente cultivado...

Carlos Pinto Coelho governou uma barca difícil. Iniciou com excessiva autoridade e acabou com excessiva benevolência, só tardiamente reagindo às interrupções, aos comentários, às graças com que o Alípio salpicara a intervenção de Octávio Teixeira que não interrompera nunca ninguém. Por outro lado, a grosseria que utilizou para com João Lencastre, do CDS, é inadmissível. Trata-se de uma arma que nenhum moderador tem o direito de usar.

Um moderador não pode ser malcriado, nem impaciente. Calma aí, rapaz, a vida é curta.

Hoje



O programa 1.ª Página desta noite tem como convidado o dr. Mário Soares

Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV

18.00 Sumário

18.10 Janela Mágica

19.00 Tele-regiões

19.30 Artistas Portugueses — Martins Correia.

20.00 Telejornal

20.30 Direito de Antena — Associação dos Profissionais de Educação e Infância.

20.35 Telenovela — «Pai Herói».

21.30 «Das Nove às Cinco»

21.55 1.ª Página — o dr. Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista, é o convidado de 1.ª Página. Em foco vai estar a actualidade política nacional.

22.55 Últimas Notícias



Na RTP-2 exhibe-se mais um episódio da série «A Família Bellamy»

19.32 Desenhos Animados

20.00 Telejornal

20.30 Um Toque... de Música — programa de música variada com o Grupo Roxigénio.

21.00 Açores e o Património — Palácio Jacome Correia.

21.30 «A Família Bellamy» — realização: Raymond Menmuir.

22.30 Telenovela — «Gabriela».

23.00 Último Jornal

Amanhã

12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.15: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Tele-regiões; 19.30: Três Tons; 19.50: Vamos Jogar no Totobola; 20.00: Telejornal; 20.30: Direito de Antena — com Câmara dos Despatchantes Oficiais; 20.35: «Pai Herói»; 21.15: Cinema Lumar — com o filme «História de uma Mulher»; 23.00: Últimas Notícias

19.30: Desenhos Animados; 20.00: Telejornal; 20.30: Adágio; 21.00: Estúdio Aberto; 21.30: Estórias da História — Vietnam; 22.15: «Gabriela»; 22.45: Último Jornal

GRUNDIG

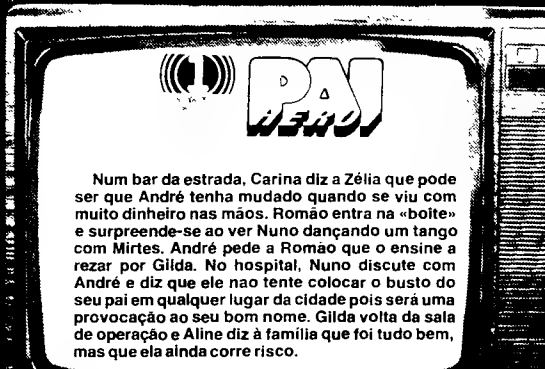
a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Das 9 às 5»
(21.30)



«A Família Bellamy»
(21.30)



Num bar da estrada, Carina diz a Zélia que pode ser que André tenha mudado quando se viu com muito dinheiro nas mãos. Romão entra na «boite» e surpreende-se ao ver Nuno dançando um tango com Mirtes. André pede a Romão que o ensine a rezar por Gilda. No hospital, Nuno discute com André e diz que ele não tente colocar o busto do seu pai em qualquer lugar da cidade pois será uma provocação ao seu bom nome. Gilda volta da sala de operação e Aline diz à família que foi tudo bem, mas que ela ainda corre risco.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRA A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Alameda Reis 175 1.ª (junto IMPERIO)
VICTOR - telef. 53 82 20

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA2.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 9551 1.ª secção
Exequentes — Banco Português do Atlântico

Executado — Tinturaria Cambournac de Pedro Carrasqueira Cambournac Herds. com sede na Quinta do Papel — Cacém, e Ernesto Cruz e C.ª com sede na Covilhã.

Lisboa, 31 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito,
(António Costa Marques)
O Escrivão de Direito,
(Daniel Gonçalves)

•DL• — 6/12/83 — 1.ª Pub.

OLHE O PERIGO
DE
FRENTE!SPGL SINDICATO DOS PROFESSORES
DA GRANDE LISBOA
ASSEMBLEIA
GERAL DE SÓCIOS
7 DE DEZEMBRO

Na sequência da luta que os professores têm vindo a desenvolver pelo direito à Negociação Colectiva, por melhores condições de vida e de trabalho, pelas liberdades e contra a degradação do ensino, a FENPROF procedeu à análise da situação e elaborou uma proposta com vista ao agravamento das acções de luta. Com o objectivo de decidir sobre as formas de que esta se deve revestir, convoco a Assembleia Geral de Sócios (descentralizada) com a seguinte **Ordem de Trabalhos**:

- 1 — Informações e análise da situação reivindicativa.
- 2 — Acções a desenvolver.

A Assembleia Geral funcionará descentralizadamente nos seguintes locais e horas:

LISBOA	— Biblioteca Nacional	— 21.00 horas
SETÚBAL	— Secundária S. Julião	— 21.00 horas
SANTARÉM	— Secundária de Marvila	— 21.00 horas

As propostas a submeter à Assembleia Geral, deverão dar entrada na sede do SPGL ou nas suas delegações até às 18.00 horas do dia 6 de Dezembro.

Lisboa, 30 de Novembro de 1983

O Presidente da Mesa da
Assembleia Geral

Graça Fernandes

roteiro cultural

Música

Realiza-se hoje, às 18.30, no Auditório do Instituto Alemão, um concerto pelos artistas Mano Swinnerton (piano) e Andrew Swinnerton (oboé), que interpretarão obras de Schumann, Poulenc, Fauré, Malcolm Arnold e Grevlez.

Bailado

O Ballet Gulbenkian inaugura amanhã a nova temporada com um programa que inclui a estreia do bailado «Visitantes do Sonho», de Vasco Welenkamp, e a reposição de «Reunion in Portugal» de Louis Falco e «Sinfonia em Ré» de Kai Kylian. Hoje, às 21.30, amanhã, às 18.30; sexta-feira, às 21.30 e sábado às 16 e às 21.30 (no Grande Auditório).

Teatro

O Teatro da Graça repõe «O Rutila na Escada» durante duas semanas. O espectáculo, com encenação de Carlos Ferreira e cenografia de Salom-Ast, é apresentado aos sábados, às 21.45 (matinees aos sábados e domingos às 16 horas).

Cinema

Na Cinemateca Portuguesa está a decorrer desde ontem um ciclo dedicado a Jacques Demy, onde para além da to-

talidade das longas-metragens deste realizador francês, se inclui uma selecção de filmes escolhidos por ele. A selecção de Demy tem início hoje, às 18 horas, com «Aurora» de Murnau; à noite, passamos, dele próprio, «Musée Grevin» e «Lola». Amanhã, às 18, «Dia de Cólera», de Dreyer; às 21.30, «La Mère et l'enfant» e «La baie des anges», de Demy.

Exposições

Na Galeria de Cascais da Altamira (edifício Pão de Açúcar), está patente uma exposição de serigrafias de António Botelho, Cargaleiro, Carlos Calvet, Cesariny, Cruzeiro Seixas, Emilia Nadal, Francisco Ariztia, Francisco d'Almada, Gracinda Candeias, Henrique Ruivo, João Mourão, José de Guimarães, Manuel Baptista, Rogério Amaral, Sérgio Pombo, Teresa Magalhães, Vespeira e Yeco.

Uma exposição de óleos e guaches de Manuel Cargaleiro é hoje inaugurada, às 22 horas, na Galeria S. Mamede (Rua da Escola Politécnica, 167). Escreve David Mourao-Ferreira, num texto de apresentação da mostra:

«Esta mais recente fase da pintura de Cargaleiro: o rigor sem constrangimentos; a liberdade sem concessões; a como que alada aliança do saber e do sortilégio; a felicitação do delírio cromático depois de passado ao crivo das exi-



Guache da serie «Gesto no Tempo», de Manuel Cargaleiro, em exposição na Galeria S. Mamede

gências da composição; um novo modo de entender o espaço como se também fosse tempo, de construir o quadro

como se também fosse escritas de instituir a visão como se também fosse música.»

«Gesto no Tempo, sim.

Gesto que sobretudo se manifesta na soberana desenvoltura de leves pinceladas que se sucedem, que se articulam, que se propagam, que se acumulam, e que todavia nunca perdem uma intrínseca individualidade, deixando invariavelmente a descoberto a textura em que se inscrevem, a pautada estrutura que as suporta.»

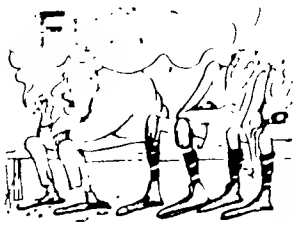
«Fábula do tempo em que as cores falavam. Mito de um futuro, desde já presente, em que as cores, em coro, começam a cantar. E o gesto, o gesto comandado e solto, sempre o gesto de bruxo ou demiurgo, surpreendido à superfície da própria tela no mágico instante em que as espumas, por mais irizadas, coloridamente se corporizam. Ou captado, a partir do efémero, logo em termos de eternidade.»

Na Casa da Cultura das Caldas da Rainha abriu no sábado uma exposição de desenho e escultura de Carlos Giquel e Vitor Lopes. O primeiro nasceu no Maputo e reside actualmente nas Caldas, tendo trabalhado em diversas fábricas de cerâmica. O segundo, nascido nas Caldas, tem participado em diversas exposições de pintura, escultura em barro e desenho.

O IV Salão de Outono está patente na Galeria de Arte do Casino Estoril, apresentando 91 trabalhos de 55 autores. A mostra pode ser visitada até 14 do corrente, todos os dias das 15 às 24 horas.



**EM RECINTOS
FECHADOS
NÃO FUME**



**ENSINE
O SEU FILHO**

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



54 45 45



**centro S.O.S.
voz amiga**

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO ARREMAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Dezembro de 1983 pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Bramcamp, 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Ulyssea Filmes, Lda. com sede na Rua Marquesa de Alorna, 21-A, Lisboa, no processo executivo n.º 1901/77, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma máquina de revelar filmes cor imagem e som da marca André Debré Type DSCCL mod. 19 cuves format 35/16 MM n.º 27 em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de

2 000 000\$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de revelar filmes preto e branco imagem e som da marca André Debré Type DSCCL mod. 15 cuves format 35/16 MM n.º 008, em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 1 500 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da execução da bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 28 de Novembro de 1983.

O JUÍZ DE DIREITO
(Manuel Luis Macaísta Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alvelos)

D.L. — 6/12/83 — 2.ª Pub.

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão, 17.00: ZGHIBZ, 18.30: Informativo de trânsito, 19.00: Informação e música, 20.00: Fohetm — O espaço e sou, 21.00: A voz da solidariedade, 21.30: Viva a noite — as 3.ªs-feiras da Antena Um, 23.00: Último jornal, Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Música portuguesa, 16.30: Arias de óperas, 17.00: Música de câmara, 17.30: Interpretes portugueses, 18.05: Culturas, 19.30: Música em diálogo com a Orquestra Sinfónica do Porto, 20.10: Alfa e omega, 21.00: Escrever hoje, 21.40: Recital de guitarra, 22.30: O gosto pela música, 23.00: Ciclo Ricardo Wagner, 01.00: Fecho Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinee, 17.00: Rapido das cinco, 19.00: Conta corrente, 20.30: Quando o telefone toca (3 edições), 22.00: Portugal e a CEE, 22.15: Programas religiosos, 22.30: 24.ª hora, 01.00: O passageiro da noite, Noticiários de hora a hora

RC-FM — Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor, 16.00: O som da frente, 18.00: Circulo em FM, 19.00: Em órbita, 20.00: Cinco estrelas, 21.00: Jazzofone, 22.00: Café concerto, 00.00: Dois pontos, Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa, 18.00: Jornal das regiões, 18.30: Transmissão do terço, 19.00: Programa da LAR, 19.50: Bola branca (2.ª edição), 20.00: Horizonte, 21.00: Hora de música, 22.00: Ouvir e pensar, 22.30: Máquinas ao vivo, 23.00: Última hora, 23.55: Meditando, Noticiários intercalares a todas as horas

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis, 21.00: Quando o telefone toca, 21.30: Pentagrama.

**Tiragem média diária do
mês anterior: 42 150 exs.**

palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Província do Equador, no centro da região andina. Progenitor.
- Viagem gratuita em qualquer veículo. Divisão territorial da Guiné.
- Irmão do pai. Ouro (sq) Lavras.
- Medida de líquidos da Holanda. Alemanha e Suíça. Sua Senhoria (abrev).
- Paladares. Golfo do Islémeier.
- Sódio (sq) Fundador do Islémeier.
- Calcular. Idem. Prefixo de privação.
- Vielas. Grande ribeira da Ásia Russa.
- Zombas. Embarcação grande. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- Neon (sq e inv) Ondas curtas. Ri sem ruído.
- Estado da África setentrional entre o Mediterrâneo, o estreito de Gibraltar. Centímetro.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9753

HORIZONTAIS:

- Corsários. Romeiro de Meca.
- Matizar. O mesmo que três.
- Chefe etíope. Ilha chilena da Polinésia.
- Preposição e artigo. Pingentes. (fig).
- Sela pequena e rasa.
- Livro de orações. Germe (fig).
- Ferro temperado. Prendeis com eles.
- Sadias. Jeito. Seguir.
- Apreciados.
- Vagabundo. Cidade da Argélia.
- Preposição. Artigo indefinido. Herdade delimitada por marcos.

VERTICAIS:

- Cidade do estado das Alagoas. Brasil. Mulo.
- A Pérsia. Poente.
- Zombas. Bois selvagens. Réio (sq).
- Carta de jogar. Preposição.
- Abafásemos.
- Referente a Arábia. Distribuiu em lotes.
- Posta em salmoira.
- Dubentos e um em romano. Cubro de iodo.
- Levamos à sirga. Reze.
- Grandes. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
- Isto é. Conquista. O sono das crianças.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 900

HORIZONTAIS:

- O Carmo. Vas.
- Le Mor Era.
- Bara Real.
- Avelar. Chao.
- As Teu. Obi.
- SS. Truta. Ró.
- Coa Ante.
- Ge. Acordava.
- Ulo. As.
- Raiar. Divas.
- Ostia. Es. Re.

VERTICAIS:

- Ba. SEGURO
- Lavas. Elas.
- Ceres. Tio.
- Ab. Toa. Ai.
- Rm. Atracará.
- MORREU. Os.
- Ore. Ular. DE.
- Ac. Andais.
- VELHO. Ta.
- Ar. Abreviar.
- Aros. Aço. Ni.
- Lás. Broa. Es.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9752

HORIZONTAIS:

- Arras. Adiam.
- Boa. Arai. Ni.
- Abre. Olho.
- Tão. Loa.
- El. Assis. Só.
- Rodas. Ana.
- Ural. DC.
- Que. Mas. las.
- Te. Catara.
- Aros. Aço. Ni.
- Lás. Broa. Es.

VERTICAIS:

- Abater. Qual.
- Robalo. Ra.
- Raro. Duetos.
- Aar. És.
- Sa. Assam.
- Ro. Laçar.
- Aa. Fia. Saco.
- Dio. SN. Toa.
- La. Adia.
- Anhos. Carne.
- Molos. Sais.

**CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS** **BANCO
CENTENÁRIO**
Banco Fundado em 1864 **UM BANCO
MODERNO**

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	99\$00	105\$10
ALEMANHA FED (marco)	47\$10	48\$20
AUSTRIA (xelim)	6\$60	6\$80
BELGICA (franco)	2\$154	2\$354
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$110
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	103\$25	105\$25
(notas de 5 a 1000)	103\$75	105\$75
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45
ESPAÑA (peseta)	\$783	\$903
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	128\$70	130\$70
(notas de 5 a 1000)	129\$20	131\$20
FINLÂNDIA (marka)	22\$10	22\$70
FRANÇA (franco)	15\$50	16\$20
HOLANDA (florim)	42\$10	43\$10
INGLATERRA (libra)	187\$60	191\$60
IRLANDA (libra)	147\$20	151\$20
ITALIA (lira)	\$071	\$081
JAPAO (iene)	\$522	\$557
NORUEGA (coroa)	17\$00	17\$50
SUECIA (coroa)	16\$05	16\$65
SUIÇA (franco)	59\$95	60\$05
VENEZUELA (bolivar)	7\$90	8\$90

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MEGAFORCE
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
JULIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
TESS
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ESPOSAMANTE
Às 24
PÂNICO EM NOVA IORQUE

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 15, 18.15 e 21.15
- Int. men. 13 a.
CASANOVA
Às 00.15
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS SELVAGENS DA NOITE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS
c/ Ryan O'Neal e Omar Sharif

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O CONQUISTADOR

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MEGAFORCE

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
**OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS**
71.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
PORQUE NÃO?

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
**TIMERIDER OU UMA AVENTURA
EXTRAORDINÁRIA**

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
LA TRAVIATA
de Verdi

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
ALVO ÁGUA
Às 24
ACUSAÇÃO DE HOMICÍDIO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
OS CONQUISTADORES

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OCTOPUSSY

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
O CLÁ NEGRO ATACA

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
**TIMERIDER OU UMA AVENTURA
EXTRAORDINÁRIA**

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
OS LUNÁTICOS DO AMOR



O ESTADO DAS COISAS um filme de WIM WENDERS rodado em Portugal em exibição no Quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.

O ESTADO DAS COISAS
Às 23.30 - M. 18 a.
O DUETO DA CORDA
de John Landis

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.

QUERELLE
de Fassbinder
Às 23.30 - M. 18 a.
OS DIABOS

SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.

O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23.30 - M. 18 a.
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.

O QUE FAZ CORRER DAVID
Às 23.30 - M. 18 a.
A GUERRA ACABOU

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SEMPRE EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ALVO ÁGUA
2.ª Semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.

**OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO**
6.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
**THE IDOLMAKER - O FABRICANTE
DE ÍDOLOS**
3.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
1.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
- M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre
Campos. Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
- M. 12 a.

**OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO**

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A VIDA E UM ROMANCE
3.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 6 a.
QUERIDO FANTOCHE

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackford
11.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O GOLPE DOS ENRASCADOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 - «Oficial e Cavaleiro», às 21.45 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «O Amigo Meu», às 21.15 (12 anos)
CAPITÓLIO - «Escola Técnico-Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE - «Um Dificil Adeus», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLIMPIA - «Matulões, Alugam-se», sessões permanentes (18 anos)
APOLLO 70 - «A Estrada dos Malucos», às 21.30 (13 anos)
RETELO - «O Regresso do Justiciero da Noite», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «Musée Grévin», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Balbúrdias a Bordo», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Cantinfias, o Sr. Doutor», às 21.30 (6 anos)

Outra banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «O Turno da Noite», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA - Silcine - «As Motos do Inferno», às 21.30 (6 anos)
ALMADA - Incrível - «A Mestra», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Academia - «007, Operação Tentáculo», às 21.15 (12 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Hannie Caldwell», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «Octopussy, 007 Operação Tentáculo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «A Filha da Selva», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «E. T. Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «O ABC do Amor», às 21.30 (18 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Um Pai de 13 Anos», às 21.30 (12 anos)
AMADORA - Lido - «O Quebra-Ossos», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÊS - Stadium - «Barro da Lata», às 21.15 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Superpação», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - Oeiras-Cine - «O Caso Danton», às 21.15 (18 anos)
PAREDE - Royal-Cine - «A Longa Noite de Terror», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - CineLândia - «O Porteiro da Noite», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS - Oxford - «Justiça de Guerra», às 21.30 (13 anos)

Porto

RAIONE - «O Turno da Noite», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - «Oh Amigos Meus!», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT - «Verão Assassino», às 21.30 (12 anos)
OLIMPIA - «O Rosto Espiritual», às 21.30 (18 anos)
BEBÉ - «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS - «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI - «Vidência e Sedução», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL - «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «A Senha do Gozo», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «Os Esgotos do Paraíso», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Megaforce», às 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE-A - «Octopussy», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Smic, Smac, Smoc», às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM - «O Mensageiro», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO - «A Aventura Começa em Cabo Branco», às 21.30 (12 anos)
ÁGUA - «A Espada da Vingança», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «O Vigilante», às 21.45 (16 anos)
FOCO - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AREIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331);
CAMPO D'OURIQUE: Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857);
CAMPO PEQUENO - AVE-NIDA DE ROMA: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920);
CARNIDE: Leal Matos, R. Neves Costa, 33-35 (T. 780181);
IGREJA DE ARROIOS - CHILE: Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079);
JERÓNIMOS: Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699);
LUMIAR: Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332);
PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazaríio Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460);
SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira, R. Marquês Sá

teatros

Lisboa

TEATRO DA GRAÇA - «O Rufia na Escada», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Quem Me Acaba o Resto?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO - Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
ABC - «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIADAES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
MODESTOS - «Sem Dinheiro, Ivan Turgueniev», às 21.45 (13 anos)
TEP - Escola Académica - «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Permanente; **NOVA**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ**: Pereira Dias, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM**: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Cargaleiro Lourenço. Até às 22 horas; **SINTRA**: Simões, Estrela (T. 9230832). Permanente; **COLARES**: Abreja (9290088).

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVEM**: Maria, R. Salvador Aliende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES**: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
VILARINHA, R. da Vianinha, 161, LAPA, R. Antero de Quental, 211; **BONFIM**, R. do Bonfim, 73; **GOMES CARNEIRO**, R. de Cedofeita, 348; **FERRERIA DE CARVALHO**, R. do Bonjardim, 354.

DE DIA E TODA A NOITE

LUSO-FRANCESA, R. Sa da Bandeira, 140; **SÃO JERÓNIMO**, R. Santos Pousada, 622; **SAÚDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689; **CAMEIRA**, R. do Heroísmo, 90; **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62.

Coimbra

PAIVA, P. do Comércio (T. 23231); **OLIVEIRA TAMOS**, Monte Formoso (T. 20758).

Outra Banda

ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Louro, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Até às 22 horas; **LARANJEIRO**: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020).



PORTE
PAGO



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade 388740
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 30-2 - 4000 PORTO
Telefones 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.59 4,1 m 9.55 1,1 m
16.21 3,8 m 21.45 1,2 m
Dia 7

4.38 4,0 m 10.12 1,2 m
17.00 3,7 m 22.20 1,3 m

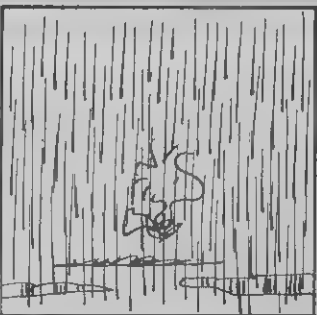
**TEMPERATURAS DO AR
ÀS 6 HORAS**

VIANA DO CASTELO 2°
BRANGANÇA 1°
VILA REAL 1°
PORTO 3°
COIMBRA 3°
CABO CARVOEIRO 8°
PORTALEGRE 8°
LISBOA 7°
ÉVORA 4°
BEJA 6°
FARO 10°
SAGRES -
PONTA DELGADA 16°
FUNCHAL 19°

tempo

**PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ**

Céu pouco nublado ou limpo. Vento
geralmente fraco do quadrante Leste.
Nebulinas e nevoeiros durante a ma-
drugada e manhã. Acentuado arre-
cimento nocturno e formação de
geada nas regiões do interior.



A morte de Maria Lamas



Uma longa vida a pensar nas «mulheres do seu País»

**Símbolo
de combate**

Também o Movimento De-
mocrático de Mulheres (MDM),
organização da qual Maria
Lamas era presidente honorária,
reconhece que a morte da escri-
tora constitui «uma grande
perda, sobretudo para a luta das
mulheres portuguesas».

Em comunicado divulgado o
secretariado nacional do MDM
afirma que a autora de «As Mito-
logias» continuará a ser «o sím-
bolo vivo de um combate total em
que os direitos da mulher se en-
trelaçaram intimamente com a
batalha pela Paz e pela trans-
formação profunda da socie-
dade».

Maria Teresa Horta, chefe de
redacção da revista «Mulher» e a
deputada Helena Cidade Moura,
reagiram também à morte da
escritora. A primeira considera
que o desaparecimento de Maria
Lamas representa «uma perda
para o nosso país»; a segunda,
afirmou-se emocionada, e lem-
brou o «sorriso permanente» da
escritora «aliado a uma coragem
sem quebras, símbolo de uma
força extraordinária, de um
enorme espírito de unidade fra-
terna».

Entretanto, no Porto, a Escola
Preparatória Maria Lamas
encontrava-se esta manhã, de-
pois de ser conhecida a notícia
da morte da escritora e jornalista,
com a Bandeira descida a
meia-haste.

O Conselho Directivo daquele
estabelecimento de ensino havia
convocado, para o meio-dia,
uma reunião de emergência,
para decidir, em conjunto, outras
eventuais manifestações de
pesar pelo desaparecimento da
sua patrona.

Esta escola, frequentada por
cerca de 1380 alunos de ambos
os sexos, foi fundada em Abril de
1974, por ocasião do regresso a
Portugal de Maria Lamas.

HOWARD JONES, cantor e com-
positor britânico, estará em Portu-
gal no próximo dia 11 para partici-
par no programa televisivo «A
Festa Continua» e para lançar o
seu primeiro «single», cujo tema
principal, «New Song», atingiu o
terceiro lugar no top da Melody
Maker, onde permanece. Howard
Jones é, por excelência, um músico
ligado aos sintetizadores, e foi
produzido por Collin Thurston — o
produtor dos «Duran Duran».

**HO YIN, PRINCIPAL PERSONA-
LIDADE DE MACAU**, faleceu
hoje no Hospital Queen Elizabeth
de Hong Kong onde se encontra-
va internado por causa de um
cancro. Com 71 anos de idade,
era presidente da Câmara de Co-
mércio daquele território sob ad-
ministração portuguesa, repre-
sentante do governo de Cantão
junto da comunidade chinesa,
vice-presidente do Conselho Le-
gislativo de Macau, presidente do
Tai Fung Bank, principal institui-
ção bancária local, por intermédio
do qual intervinha na maior parte
dos negócios realizados naquela
área incluindo a quase totalidade
da importação de géneros ali-
mentícios. Gozava de grande re-
putação entre os residentes de
Macau, nomeadamente as enti-
dades portuguesas que, na práti-
ca, nada decidiam sem o seu
aval.

ESCOLAS ASSALTADAS pas-
saram a ser prática habitual con-
tribuindo para avolumar os pro-
blemas que os estabelecimentos
de ensino enfrentam em quase
todos os sectores. Nas últimas 24
horas a delinquência visou: a Es-
cola Secundária Ferreira Borges,
a Escola Gil Vicente, ambas em
Lisboa e a Escola Secundária Se-
bastião e Silva em Oeiras. Por
vezes os furtos atingem importân-
cias diminutas mas os estragos
são por regra consideráveis.

**A MOTORA «RUI ZACARIAS»
NAUFRAGOU** ao largo da Póvoa
de Varzim, depois de ter embati-
do violentamente contra um ob-
jecto não identificado. O mestre e
os cinco tripulantes, que saltaram
para a água envergando os res-
pectivos coletes de salvação, es-
tiveram cerca de uma hora a boiar
até que foram socorridos pelas
embarcações «Rumo da Senhora
da Guia» e «Benjamim José». A
motora naufragada tinha sido
construída há dois anos nos esta-
leiros de Vila do Conde e estava
avaliada em oito mil contos.

**DOIS ASSALTOS EM MATOSI-
NHOS** contra transeuntes. No pri-
meiro caso Manuel Gonçalves
Cardoso, de 58 anos, foi aborda-
do por um jovem que depois de o
dominar e amordaçar, sob a
ameaça de uma faca, lhe roubou
a carteira com quatro contos.
Quanto à segunda ocorrência
teve lugar junto ao edifício da
Câmara do Porto e a vítima foi Al-
berto Franco Fernandes que se
viu cercado por dois desconheci-
dos que lhe levaram o relógio de
pulso, um anel de ouro, um fio de
prata, tudo objectos a que deu o
valor de dez contos.

**O SISTEMA DE JUSTIÇA CRI-
MINAL NOS EUA** será o tema da
conferência que o professor ame-
ricano John Granfield da Univer-
sidade de Geórgia irá pronunciar
hoje pelas 16 horas, na sede da
Polícia Judiciária em Lisboa.

Com 90 anos de idade morreu
ao princípio da manhã de hoje,
em Lisboa, a escritora Maria La-
mas. Maria Lamas, detentora da
Ordem da Liberdade, é um nome
respeitável e prestigiado da inte-
lectualidade portuguesa.

Nascida em Teóres Vedras a
6 de Outubro de 1893, a escritora
e jornalista começaria a sua ac-
tividade pela literatura infantil em
livros e revistas, sob o pseudóni-
mo de Rosa Silvestre, em
1936.

Trabalhou na revista autó-
noma de «O Século», «Modas e
Bordados». Os problemas da
mulher e da sua integração na
sociedade portuguesa constitui-
ram interesses maiores no traba-
lho executado pela jornalista.

No final da guerra, Maria
Lamas foi eleita presidente do
Conselho Nacional das Mulhe-
res Portuguesas, já depois de ter
aderido ao MUD. No ano se-
guinte, por pressão do Governo
de Salazar junto da família Pe-
reira Rosa, a escritora vê-se
obrigada a abandonar a «Modas
e Bordados». Pouco tempo de-
corrido, o Conselho Nacional das
Mulheres Portuguesas era en-
cerrado por determinação das
autoridades policiais.

Nos dois anos que imediata-
mente se seguiram, Maria
Lamas publicou em fascículos o
que é, ainda hoje, provavel-
mente, a sua obra mais impor-
tante: «As Mulheres do Meu
País».

Em 1949 e em 1950 foi detida
pela PIDE. Julgada e condenada
em Tribunal Plenário, aquela an-
tifascista viria, no entanto, a ser
libertada antes de cumprir a sen-
tença.

**Maria Lamas
e a paz**

Em 50 tornou-se membro da
Comissão Nacional da Paz, que
representou, em 1953, no Con-

gresso Mundial das Mulheres
realizado em Copenhaga e em
Bucareste.

Nesse mesmo ano, ao regres-
sar de Moscovo, a autora das
«Mulheres do Mundo» seria de-
tida no Aeroporto de Lisboa pela
PIDE. Mais tarde viveu no exílio,
durante sete anos.

Em 57 e em 59, Maria Lamas
participa nos congressos mun-
diais da paz, em Ceilão e Lon-
dres.

Regressa a Portugal, definiti-
vamente, em 1969, quando já
tinha 76 anos. Ao chegar a Lis-
boa, proclama: «Estou com os
jovens do meu País».

Há três anos, por ocasião da
celebração do seu 80.º aniver-
sário natalício, Maria Lamas
seria homenageada na Casa da
Imprensa.

A autora de «As Mitologias»
(obra que escrevera no exílio)
era presidente honorária do
MDM e fora directora, também
honorária, da revista «Modas e
Bordados», lugar para o qual
havia sido convidada em 1975.

Em 1980 em cerimónia nacio-
nal, o Presidente da República
condecorou-a com a Ordem da
Liberdade.

Maria Lamas morreu, serena-
mente, às 7 da manhã.

**Mensagens
de condolências**

Logo após ser conhecida a no-
tícia da morte de Maria Lamas,
os gabinetes do Primeiro-
Ministro e do ministro da Cultura
fizeram divulgar as suas mensa-
gens de condolências, através
das quais lamentam o desapa-
recimento da escritora.

Mário Soares afirma que foi
«com grande emoção» que
tomou conhecimento da morte
de Maria Lamas de quem foi
«amigo e admirador ao longo de
40 anos».

«Convivi intensamente com
Maria Lamas nos anos de exílio,
em França, quando ela era para
todos os exilados e, sobretudo
para os mais jovens, um apoio
inesimável pela sua capacidade
de compreensão e de actuação
humanista».

Coimbra Martins diz, por seu
turno, que não poderá «esquecer
Maria Lamas, pelo valor da sua
obra, pela sinceridade da sua
luta antifascista, pela sua sensi-
bilidade à condição do trabalha-
dor em Portugal. A especial-

mente da mulher portuguesa».
Recorda também o que a au-
tora de «As Mulheres do meu
País» fez «pelos mais novos, du-
rante o exílio».

Ao fim da manhã continuavam
a chegar às redacções muitas
outras mensagens de condo-
lências e reacções à morte de
uma mulher considerada por
Oscar Lopes «grande figura mo-
ral» da intelectualidade portu-
guesa.

Este escritor e presidente do
Conselho Pedagógico da Facul-
dade de Letras da Universidade
do Porto, depois de considerar
que a extinta «entra hoje na His-
tória», manifestou-se emocio-
nado e cheio de «mágoa» não só
por conhecer pessoalmente a
escritora, mas, também, por ter
por ela e pela sua obra «uma
grande admiração».

Comparou Maria Lamas a
Florbela Espanca e a Ana de
Castro Osório «num conjunto de
escritores notáveis que lutaram
pela emancipação da mulher».
Oscar Lopes exprimiu também a
ideia de que «no panorama da
dignificação da mulher portu-
guesa, Maria Lamas é um rele-
vante marco milenário».

Missão espacial americano-europeia é «êxito completo»

— diz Houston

Três dias antes do regresso a Terra do Columbia, esta pri-
meira missão espacial americano-europeia pode desde já ser
qualificada de êxito completo, afirmava-se ontem à noite no
centro de controlo de Houston.

No plano científico, o balanço é impressionante: estavam
programadas 72 experiências neste primeiro voo do laboratório
espacial europeu no porão do «camião do Espaço» da NASA e
os resultados ultrapassaram frequentemente as previsões mais
optimistas.

Para a Agência Espacial Europeia, ESA, esta missão tinha
importância capital. Com efeito, era preciso provar aos america-
nos que a ciência e a tecnologia do «velho continente» são
dignas de um voo tão ambicioso.

Aliás, os responsáveis da «ESA» não escondem o seu conten-
tamento perante o facto de praticamente os únicos instrumentos
que tiveram falhas têm sido os de concepção e de fabrico
americano ou japonês.

A passagem sobre a Holanda, a 250 km de altura, permitiu
uma conversa emocionante por Rádio entre Merbold, o astro-
nauta alemão ocidental e o seu «duplo» o holandês Wubbo
Ockels, que ficou em Houston para seguir o voo.

Estou a chegar à tua Terra disse Merbold. É magnífico.
A medida que decorre a missão, o programa vai-se aliviando.
Muitas experiências como as das resistências dos materiais

terminaram ou estão prestes a terminar e os assentamentos
astronómicos fazem-se automaticamente.

Ontem recomeçou o estudo do comportamento do Homem
em imponderabilidade. Byron Lichtenberg, o biólogo do Insti-
tuto de Tecnologia do Massachusetts (MIT) prestou-se a uma
sessão de «cadeira giratória» — uma armação instalada no
Spacelab —, que Owen Garriott fazia girar.

Este teste, como o da cúpula rotativa destina-se a registar as
reações da cobaia a fim de compreender as causas do enjoo do
Espaço, a náusea de que padecem em média um astronauta em
dois.

A cúpula totativa cujo interior está coberto de pontos de cores
e tamanhos diferentes tem por finalidade desorientar o paciente
e filmar os seus reflexos oculares.

A correlação das observações feitas deveria permitir aos
médicos entender melhor as interações do ouvido interno e do
sistema visual, um e outro de importância essencial para o
equilíbrio do corpo.

Aproveitando esta maior disponibilidade de tempo, Garriott,
que é um rádio-amador apaixonado, prosseguiu as suas liga-
ções com outros fanáticos, das ondas curtas. O correspondente
com que teve contacto radiofónico, mais demorado, foi o rei
Husseln da Jordânia, a sua conversa durou três minutos.

Esta manhã

Abatidos

dois aviões

sobre

o vale de Bekaa

A artilharia síria estacionada no
vale de Bekaa, no Líbano, abateu
esta manhã dois aviões, segundo
anunciou a rádio Líbano. Um dos
aparelhos, de acordo com a mes-
ma fonte, era um avião israelita
de reconhecimento e o outro de
«nacionalidade desconhecida»,
tendo o seu piloto sido capturado
por forças sírias. A notícia não foi
confirmada oficialmente, mas
crê-se em Beirute que o segundo
aparelho poderá ser norte-ameri-
cano, em voo de reconhecimento
sobre posições sírias, no âmbito
do programa de voos dos últimos
dias.



DL auto

SUPLEMENTO AUTOMÓVEL

Coordenação de Augusto Vilela

Design Gráfico de José Santa Bárbara

1983

A NOVA GERAÇÃO



O ano que vai terminar revelou-se fértil em novidades e pode dizer-se que consagrou o aparecimento de uma nova geração de carros, especialmente no segmento das pequenas e médias cilindradas, sem prejuízo das muitas novidades que apareceram no domínio dos carros grandes. Por isso, a nível internacional e, salvaguardadas as devidas proporções, também o foi em Portugal.

Na verdade, um número bastante razoável de carros inundou o mercado e ao mesmo tempo estimulou uma concorrência que se vai tornando cada vez mais dura, ainda por cima com a crise a ajudar, para não falarmos já do fisco, que tornou a aquisição de um carro novo em Portugal numa

operação fora do alcance de cada vez maior número de pessoas.

A Renault começou com o 9 GTC a que veio juntar-se depois o GTL, ao mesmo tempo que brindava os amantes de carros mais nervosos com os R5 Turbo e TX. Há poucos dias lançou o esperado «11» na versão TSE, para a qual pôs em prática a mais dinâmica e arrojada operação promocional realizada até hoje por qualquer marca, o que denota a esperança que deposita no êxito deste modelo.

Outro acontecimento de relevo foi também o lançamento do UNO da Fiat. Tornou-se imediatamente um sucesso e provoca angustiantes listas de espera entre os necessitados de um carro pequeno, funcional e económico. Para produzir este carro a

marca italiana realizou um dos maiores investimentos da história da indústria automóvel.

A GM que se tem batido por ocupar as zonas do mercado tem finalmente o seu carro — o Corsa — destinado a um público do qual se vê agora afastado.

Há poucos dias a Mocar apresentou o Peugeot 205, outro carro pequeno mas que apresenta as principais características de qualidade daquela marca francesa. Só que, desta vez, o salto no domínio da estética e da funcionalidade foi enorme.

Sem pretendermos esgotar a matéria e condicionados ao nosso espaço, apresentamos hoje, neste suplemento «DL Auto», esses quatro novos modelos.

auto

Louis Brun:

Projecto Renault ultrapassou todas as metas

Nos princípios de 1978 a Régie Renault entrou na sua fase decisiva de negociar com o Governo português um grandioso projecto que consistia em criar em Portugal uma verdadeira indústria automóvel, até aí confinada a umas tantas fábricas de montagem com reduzida capacidade de produção, e mesmo essa pulverizada por uma enorme quantidade de marcas.

Louis Brun foi encarregado pelo construtor francês de levar à prática esse projecto. A sua escolha não foi um mero acaso. Brun tinha uma brilhante carreira na Régie, para onde entrara ainda jovem. Há muitos anos abandonara o trabalho da empresa familiar do pai com o objectivo de ir trabalhar algum tempo numa grande empresa, alargar horizontes e depois regressar para expandir o negócio. Mas não regressou. A sua enorme capacidade de acção projectara-o irreversivelmente.

Em Portugal vivia-se, tal como hoje, uma situação política difícil, onde nada parecia estável, onde uma decisão tomada hoje poderia estar irremediavelmente comprometida amanhã.

Tratava-se, pois, de um desafio difícil. Tão difícil que o projecto Renault começou por gerar incredulidade e uma relativa controvérsia. Louis Brun aceitou esse desafio, subordinado a uma filosofia de base que se tornaria a fórmula mágica da empresa: «Agir».

Hoje, finais de 1983, o projecto não só está cumprido como ultrapassou em prazos e dimensão tudo quanto estava previsto.

O que é hoje o projecto Renault?

Sabemos que não foi fácil concretizar este empreendimento mas, ao contrário de muitos empresários que buscam todo o tipo de justificações para os seus insucessos, Louis Brun não culpa a situação do País de nada. As dificuldades, se as teve, ultrapassou-as. Afirma mesmo que o projecto foi sempre seguido por todos os governos.

«Houve alguns atrasos mas nunca dificuldades de base. Desde 1977 a comissão de negociações foi sempre constituída pelas mesmas pessoas.»

Mas o que é hoje o projecto Renault?

«O nosso compromisso era a criação de um complexo industrial à escala europeia com capacidade de produção de 80 mil carros por ano em 1987/88 e 225 mil motores na fábrica de Cacia em 1985.

Tínhamos também um compromisso para a melhoria da balança de pagamentos para obter o equilíbrio em fins de 1984, bem como o objectivo de integração nacional a partir da indústria de componentes, tendo em conta a taxa de valor acrescentado, que deveria ser de 50 por cento nos carros ao fim de quatro anos e de 80 por cento no fim do sexto ano.

Igualmente nos tínhamos comprometido a introduzir nova tecnologia, isto é, a transferência de «know-how», bem como a desenvolver uma fundição existente com uma participação no capital de uns cinco a dez por cento.»

Todos estes compromissos foram não só cumpridos como ultrapassados, o que é uma situação invulgar na história da indústria portuguesa.

No fim deste ano, longe ainda do horizonte de 1987/88, a produção de carros atingiu já as 37 mil unidades e a de motores 220 mil.

No que respeita às caixas de velocidade a produção prevista era de 37 mil no fim deste ano mas vai atingir 60 884. A diferença entre a produção prevista no contrato e a produção efectiva foi exportada.

Para os motores, o contrato previa a exportação de 55 mil unidades e 70 mil jogos de peças soltas, mas vão ser produzidos 180 mil motores completos para exportação.

Todavia, um dos aspectos importantes é a cobertura da balança de pagamentos. Louis Brun socorre-se de números para nos dar esse balanço.



«Em 1980 o nosso compromisso de cobertura da balança era de 28,1 por cento e atingiu 31,2; em 1981 era de 50,4 e foi de 50,4; em 1982 era de 61,7 e atingiu 67; 1983 era de 78,9 mas vamos fazer entre 90 a 92 por cento.»

A interpretação deste número, salienta-nos o administrador-delegado da Renault, permite concluir que a compra de um carro de, por exemplo, 100 contos, faz sair do País cerca de 85 por cento em divisas mas que, se esse carro for um Renault, saem apenas oito por cento.»

O contrato da Renault chegou a ser polémico no meio. Pusémos em contraponto esta questão a Louis Brun. A resposta foi breve e directa.

«O projecto Renault ultrapassou todas as metas. A parte de motorização não custa divisas aos Países. Para mim isto é a base que não se pode discutir. A Renault negociou um projecto. Cumpriu-o integralmente. Dado que fez investimentos para além do contrato estabelecido teve contingentes como podem ter todas as marcas

que fizeram investimentos e exportações.»

Fundição já em marcha

Por toda a Europa a indústria siderúrgica não vive uma situação brilhante. Daí que não seja um investimento muito procurado. A Renault tinha-se comprometido a colaborar com uma pequena percentagem de capital no desenvolvimento de uma fundição mas, na semana passada, assinou um contrato em que assume para si toda a responsabilidade do investimento, cabendo ao Estado uma participação reduzida, ou seja, apenas 15 por cento.

Porquê?

Louis Brun não quis entrar em muitos detalhes sobre as razões mas o que disse deu para entendermos de uma forma global que, sem a Renault, as coisas não andariam para a frente.

«O investimento previsto e de 3,5 milhões de contos e serão criados 300 postos de trabalho. Os equipamentos vão ser os mais modernos que existem na Europa e vamos adoptar tecnologia de ponta.»

A fundição — FUNDRAP —

fica localizada em Cacia, ao lado da fábrica de motores, e vai fabricar blocos, cambotas e colectores para os motores produzidos na fábrica da Renault.

Os obras já começaram há três meses e a previsão é de 20 meses para a produção arranque, mas Louis Brun pensa poder encurtar esse prazo em cerca de quatro meses, ou seja, começar a fabricar os primeiros blocos nos princípios de Janeiro de 1985.

A Renault Portuguesa faz todas as suas exportações para França, com excepção das caixas de velocidades, que vão para Espanha. Logicamente, aqui surgem dificuldades.

«Os portugueses não são protegidos nas suas relações com Espanha — diz Louis Brun. A Espanha tem grandes protecções com taxas alfandegárias e Portugal praticamente não as tem. Isto significa que a indústria portuguesa quando é competitiva perde essa competitividade porque os produtos pagam cerca de 30 a 38 por cento para entrarem. O mesmo produto fabricado em Es-

panha paga para entrar em Portugal em média 5 a 6 por cento.»

Só no caso dos automóveis completos este problema não se põe para a Renault porque vão todos para França, sendo depois integrados no sistema de distribuição europeia.

Fábrica da Guarda vai ser reconvertida

O problema da fábrica Renault da Guarda, que durante muito tempo preocupou os seus trabalhadores e as autoridades locais, vai finalmente ser resolvido sem sacrifício de quaisquer postos de trabalho. Deve todavia salientar-se que essa promessa sempre havia sido mantida pela Renault, mesmo quando não sabia ainda qual a fórmula a adoptar, mas segura de que uma solução seria encontrada.

«Quando firmámos o contrato da Renault Portuguesa o Governo indicou como local de montagem de carroçarias a zona de Setúbal. Ao mesmo tempo pediu-nos que aceitássemos manter os empregos existentes na Guarda através de um projecto de reconversão dessa unidade que deveria ser apresentado ao Governo o mais tardar em Novembro de 1981.

O projecto foi apresentado em tempo e desde então tivemos discussões com as entidades governamentais até chegarmos, na semana passada, à oficialização do acordo para o projecto apresentado. Trata-se da fabricação na Guarda de veículos utilitários. O primeiro protótipo deve sair no Outono próximo, com objectivo de exportação, se possível.»

A reconversão implica um investimento de cerca de meio milhão de contos e as obras começaram há três meses.

A solução adoptada foi preferida às alternativas de uma reconversão para algo de mais sofisticado, que não se adaptaria às qualificações daqueles trabalhadores.

Acreditar num país

Nos últimos anos todos os pretextos têm sido utilizados para dificultar os investimentos em Portugal. Mas se existem de facto alguns factores adversos, a incapacidade tem sido o factor responsável por grande parte do nosso imobilismo económico. Concretizar um projecto como o da Renault é tarefa que corresponde ao máximo a que um gestor pode aspirar como realização. Será assim com Louis Brun? Ele não gosta de falar de si mas indirectamente responde.

«Estou convencido de que estou a viver a experiência mais apaixonante em toda a minha carreira na Renault e que jamais tive no meu trabalho.»

Isso quer dizer que acredita neste país?

«Quando um profissional do automóvel procura fazer o seu trabalho com muita obstinação é porque tem confiança e acredita. Se não, vai embora. Eu não vou. Fico.»

Acredita também que há possibilidades de fazer coisas em Portugal?

«É evidente que há possibilidades de fazer coisas. O

condicionalismo difícil de hoje acho que pode e deve ser resolvido. Não depende só das empresas.»

Louis Brun refere-se também à capacidade dos trabalhadores e dos quadros portugueses.

«A medida que a Renault vai para a frente vão-se embora os franceses. E muitos dos franceses que estão cá hoje, estão sob as ordens de quadros portugueses. Praticamente mais de metade.»

Tem portanto uma visão optimista?

«Tenho uma visão de saída boa para Portugal. É evidente que as dificuldades existem. A Renault Portuguesa talvez seja uma demonstração de que, quaisquer que sejam as dificuldades, quem quer andar para a frente vai.»

Louis Brun não esquece, por outro lado, a função social das empresas e muito especialmente de empresas como esta. Tem por outro lado uma noção muito própria de como se pode encontrar a competitividade.

«A Renault, empresa de capitais públicos, com uma finalidade humana, deve competir não só no sector industrial mas também no aspecto fundamental de saber que o factor essencial do êxito das empresas depende da motivação dos homens que as compõem. E a motivação não é só dinheiro.

Se um empresário esquecer isto talvez a finalidade da empresa não seja completa. Por outro lado, quando cumprimos o nosso dever podemos ter uma boa consciência para fazer todas as exigências e daí vem a competitividade.»

Mercado automóvel em Portugal

Analisando a situação do mercado automóvel em Portugal, o administrador-delegado da Renault Portuguesa reconhece que há uma quebra sensível que pode continuar alguns meses.

«Mas isto tem um limite. E o limite é que nenhum país pode viver sem motorização. Não se pode dizer outra coisa. E só se poderia falar de outro modo com um conhecimento da orientação geral da economia do País. Neste momento só conheço aquilo que está em vigor.

Se houver uma recuperação económica do País, mais uma vez vai haver um desenvolvimento. No plano internacional há sinais de recuperação, e se isso se acentuar vai ter incidências no mercado português e na recuperação do seu mercado automóvel.»

Que medidas preconizava para o sector?

«As medidas que toma um Governo penso que as toma com responsabilidade. E penso que um Governo não pode deixar de considerar um sector da economia que emprega muitas pessoas e poderá ser um factor de desemprego.

Penso que as medidas para manter todo o sector vão ser tomadas. Não estou no segredo dessas medidas, mas tenho confiança.»

Augusto Vilela

AERODINÂMICA — o que é?

A aerodinâmica é a interacção das forças da atmosfera com os objectos que nela se movem.

A eficiência das formas preocupou os desenhadores de automóveis desde os tempos em que os primeiros veículos autopropulsionados começaram a ultrapassar os limites existentes de velocidade, sendo uma das primeiras descobertas a de que os contornos mais lisos se moviam mais facilmente através do ar.

Na verdade, desde épocas tão recuadas na história como o Renascimento, homens como Leonardo Da Vinci estudavam a dinâmica do vento e tentavam conjugar a ciência com a forma artística.

Na sua essência, a aerodinâmica é um pouco de ambas as coisas. É ciência e é arte.

No entanto, a tecnologia e as ferramentas que nos permitem entender a complexidade do manejo do fluxo de ar nos automóveis apenas está a atingir a sua idade madura.

A aerodinâmica foi sempre parte integrante do desenho de aeroplanos e veículos espaciais. Para alguns dos primeiros desenhadores de automóveis certamente foi importante a configuração aerodinâmica. O «Bollée» de 1899 e a camioneta Rumpler «Lágrima» de 1921 são dois exemplos de desenhos «lisos».

Em provas recentes com instrumentos sofisticados actuais, a «Rumpler» 1921 obteve um coeficiente de fricção surpreendentemente baixo (0,27), menor que qualquer automóvel actual produzido em série.

Os desenhos aerodinâmicos ressurgiram novamente na década de trinta, sendo

exemplos mais notáveis nos Estados Unidos o Lincoln Zephyr da Ford e o «Airlflow» da Chrysler.

A aerodinâmica desempenhou também um papel importantíssimo no desenho dos automóveis de corrida, contribuindo, por exemplo, para o desenvolvimento do modelo Mark IV da Ford que venceu as 24 horas de Le Mans em 1967 e que estabeleceu o «record» assombroso para a época de 217,99 km/h.

A aerodinâmica conferiu também uma vantagem muito grande ao Mustang IMSA (um modelo Mustang especialmente preparado e modificado), que se impôs aos Porsche, BMW e Lola nas corridas de Brainerd em 1981 e em

Sears Point em 1982.

Um erro comum até há alguns anos era que as forças da aerodinâmica só eram significativas a velocidades superiores a 80 quilómetros por hora. Por outro lado só em meados dos anos setenta se estabeleceu a vinculação entre a eficiência aerodinâmica e a economia no consumo de combustível.

A crise energética mundial de 1973/1974 e as consequentes disposições do governo dos Estados Unidos sobre economia de combustível obrigaram os engenheiros de automóveis a investigar todas as formas possíveis de melhorar a eficiência no consumo de gasolina.

O termo «redução de tama-

nho» chegou a figurar no vocabulário automóvel para descrever a transformação porque estavam a passar os veículos. Mas isso era somente o início.

Um mercado consciencializado sobre a economia dos combustíveis manteve a pressão.

Nos anos seguintes à crise energética inicial, os recursos da indústria automóvel concentraram-se nas tarefas de reduzir o peso dos veículos e na utilização de materiais mais leves, a utilizar novas tecnologias de motor e sistemas de transmissão, a investigar novas fontes alternativas de energia e a reduzir a resistência aerodinâmica. Todavia não é possível avaliar todo o

potencial que oferecem estas novas tecnologias. Mas não restam dúvidas de que a aerodinâmica — ou o conceito global que abarca o manejo da circulação de ar à volta do veículo — está fadado a desempenhar um papel fundamental no desenho e desenvolvimento dos nossos futuros veículos.

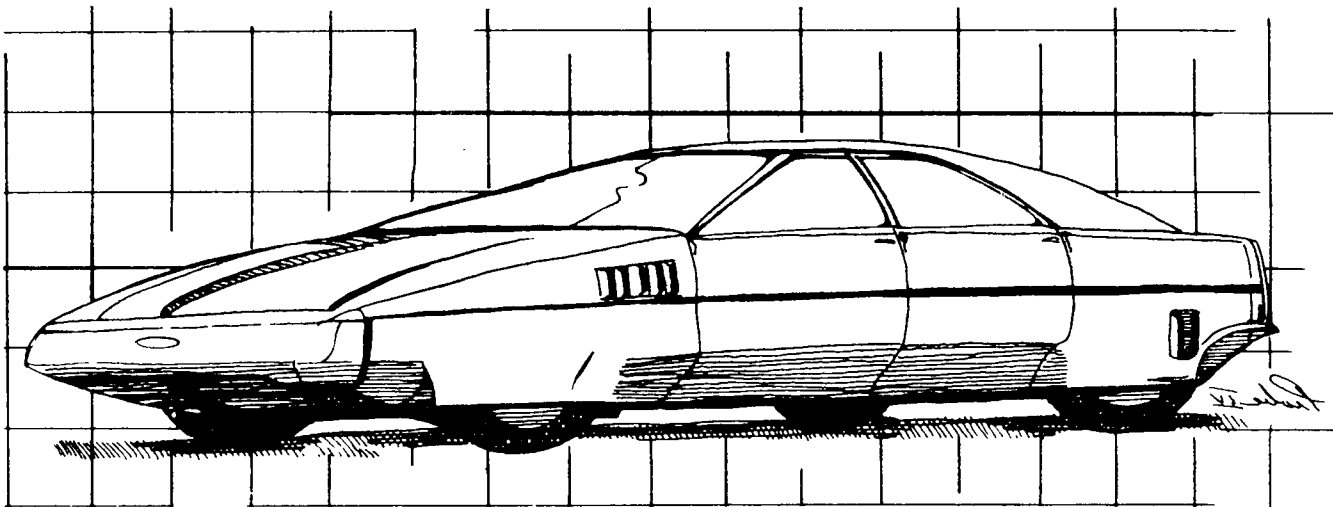
De facto, a aerodinâmica é a próxima nova e excitante fronteira que haverá que conquistar no desenvolvimento de automóveis mais pequenos e de maior economia no consumo de combustível, que possuam ao mesmo tempo um estilo criativo e elegante.

Actualmente é possível medir os efeitos da aerodinâmica em velocidades de 50 quilómetros por hora. Os es-

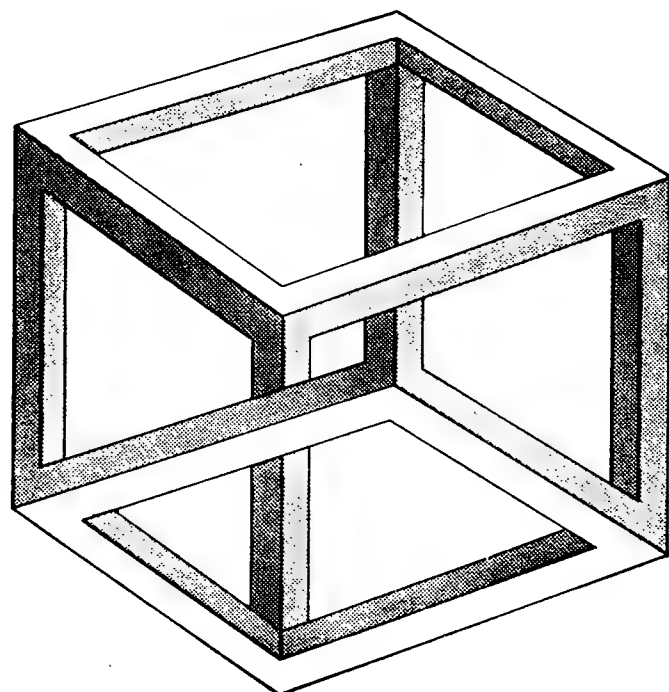
pecialistas da Ford acreditam que com o desenvolvimento de instrumentos mais sofisticados do que aqueles de que actualmente se dispõe se poderá testar a influência do vento a velocidades ainda menores.

A aerodinâmica tornou-se uma das formas mais efectivas no aspecto de custos, para melhorar a economia de combustível dos veículos.

Nos últimos anos conseguiram-se avanços muito significativos neste campo. Os resultados obtidos em programas específicos com veículos Ford demonstraram que os automóveis modelo 1983 diminuíram a sua resistência aerodinâmica em 33 por cento, em média, relativamente aos modelos de 1977.



Será esta uma peça certa?



claro que não!

A primeira vista, pode parecer que sim. Como acontece com as peças não originais.

Mas a sua utilização levanta sempre problemas a curto ou médio prazo.

Por isso, assegure-se de que no seu Fiat apenas sejam utilizadas PEÇAS ORIGINAIS FIAT, para que ele possa continuar a dar-lhe a satisfação do primeiro dia.

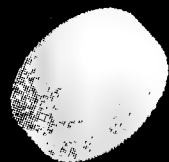
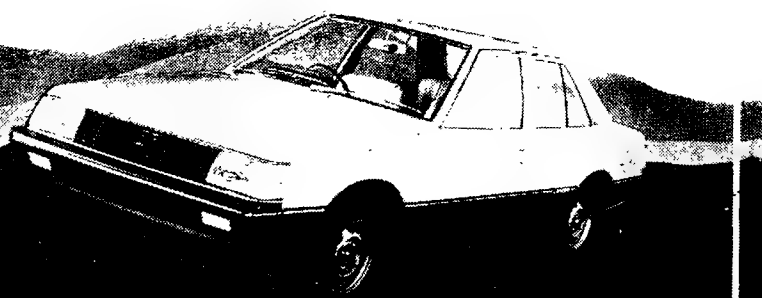
PEÇAS ORIGINAIS **FIAT**

*À venda em toda a Rede Fiat.



receita para um carro saudável.

Plus quer dizer mais. Mais limpeza no motor do seu carro. Mais rentabilidade e potência, maior performance com menor consumo. Mais segurança e versatilidade, na cidade e na estrada. Plus é uma pastilha. Um aditivo sólido para a gasolina. Um tratamento que faz com que o motor pegue mais facilmente e aumente a velocidade de reprise. Um remédio que ele deve tomar de vinte em vinte litros. Pense o que poupa na oficina!...



plus

VITAMINA AUTOMÓVEL

Distribuidores Exclusivos: UNISOL - Lisboa

PUBLIARTE



Portugueses de novo no Rallye Paris-Dakar

Pilotos e carros portugueses estarão de novo presentes no Rallye Paris-Dakar, que principia no domingo dia 1 de Janeiro, na capital francesa.

Desta vez, porém, a representação nacional estará apenas confinada à UMM que inscreveu cinco carros na difícil prova, à espera de repetir, e melhorar se possível, o comportamento que teve no ano passado.

Em princípio a equipa mantém a designação de UMM mas não está excluída a inclusão de um eventual patrocinador.

Dois dos carros dispõem de motores a gasolina de 200 HP (Peugeot PRV-V6) de três litros de cilindrada. São estes os que verdadeiramente vão competir.

Dos restantes três, dois deles irão como carros de prova e o quinto como carro de assistência propriamente dito.

Trata-se do esquema básico adoptado no ano passado pela marca, apenas com a diferença de que, desta vez, há mais um carro de assistência.

Os pilotos são Pedro Cortez e José Megre, que terão como co-pilotos João Teixeira e Pedro Villas-Boas. Os restantes são equipas de mecânicos da UMM, cabendo a responsabilidade por cada viatura a pessoal técnico de marca.

O Verde é a cor da aventura...

Descubra o Mistério de Pisang Ambon

Uma bebida à base de frutos tropicais

Dos países do Sudeste Asiático, veio esta

bebida que os portugueses chamavam

os "frutos esmeralda"

Pisang Ambon é a nova bebida de

frutos tropicais, com

uma bebida de

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

frutos tropicais, com

EMBORA falte ainda um mês para o início da prova, a sua preparação exige tais meios e uma tão rigorosa planificação e organização do trabalho que a UMM tem já praticamente tudo pronto, com excepção dos trabalhos que pela sua especificidade só podem ser feitos à última hora e daqueles trabalhos imprevisíveis.

«Uma prova destas envolve uma infra-estrutura brutal na organização, com numerosos problemas a nível de organização e de participação.

Na semana em que chegamos de um rallye, diz-nos José Megre — estamos já a pensar no próximo».

A preparação dos carros é extremamente cuidada e os UMM foram este ano muito elaborados sob a orientação de Pedro Cortez. Há meses que, na oficina de Belas, com uma excelente equipa de mecânicos, Pedro Cortez trata de pôr os UMM o mais competitivos que for possível, sem no entanto lhes reduzir a solidez necessária para enfrentar milhares de quilómetros de desertos, de pistas de areia, de caminhos cujo pavimento é pedra e buracos.

Um dos primeiros resultados nessa preparação foi uma grande diminuição de peso. Os carros estarão, ao nível de preparação dos carros de fábrica e foram muito aligeirados. Têm menos cerca de duzentos quilos que o normal, o que corresponde a uma substancial melhoria da relação peso-potência.

Todavia as carroçarias não foram reforçadas porque parece ter-se chegado à conclusão de que a UMM tinha robustez de sobra. Assim, enquanto todos os fabricantes tiveram que reforçar os seus carros, a marca portuguesa aligeirou-os. Mesmo utilizando motores quatro vezes

mais potentes que o normal sobrava robustez.

Esta preparação dará mais possibilidades este ano aos pilotos portugueses?

Na opinião de José Megre as possibilidades são idênticas, «embora certas informações veiculadas no ano, segundo as quais a UMM tinha participado só para chegar ao fim sejam falsas. Participou para ficar nos primeiros lugares, teve azares que levaram a penalizações que atingiram as 17 e as 21 horas no total. Sem estes problemas que tivemos, os carros teriam ficado em sexto e 13º ou 14º.

A esperança este ano é maior. Conhecemos melhor os carros, os navegadores já têm mais experiência e os carros, salvo na parte Diesel, estão super ensaiados.»

As possibilidades são, por isso, em princípio, maiores, mas José Megre lembra de qualquer modo «os azares, os erros humanos e as contingências» que podem ocorrer numa prova com esta extensão e dureza. Por outro lado, o aligeiramento que foi feito nos carros é difícil de testar sem ser em prova.

Não os terão aligeirado demais? A esta pergunta José Megre responde que essa será uma das contingências que só o fim do rallye poderá esclarecer.

«As modificações estão tecnicamente correctas mas, como aliás acontece em relação a todas as fábricas do mundo, só no terreno é que se pode ver. E essa é uma das razões porque se fazem rallyes.

O nosso carro este ano é mais protótipo do que no ano passado. Como já foi revelado, retiramos-lhe cerca de 200 kg em relação ao original. A nosso favor joga a resis-

tência e a nossa maior experiência bem como das assistências. A ideia que temos é de lutar pelos primeiros lugares».

A tática da equipa vai ser também semelhante à que foi utilizada no ano passado e que consistia em lançar um carro para a frente — o de Pedro Cortez — destinado a situar-se o melhor possível, sem no entanto correr riscos desnecessários cu não compensadores, como o segundo carro — José Megre — a escoltá-lo. Depois, só o desenrolar da prova poderá ditar as regras do jogo a utilizar.

Quanto aos adversários, em termos de marcas, José Megre destaca os Porsche 911S 4x4, Lada Niva, Range Rover, Mercedes e Mitsubishi Pajero.

Relativamente a pilotos há desde o Jacky Ickx a muitos outros nomes famosos. A participação é numerosa. Depois de terem sido aceites 270 inscrições de automóveis, 140 de motos e 50 de camiões, ficou ainda uma lista de espera de mais de 1000 candidatos.

A todo este efectivo devem juntar-se ainda as assistências e a organização. No seu conjunto será uma longa caravana através do deserto, com mais de 1500 pessoas.

Que papel estará reservado aos portugueses desta vez? Megre diz que já são adversários, não para os primeiros lugares propriamente dito mas para os imediatamente a seguir.

«A UMM é fabricante destes carros há apenas três ou quatro anos enquanto que a Mercedes, Porsche e outras marcas são fabricantes com dezenas de anos de experiência e recursos financeiros que nem com o país nem com o fabricante são comparáveis aos de que dispõem aqueles adversários.»



Caves Aliança

SANGALHOS • LISBOA • PORTUGAL



A Renault tem mais um produto da sua gama no mercado, um carro que em toda a Europa foi bem recebido e teve um êxito absoluto. Trata-se do Renault 11, um modelo destinado a preencher um espaço muito especial na chamada gama média inferior, apontado a uma clientela que os homens do «marketing» definiram como «activa, dinâmica, e muito interessada em certos aspectos da vida moderna, nomeadamente no desenvolvimento espectacular dos meios de comunicação», ou seja, «uma clientela que vive intensamente o seu carro e exige que essa vivência seja agradável».

O objectivo parece ter sido, para além dos seus aspectos essencialmente mecânicos, fazer com que o automóvel ofereça, na sua utilização, não uma aparência de vida mas uma certa «qualidade de vida».

TERÁ a Renault conseguido mais esse objectivo nesta fase dinâmica da sua vida industrial, com projectos vários espalhados pelo mundo e ambições de afirmação que chegaram mesmo até aos Estados Unidos?

O contacto com o R11 sugere uma resposta francamente afirmativa. Sem ser um carro suspeitamente inovador fuge de forma discreta ao tradicional, quer pelas suas linhas quer pelo arranjo interior que o torna extremamente confortável sem todavia o transformar numa espécie de electrodoméstico. O equilíbrio geral de linhas é o seu aspecto mais saliente. Sendo um derivado do R9, este modelo distingue-se dele por um substancial número de detalhes, mas o que o caracteriza esteticamente são as suas linhas arredondadas atrás, a sua grande superfície vidrada e um deflector que lhe confere um certo ar desportivo.

É um dois volumes extraordinariamente funcional, com uma larga porta traseira que dá acesso a um porta-bagagens com muito boa capacidade, mas que pode ampliar-se por rebatimento dos bancos traseiros, gerando um enorme espaço para bagagens quando viajam apenas duas pessoas.

No caso de haver necessidade de transportar um terceiro passageiro há a possibilidade de rebater um terço ou dois terços do banco traseiro.

O conforto é um dos maiores atractivos do R11. O construtor deu especial atenção aos diversos detalhes que para isso contribuem. A insonorização foi um deles mas neste campo haverá ainda algo a fazer, apesar da aplicação de diversos materiais in-

sonorizantes distribuídos pela habitáculo.

O «design» da carroçaria não se limitou ao domínio da estética e logrou permitir uma boa visibilidade, que atinge um total de 85,3 por cento. Os ângulos mortos à retaguarda são 11° 6' do lado direito e 7° do lado esquerdo. À frente estes valores são de respectivamente 6° 10' e 9° 54'. Relativamente à visibilidade lateral os respectivos ângulos mortos são de 5° 48' para o lado direito e 13° para o lado esquerdo.

A mecânica

O R11 tem tracção dianteira com motor transversal, caixa terminal e suspensão independente às quatro rodas.

A versão comercializada em Portugal dispõe de um motor de 1397 cc com ignição electrónica integral.

A caixa é mecânica do tipo JB, com cinco velocidades, comandada por alavanca no solo, muito bem concebida e que permite um fácil acesso, quaisquer que sejam as posições escolhidas pelo condutor para o banco.

A suspensão dianteira é do tipo McPherson com caixa de direcção de cremalheira em posição baixa, com assimetria negativa, o que lhe proporciona uma grande estabilidade na travagem.

O trem traseiro é constituído por braços suspensos longitudinais, com molas helicoidais e amortecedores telescópicos no interior. A sua concepção proporciona grande rigidez transversal e elimina o efeito de mergulho na travagem. As barras de torção direita e esquerda efectuam a sua rotação no mesmo eixo, com distâncias entre os

eixos direito e esquerdo idênticas.

A conjugação dos efeitos desta suspensão e os estabilizadores de que dispõe à frente e atrás permitem que o carro curve com pouca inclinação evitando a adornagem desagradável quando se conduz em estradas sinuosas.

Os travões são de disco à frente e tambor à retaguarda, estes de afinação automática.

No que respeita ao motor a cabeça possui agora melhor refrigeração nas zonas críticas, o que determina uma diminuição da tendência para grilar. O estudo da forma das câmaras de combustão melhora por outro lado o seu rendimento.

A ignição electrónica integral é uma inovação que permite ao motor funcionar até ao limite da detonação, evitando-se perdas de potência.

Melhoria do enchimento das câmaras e uma combustão mais completa aumentaram o binário a baixa rotação e permitiram uma maior suavidade de utilização. Isso foi conseguido graças a uma árvore de cames «pouco cruzada».

O R11 na estrada

Não será este o carro definitivo na sua classe mas é, sem dúvida, um carro destinado a uma brilhante carreira, dependente apenas da situação económica do País e do acesso que a ele possa ter a faixa de público a quem se destina.

A comodidade, a tal «qualidade de vida» que a Renault quer para os seus carros, é desde o início o primeiro atractivo. Um atractivo que vai aumentando à medida que se vão percorrendo quilómetros sem a fadiga chegar.

Renault 11 TSE

No que respeita ao condutor é possível escolher a posição quase cem por cento ideal, quase independentemente da estatura. Isto é o resultado de um bem sucedido estudo do laboratório de fisiologia da Renault. Assim, os bancos da frente dispõem de ajuste do sentido longitudinal, ajuste do assento por corrediças curvas e regulação da inclinação do encosto. Estas três possibilidades permitem um número quase infinito de combinações e uma comodidade de condução perfeita.

O motor escolhido para esta versão satisfaz um condutor mesmo relativamente exigente ainda que não proporcione acelerações espectaculares. É todavia um compromisso francamente bom entre as «performances» e a economia.

O R11 faz os 400 metros em 18,6 segundos e vai de 0 a 100 km/h em 13 segundos, valores que o situam perfeitamente à vontade entre a generalidade dos carros da sua classe. A velocidade máxima é de 165 km/h.

Os consumos são francamente reduzidos e cifram-se, segundo o fabricante em: 5,2 litros aos 100 km à velocidade constante de 90 km/h, 7,1 a 120 km/h e 8,8 no tráfego urbano. A média UTAC (média destes três valores) é de 7,03.

O comportamento em estrada do R11 estimula o prazer de conduzir, pela sensação de segurança que transmite ao condutor, pelo seu comportamento são.

Em recta, mesmo a velocidades elevadas a sua trajectória é definida. Nunca se nota a mínima sensação de flutuação ou de perda de aderência. A curvar é de uma total fidelidade ao condutor, aceitando mesmo os exageros. O comportamento da suspensão que evita que o carro adorne torna o R11 particularmente agradável de conduzir em estradas sinuosas e é um factor que contribui para eliminar a fadiga.

Na condução urbana não perde as suas qualidades e distingue-se pela sua maneabilidade e leveza, por vezes difíceis de encontrar em

carros de bem menores dimensões.

A travagem é eficaz e a eliminação do efeito mergulhante quando se aplicam os travões a fundo, para além da eficácia, torna as travagens difíceis menos dramáticas.

Faltou-nos na última vez falar dos equipamentos. O R11 pode considerar-se bem equipado em relação ao normal na sua classe, não esquecendo um conta-rotações, avisador da reserva de gasolina, indicador do desgaste das pastilhas dos travões dianteiros.

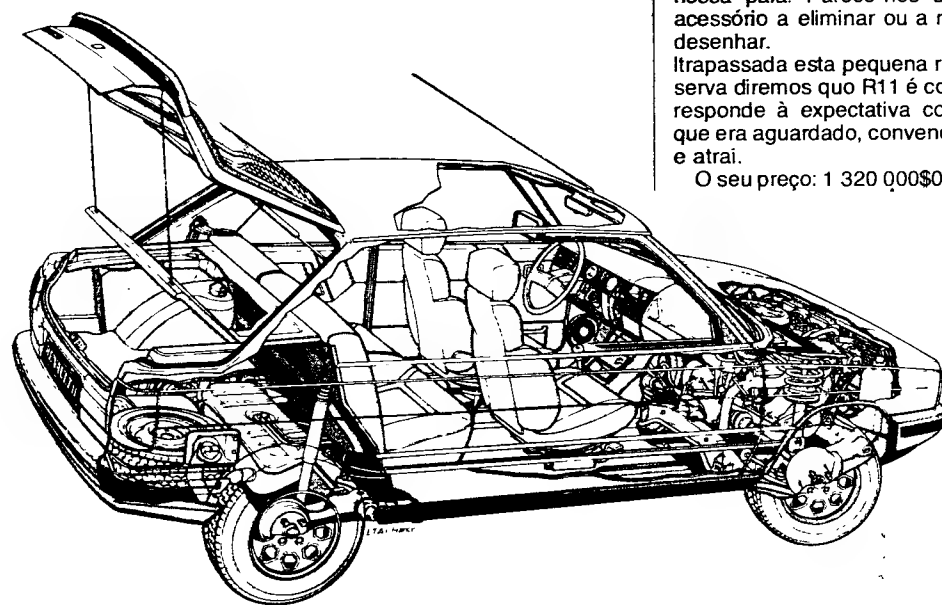
Mas atenção que a versão à venda em Portugal não fala.

Todos os instrumentos fazem parte de um painel de bordo bem concebido embora não se ignore a sua utilidade, é discutível sob o ponto de vista estético uma pala que cobre o painel de bordo. E quanto aos aspectos de segurança parecem-nos justificadas algumas reservas.

Não é garantido que o passageiro da frente, com uma travagem brusca e sem cinto, não possa tocar com o rosto nessa pala. Parece-nos um acessório a eliminar ou a redesenhar.

Itapassada esta pequena reserva diremos que o R11 é correspondente à expectativa com que era aguardado, convence e atrai.

O seu preço: 1 320 000\$00.



TÁTINTAS

Comércio de Tintas para Automóveis, Lda.

AGENTE
DAS TINTAS:

VALENTINE
ROBBIALAC
DYRUP
SOTINCO
SODULAX

Todo o material para automóveis e construção civil.
Pistolas e pincéis de todos os tipos
Produtos – Airo e Lixa Japonesa e Nacional

FERRAMENTAS

HITACHI

**AFINAÇÕES DE CORES
PARA AUTOMÓVEIS**



Rua José Osório de Oliveira, 5-A (AJUDA) 1300 LISBOA

☎ 64 47 04

Rua Aliança Operária, 50-A (AJUDA) 1300 LISBOA

☎ 64 88 82

Peugeot 205

Uma pequena jóia mecânica

O 205, há poucos dias apresentado em Portugal, é um projecto da Peugeot que data de 1977, inserido na decisão daquele construtor francês de dispor de uma viatura que lhe permitisse partir à conquista de uma fatia importante do mercado, consumidora de carros leves, aerodinâmicos e com opções variadas de motorização.

As experiências anteriores, designadamente com o 104, se não podem ser consideradas fracassos, também não corresponderam inteiramente aos objectivos fixados.

Finalmente o sucesso parece ter sido obtido. O Peugeot 205 responde a uma formulação de exigências de mercado em praticamente toda a sua extensão e os objectivos parecem alcançados.

As experiências recolhidas com o projecto Vera (Veículo Experimental de Pesquisa Avançada) foram transportadas para o 205 e conduziram a um acumular de soluções optimizadas num carro de estilo moderno e algo original, num tipo de veículo onde a originalidade é cada vez mais difícil de alcançar.

Ao nível do «design» o projecto do «205» sofreu diversas fases evolutivas até chegar a esta carroçaria de dois volumes, «capot» de linha baixa e alongada, pára-choques envolventes, grande superfície de vidro que proporciona uma notável visibilidade ao condutor.

A aerodinâmica foi excelentemente tratada e a Peugeot conseguiu um CX de 0,35, o que é francamente bom para um carro destas dimensões. A carroçaria é de resto notavelmente bem desenhada e representa uma evolução sem precedentes naquela marca. Concilia a elegância, a aerodinâmica e a habitabilidade com a funcionalidade.

Nesta bem sucedida carroçaria o construtor montou o conjunto mecânico motor-caixa de velocidades já utilizado no 104 e, encontrado o melhor equilíbrio aerodinâmico, partiu para o tratamento da suspensão, que é um dos pontos fortes do carro.

Todo este trabalho assentou na alteração de diversos elementos e no estudo de uma melhor repartição de pesos.

O 205 utiliza à frente uma suspensão do tipo McPherson. Atrás é constituída por dois braços longitudinais com barras de torsão e amortecedores colocados longitudinalmente, quase na horizontal, o que permite uma economia de espaço na sua montagem, com reflexos no volume interior do carro, principalmente do porta-bagagem. Os eixos dos dois braços de suspensão rodam numa travessa tubular fixada através de dois apoios de cada lado.

A versão comercializada em Portugal recebe motores de 954 cc e 45 HP (versão base), 1124 cc e 50 HP (GL) e 1360 cc e 80 HP (GT).

Todos estes motores são de quatro cilindros em linha, com árvore de cames à cabeça e bloco e culassa em liga leve. A cambota tem cinco apoios e o carter inferior é comum ao conjunto caixa-ponte, colocado sob o motor. A lubrificação do motor é comum à da caixa de velocidades.

A ignição é transistorizada, com captadores magnéticos, indutivos do tipo de energia constante e duração variável da faísca. Trata-se do mesmo sistema dos Visa.

Estes motores estão equipados com tomadas para diagnósticos normalizados, para efeito de testes e afinações.

A direcção é do tipo cremalheira e pinhão, com seis dentes e uma relação de desmultiplicação de 22,1, o que corresponde a 3,8 voltas ao volante de um extremo ao outro. As suas qualidades são particularmente sentidas quando se estaciona o carro na cidade, em espaços reduzidos que exijam grandes manobras de volante.

Os travões constituem outro dos pontos fortes do 205.

Utilizando discos à frente e tambores atrás, o sistema é constituído por dois circuitos hidráulicos separados cruzados, comandados por uma bomba central. Tanto à frente como atrás a afinação é automática à medida que se vão gastando os calços e as pastilhas. A repartição de travagem entre as rodas traseiras e dianteiras é assegurada por um compensador integrado em cada tambor. Por sua vez o painel de bordo integra um indicador de segurança para o nível do líquido do circuito hidráulico, accionado pelo travão de estacionamento.

A superfície total dos calços nos travões dianteiros é de 140 cm² e dos tambores nas rodas traseiras de 174 cm².

As versões lançadas em Portugal dispõem de caixas com quatro velocidades, com excepção do GT que tem cinco.

As desmultiplicações da caixa obedeceram, segundo os modelos, a critérios que tiveram como denominador comum a economia de combustível.

Referindo-nos ainda aos motores ficar-se-á com uma melhor ideia do comportamento de cada um deles através das suas diferenças essenciais. No de 45 HP (54 cc) e no de 50 HP (1124 cc) o diâmetro é o mesmo tendo o aumento de cilindrada de um para o outro sido obtida à custa do aumento do curso, que passou de 72 para 69 mm. No de 80 HP (1360 cc) o diâmetro foi aumentado para 75 e o curso para 79 mm. A taxa de compressão é igual nos motores de 45 e 80 HP (9,3), mas é de 9,7 no motor de 50 HP.

Na estrada

Ao volante o 205 mostra-se uma pequena jóia mecânica. O seu comportamento em estrada ultrapassa tudo o que se poderia esperar com particular relevo para os pavimentos irregulares que este pequeno carro enfrenta com um nível de segurança e comodidade surpreendente, inesperado

mesmo, numa viatura desta classe.

As «performances» não são excepcionais mas satisfazem ao comum dos utilizadores. Seria possível ir mais além com estes motores mas essa melhoria implicaria por certo uma concessão no domínio dos consumos contrária à filosofia deste carro, essencialmente virado para a economia.

O «205» caracteriza-se por uma extraordinária leveza na condução o que o vai tornar particularmente atractivo para as senhoras. Aliás este carro tem um toque geral suave e feminino que só desaparece na versão GT, esta mais desportiva e fazendo apelo a outros atributos do automóvel.

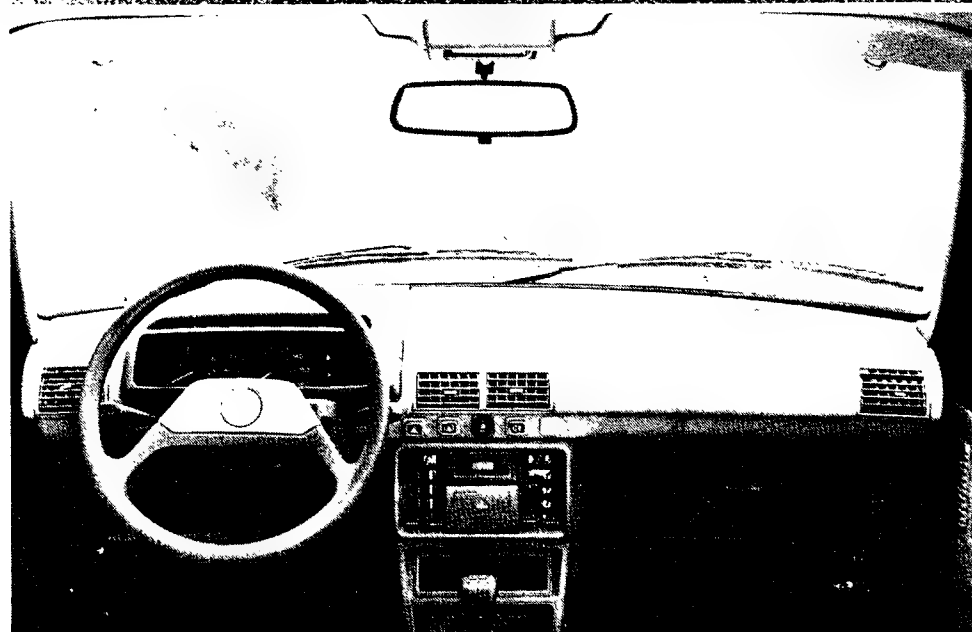
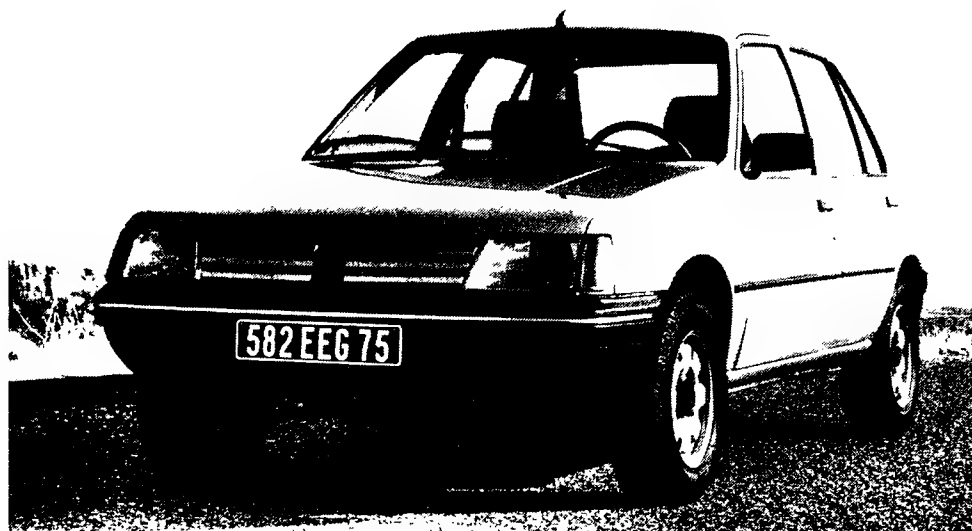
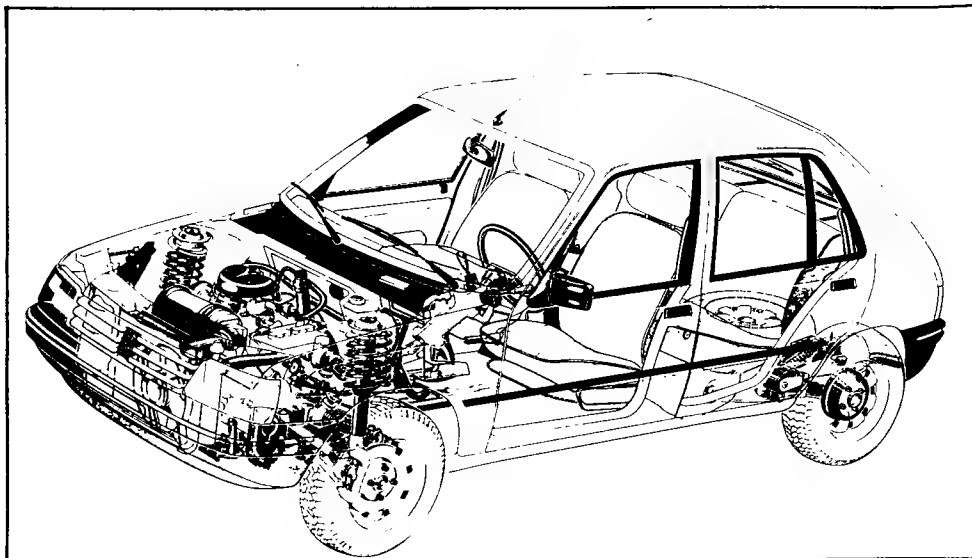
Em curva ou em recta, devagar ou mesmo nos limites, o «205» é uma verdadeira pluma. Mesmo em curvas apertadas admite tudo e é necessário exagerar bastante para o fazer sair da sua trajetória.

A travagem, em qualquer tipo de piso é também de uma rara eficácia. O indicativo que temos é baseado praticamente em pisos molhados, por vezes em circunstâncias em que meter o pé ao travão pode significar uma escorregadela difícil de controlar, eventualmente uma desagradável viagem até à berna. Mas o «205» aguenta-se de uma forma impressionante. É certo que os pneus usados — Uniroyal dão uma boa ajuda mas é sempre possível distinguir entre o que é a eficácia do sistema travagem, a sua progressividade e actuação e a insuficiência dos pneus, ainda que esta, obviamente não seja desprezível, antes pelo contrário.

A habitabilidade pode considerar-se excelente para as dimensões deste carro mas os assentos, principalmente os da frente, pouco envolventes, não correspondem ao nível geral da viatura.

Uma nota fraça também para os equipamentos. O 205 é realmente pobre neste aspecto e a sua melhoria terá que surgir. O painel de bordo, não prevê de concepção muita coisa mas, apesar disso, nas versões base e GL faltam ainda lá alguns instrumentos indispensáveis.

Mas isto não invalida nem anula um cômputo geral altamente positivo para este novo produto da Peugeot destinado a fazer uma boa carreira no mercado português, apesar do seu preço: 824.040\$00 para o modelo base, 885.008\$00 para o GL e 1216.323\$00 para o GT. Para estes preços contribui largamente o imposto sobre veículos automóveis que é respectivamente para cada um dos modelos de 226.910\$00, 274.658\$00 e 426.503\$00.



Jaguar vai usar robots japoneses

Um acordo internacional tripartido de assistência técnica foi assinado em Londres entre a Jaguar Cars Limited, a empresa britânica Dainichi Sykes Robotics Limited e a Dainichi Kiki do Japão para promoção de novas técnicas de automatização.

O acordo representa um investimento de grande vulto em tecnologia de fabricação automatizada avançada (AAMT) para as fábricas da Jaguar durante os cinco anos mais próximos. Espera-se que a companhia venha a despendar mais de 50 milhões de libras em novos métodos de produção durante os próximos três anos.

O empreendimento tem o apoio total dos Departamentos de Comércio e Indústria dos governos da Grã-Bretanha e do Japão. Grande parte do investimento tem direito a subsídios do governo britânico em projectos inovativos. O sistema facultará à Jaguar o uso de robóticas para melhorar os padrões de qualidade e eficiência na produção dos seus salões de grande luxo e modelos desportivos. A Jaguar confia em poder mostrar a maneira como autómatos podem ser usados na construção de automóveis em produções de quantidade pequena.

O presidente da Jaguar, John Egan, afirmou que esta colaboração internacional vai facultar um aumento substancial na produção.

As investigações levadas a cabo pela Jaguar concluíram que sistemas de engenharia e equipamentos constituem as chaves mais importantes para a aplicação de autómatos com êxito. Estudos entre as indústrias automobilísticas e de engenharia por toda a Europa, Estados Unidos e Japão durante os últimos 12 a 18 meses confirmaram a necessidade urgente de fazer uso dos desenhos mais modernos, económicos e eficientes que se conhecem. Nesta ordem de ideias a Jaguar tem intenção de maximizar as suas relações com a Dainichi Sykes e Dainichi Kiki para garantir que a firma britânica vai fazer de técnicas mais avançadas do que as aplicadas pelas indústrias da Europa e dos Estados Unidos.

Mike Beasley, director de produção da Jaguar Cars, afirmou: «Esta cooperação técnica vai permitir que continuemos o nosso interesse para padrões de qualidade e eficiência cada vez mais altos. Ajuda também a dar segurança de trabalho aos nossos operários garantindo que continue a competir com energia cada vez maior nos mercados internacionais.»

John Butcher, subsecretário de Estado para Indústria e Comércio afirmou: «Esta colaboração internacional vai ajudar a pôr a Grã-Bretanha na vanguarda do desenvolvimento de autómatos e devem levar a maiores investimentos.»

Dainichi Sykes Robotics Limited, é uma companhia totalmente britânica constituída por um acordo feito em Abril de 1981 entre o Grupo Sykes, uma empresa particular britânica com um movimento comercial superior a 100 milhões de libras e a Dainichi Kiko do Japão uma das mais importantes firmas industriais japonesas na indústria de autómatos.

Robots para acabar carros

A Ford está a fazer uso de «robots» para soldagem em Halewood nas margens do Rio Mersey, em Inglaterra para acabamento do novo modelo Ford Orion.

A produção do Orion em Halewood é o fruto de um investimento de 18 milhões de libras elevando a mais de 250 milhões de libras

esterlinas os investimentos da Ford desde 1979 para cá.

Nos fins deste ano a Ford terá 102 autómatos em serviço na fábrica de Halewood e a produção do Orion andarà à volta de 40.000 veículos. Os responsáveis da Ford dizem que uma grande proporção deste investimento recente foi aplicado numa nova facilidade

de na linha de montagem que possui 14 autómatos de soldagem e os sistemas de manuseamento electrónico mais modernos que se conhecem.

Os painéis monopeça do Orion são produzidos pelas prensas em Halewood, numa fileira de seis unidades com uma capacidade de 1.000 toneladas. Das prensas

seguem para outros «robots» os componentes lesados automaticamente e depois para as estações de soldagem onde «robots» assumem a responsabilidade pelo complemento do carro.

Os «robots» usados neste trabalho são montados no chão da fábrica ou suspensos de guindastes. Entre si têm capacidade para

produzirem 450 painéis laterais por turno de trabalho. À medida que é feito este trabalho outros «robots» na fábrica estão ocupados na produção de componentes e chassis de carros que quando unidos às carroçarias e ao tejadilho, formam a unidade monopeça a que se adicionam os guardalamas, portas, mala etc.

EXTRAORDINÁRIO ESCORT.

EXTRAORDINÁRIO "BEST-SELLER" COM GARANTIA ADICIONAL DE 24 MESES OU 50 000 km, ATÉ 31 DE DEZEMBRO!

Este é o momento certo para você fazer a escolha mais acertada: preferir o Ford Escort. O carro que logo se impôs como um dos mais premiados de sempre.

E que, pelas suas qualidades extraordinárias, tornou-se já no carro que mais se vende no Mundo.

As razões são muitas...

O apurado Estilo e Economia; o Espaço e Conforto para 5 adultos; a magnífica Condução e Segurança; o elevado nível de Equipamento; a Vida longa; a Manutenção reduzida...

Adquirir, agora, o seu Ford Escort significa, também, receber uma Garantia de mais 24 meses ou 50.000 km!

Conheça tudo sobre o Escort, sem demora, no seu Concessionário Ford!



(não aplicável a unidades para aluguer)

Mais de **1 000 000**

de Escorts construídos e vendidos só na Europa!*



Versões : L, GL e XR3i
Motores: 1100, 1300 e 1600 inj.

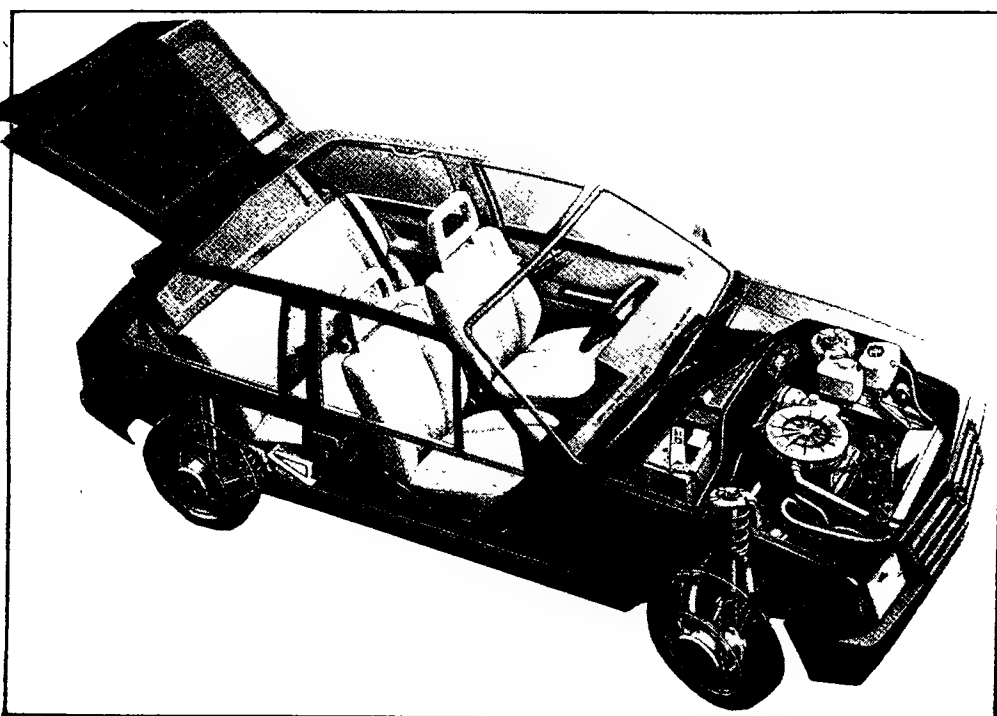
FORD ESCORT



* Baseado nas estatísticas mais actualizadas (Março de 1983)

CORSA—o mini da GM

Levou muitos anos, até que a General Motors se decidisse a entrar no mercado dos «minis». Mas quando fez com o cuidado e a segurança que nos últimos anos têm caracterizado os seus produtos. E aí temos o Opel Corsa, pequeno, funcional, re- tendo dos modelos superiores da gama o que estes têm de melhor, dentro de um conceito de carro adaptado aos nos- sos dias sobretudo aos mercados europeus, di- rigido tanto à economia propriamente dita como à resposta necessária a um trânsito cada vez mais saturado.



A TÉ Setembro do ano passado, da fábrica da Saragoça, a mais moderna que a GM construiu fora dos Estados Unidos, haviam já saído 177.000 automóveis Corsa, onde são produzidos à cadência de 75 unidades por hora. A tecnologia é da Adam Opel, da Alemanha Federal, mas os componentes são provenientes de várias outras fábricas da GM, incluindo de Portugal e de fornecedores locais e estrangeiros.

O Corsa é o mais recente modelo da GM comercializado em Portugal e vem para con-

correr, numa faixa de mercado onde a concorrência que sempre foi grande, aumentou ainda mais nos últimos tempos, com o lançamento de diversos modelos, todos envolvidos agora numa duríssima competição.

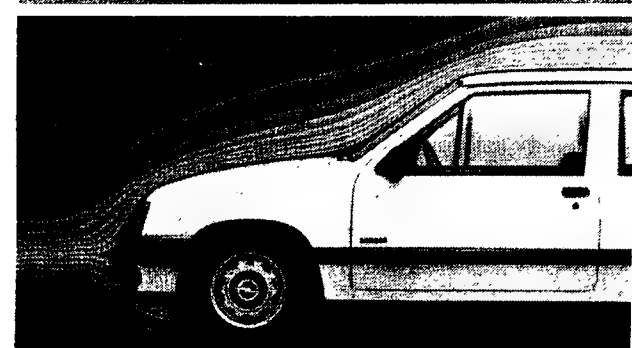
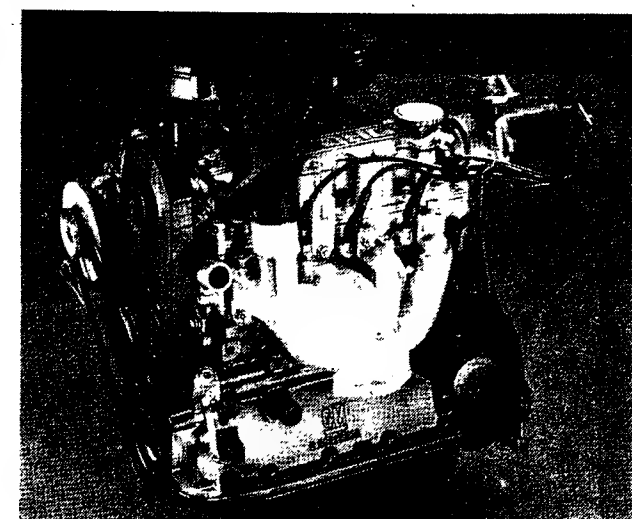
O Corsa é verdadeiramente um multinacional. Os motores são fabricados na Áustria pela GM; os painéis de instrumentos, os para-choques e as con- solas em matéria plástica in- jectável são fabricados em Longroño, pela Fisher Body. que fornece também os assen-

tos e os torços; as suspensões são provenientes da Delco Products Division e o sistema de direcção da Sagnaw Gear Division, de Puerto Real, sob a direcção da General Motors-Components. De França vêm os alternadores, distribuidores, sistema de ignição, velas, bombas de óleo e de gasolina, válvulas de segurança, tra- vões, discos de embraiagem, baterias, sistema de climatiza- ção, carburadores, etc.

O Reino Unido fornece limpa pára-brisas, ventoinhas, filtros de óleo, manómetros, in-

terruptores, cintos de segu- rança, etc. Finalmente os vo- lantes de direcção, pratos de apoio da suspensão dianteira, apoios do motor, vedantes de borracha, tubos e cintas de tra- vão, são produzidos pela IN- LAN, uma subsidiária da GM, em Ponte de Sor. Por sua vez as cablagens são fornecidas pela CABLESA, em Sintra.

Com este processo, a GM pôs em prática e desenvolveu um novo conceito na indústria automóvel que consiste não em fabricar todo um automóvel no mesmo local, mas sim



fabricá-lo um pouco por toda a parte.

Anatomia do Corsa

O Opel Corsa é um carro de tracção dianteira, de peque- nas dimensões, equipado com motores económicos e de ma- nutenção fácil. É produzido em duas versões de carroçaria: dois e três volumes. A versão dois volumes apresenta a si- lhueta característica deste tipo de carros pequenos deixando no entanto bem evidente o seu parentesco com o Kadett. A versão três volumes tem uma mala separada, o que aumenta consideravelmente a capaci- dade do porta-bagagens. Para além disso o banco traseiro, tal como no modelo dois volumes, pode ser rebatido oferecendo depois dessa operação uma capacidade de 845 litros.

O Corsa dois volumes é ofe- recido em três versões de equipamento, com as desig- nações Luxus, Berlina, e SR, este último de características desportivas e ligeiramente mais aerodinâmico graças à utilização de «spoilers» que lhe baixam o Cx de 0,36 para 0,35.

Muito leve — menos de 750 kg — o Corsa tem três tipos diferentes de motorização: 1.0, 1.2 e 1.3 respectivamente para as três versões referidas.

O motor 1.0 é o já conhecido motor que equipa os Kadett, mas bastante melhorado e do- tado de uma nova árvore de cames. Todos estes motores utilizam o sistema «crossflow» (fluxo cruzado), «touches» hi- dráulicas que dispensam a tradicional afinação de válvu- las de cabeça de liga leve, ár- vore de cames à cabeça e igni- ção electrónica integral.

Uma das características re-

sultantes do seu desenvolvi- mento pela GM é o seu elevado rendimento a baixo regime que se reflecte substancialmente na economia de combustível.

Neste capítulo, os valores indicados pelo fabricante são francamente optimistas. O motor 1.0 consome 4,9 litros aos 100 km/h a 90 km/h, 6,6 a 120 km/h e 7,2 em tráfego ur- bano. Para o 1.2S estes valo- res são respectivamente de 4,7, 6,5 e 8,1. O 1.3S não vai muito além disso: 4,7; 6,3 e 8,8.

A versão 1.0S atinge a velo- cidade máxima de 140 km/h e faz 0 a 100 km/h em 19,5 se- gundos. No 1.2S estes núme- ros melhoram consideravel- mente: 152 km/h e 16 segun- dos nos 100 metros.

Finalmente a versão SR atinge uma velocidade de ponta de 162 km/h e acelera de 0 a 100 km/h em 13,5 segun- dos.

O Corsa recebe os elemen- tos de suspensão já utilizados nos outros modelos de tracção dianteira — o Kadett e o As- cona. Trata-se de elementos McPherson à frente, e atrás braços comunicantes com amortecedores telescópicos.

Os travões são os clássicos de disco à frente e tambor à retaguarda, e a caixa de qua- tro velocidades, excepto no 1.3 SR, que tem cinco.

A facilidade de manutenção e de acesso aos elementos mecânicos é um dos argumen- tos do Corsa. Muitas coisas podem ser feitas mesmo sem ferramentas especiais.

Com este novo modelo a GM tem praticamente fechado o círculo ao dispor de uma gama que abrange todos os segmen- tos do mercado e todos os mercados mundiais.



SENHOR
CLIENTE
MITSUBISHI

CAMIÕES **CANTER** E **FUSO**

AGORA, EM BATISTA RUSSO (CABO RUIVO),
DAMOS-LHE TODO O APOIO !...

PARA SUA SEGURANÇA E ECONOMIA,
ACONSELHAMOS-LHE :

FAÇA REVISAR O SEU CAMIÃO
NAS NOSSAS OFICINAS.

ATÉ AO FIM DE JANEIRO,
OFERECEMOS-LHE, GRATUITAMENTE,
OS SERVIÇOS DE :

- ALINHAMENTO DA DIRECÇÃO
- FOCAGEM DE FARÓIS
- VERIFICAÇÃO DOS TRAVÕES
- LIMPEZA DOS FILTROS DE AR E DE GASÓLEO.

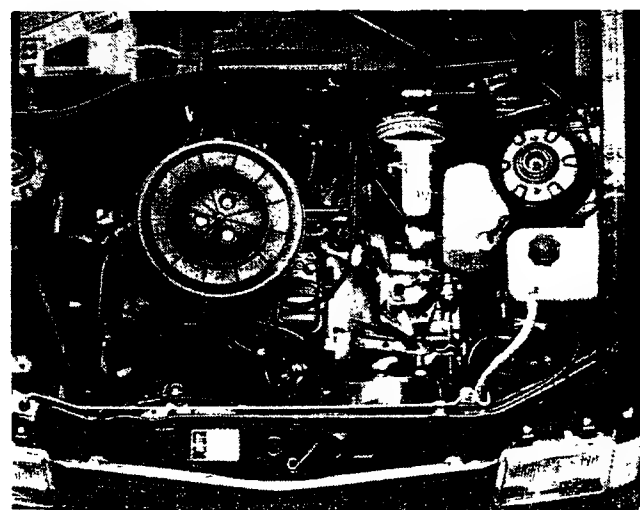
AO SEU DISPÔR ...



CONCESSIONÁRIOS MITSUBISHI MOTORS EM LISBOA:

BATISTA RUSSO, S.A.R.L.

CABO RUIVO — 1800 LISBOA — TEL. 85 25 41 PPCA



Uno grande pequeno carro

Os italianos continuam a ser mestres na arte difícil de fabricar carros pequenos mas que no entanto o sejam mesmo. É uma tradição que na Fiat vem de longe. Começou no célebre «500» e no «Topolino», prolongou-se no 850 e no 127. Com o UNO atinge agora talvez a sua mais alta expressão. Se do ponto de vista mecânico o UNO pode ser objecto de todas as melhorias que a evolução técnica for proporcionando, no que respeita a conceito dificilmente se poderá ir mais longe.

É um modelo destinado a um sector do mercado europeu que absorve cerca de dois milhões de unidades por ano e apresenta francas perspectivas de aumento.

Por outro lado, altera por completo tudo o que existia neste tipo de carros, em termos de espaço interior, de acabamentos, de prazer de condução, de mobilidade, sem esquecermos, naturalmente, as «performances».

Apresentado há poucos meses em Portugal, tem sido um sucesso e as unidades disponíveis para venda esgotam-se rapidamente, o que é significativo em tempos de crise.

O UNO é um dois volumes, desenhado por Giugiaro, com um «capot» mergulhante e pára-brisas fortemente inclinado e curvo. Portas envolventes na sua parte superior, vidros à face da carroçaria e uma larga porta traseira, são as características fundamentais da carroçaria do UNO, no plano estético.

As suas linhas conferem-lhe um Cx de 0,34 (segundo normas DIN) que é o mais baixo em carros da sua categoria.

Este jovem modelo é produzido até ao momento em sete versões: Uno 45 com 900 cc, três portas e quatro velocidades; Uno 55 com 1100 cc, cinco portas e quatro velocidades; Uno ES 900 cc, com três portas e cinco velocidades; Uno 55 S 1100 cc, com cinco portas e cinco velocidades; Uno 55 S 1100 cc, com três portas e cinco velocidades; Uno 45 S 900 cc, três portas e quatro velocidades e finalmente, no topo, o Uno S 1300 cc, com três portas e cinco velocidades.

É uma grande diversificação de opções e de motorizações mas, por agora, em Portugal, existe apenas Uno 45 e é portanto sobre esta versão que nos vamos deter.

É um carro com um motor de 900 cc e 45 HP de potência, tracção anterior, suspensão independente às quatro rodas, dispondo a posterior de barras de torção.

As suas dimensões são as mesmas das outras versões: 3,644 m de comprimento, 1,548 m de largura, 1,43 de altura e 2,362 de distância entre eixos. O peso total é de 700 kg. A velocidade máxima é de 140 km/h e o consumo de 5,0 litros à velocidade estabilizada de 90 km/h.

As dimensões interiores são verdadeiramente notáveis para um carro desta categoria: 1,343 m à frente e 1,338 m atrás. Por outro lado a distância dos pedais ao banco traseiro é de 1,700, bastante superior à média na categoria.

O revestimento interior é de tecido e o «tablier» tem um desenho que bate facilmente muitos outros carros de categoria bem superior. É um enorme salto qualitativo relativamente a um detalhe que ao longo dos anos nem sempre terá merecido uma atenção cuidada nos modelos mais baixos da gama Fiat.

Mas se quanto ao seu aspecto, conforto e comodidade, o UNO se comporta de uma forma superior, não é menor a surpresa ao conduzi-lo. É um pequeno carro nervoso, ágil, seguro, a que o condutor médio se adapta com facilidade.

O seu comportamento em estrada é surpreendente em todos os aspectos. E se considerarmos que o UNO 45 é a versão mais modesta fica-se com um grande apetite em relação às versões superiores.

A forma dos bancos, o seu envolvimento, as possibilidades de regulação e o espaço até aos pedais, permitem uma excelente posição de condução. Começa logo aqui a adesão ao UNO.

Depois é o motor que responde de forma brilhante para os seus 900 cc, a direcção precisa, um sistema de travagem eficaz.

A suspensão traseira, constituída por braços tubulares longitudinais ligados por uma barra de torção, molas helicoidais apoiadas sob o pavimento e amortecedores telescópicos a gás de duplo efeito, permite ao UNO um comportamento que não tem qualquer semelhança com os modelos anteriores. Tanto em curvas largas como em ganchos apertados aquela traseira não causa a menor apreensão ao condutor, mesmo quando o piso é francamente mau.

A comodidade é por vezes um pouco sacrificada em benefício da segurança, mas sem que isso atinja níveis críticos. A verdade também é que esta coisa de suspensões para estradas portuguesas tem muito que se lhe diga. Não há de facto suspensões previstas para as nossas estradas. Há as que se adaptam melhor ou pior. O UNO parece também neste aspecto um bom compromisso.

A direcção é muito precisa. É de cremalheira e tem uma relação de 34 mm por volta. O volante vai às duas posições extremas com quantro voltas.

A caixa de velocidades conserva a tradicional qualidade e precisão a que a marca nos habituou.

De todo este conjunto de factores resulta uma condução extremamente fácil e agradável que pode ir até uma condução desportiva exigente.

A questão dos consumos é por vezes muito controversa e nem sempre os valores indicados pelos construtores correspondem com o rigor exigível à realidade. Em Portugal esse fenómeno torna-se ainda mais notado por diversas razões, que vão desde o próprio condutor, aos pisos das estradas, à desordem da circulação, etc. O UNO é todavia dos carros que estão dentro da verdade quanto a consumos: 5,0 a 90 km/h, 6,6 a 120 km/h e 7,1 em percurso urbano. Estes valores foram por nós comprovados e em certos percursos até melhorados.



AC 740
O som da estrada

O novo auto-rádio e leitor de cassetes da Philips

MSS

Instale no seu automóvel uma verdadeira aparelhagem de som — o AC 740 PHILIPS

- Sintonizador Síntese PLL Quartz
- Memória electrónica de 12 estações (4 em cada gama de onda)
- Busca automática e sintonia por varrimento
- Teclas para sintonia manual nos dois sentidos (up/down) - lenta e rápida
- Quadrante de cristal líquido, transreflectivo (LCD)
- Leitor de cassetes estereofónico com bobinagem e rebobinagem
- Sistema "db" de Redução de Ruído
- Auto-Play
- Amplificador de alta potência

e linhas modernas de grande beleza a envolver mais uma maravilha da técnica Philips.

■ Gama 12 Modelos

Philips - criamos o melhor para si

**Há sempre um
concessionário
ou agente
Renault
perto de si**

Oficina de reparações de Automóveis
OLIVEIRAUTO
De JOSÉ DE OLIVEIRA
Rua Paulo Duque, 26-A e 26-B DAFUNDO
Telefone 211 46 42

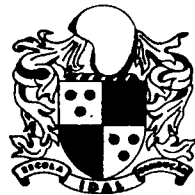
- Venda de Automóveis
- Assistência Oficial
- Venda de Peças

A técnica RENAULT e os técnicos da
OLIVEIRAUTO
GARANTEM ASSISTÊNCIA PERFEITA
AO SEU AUTOMÓVEL

RENAULT
GARANTIA DE FUTURO



50 m DA ESTAÇÃO ALAMEDA DO METROPOLITANO



CARTA DE CONDUÇÃO

LIGEIRAS E PESADAS
ENSINO RÁPIDO

Escola I. D. A. L.

Alameda D. Afonso Henriques, 64-r/c. Esq.
Rua Carlos Mardel, 93 - Lisboa - Tel. 88 55 88



Viaturas Usadas

Renault 4 GTL, serviço	1982
Renault 5 TL 3 portas, impecável	1982
Renault 5 TS 1300 cc, extras	1977
Renault 9 GTC serviço	1982/83
Renault 12 C, carrinha	1981
Renault 18 GTS extras, impecável	1980/81
Renault 18 GTS, serviço, extras	1982
Renault 18 Turbo, impecável, extras	1981
Saab 900 GLS, muito bom, extras	1981
Datsun 120 Y	1974
Citroën Visa Club II	1981
Mini 1000, impecável	1980
Jaguar XJ6, rigorosamente origem	1972

SÁBADOS ABERTO - DIAS 10 e 17
das 10 às 18 h

Aceitam-se trocas • Facilidades, juro mais barato
Garantia, todos revistos • 35% entrada
e facilidades até 24 meses.

A GARANTIA DE COMPRAR BEM
OS CARROS QUE MERECEM CONFIANÇA

SACAVENAUTO

ESTRADA NACIONAL, 10 - SACAVÉM - TEL 2525040

RENAULT

**chegou o
NÚMERO EM CHEIO!**



205 - o novo Peugeot 205 em
várias versões. Um número em
cheio. De economia: 4,3 l aos
100 km. De raça: 170 km/h
crôno, de 0 a 100 km/h 11"6.

De conforto: 5 portas,
5 lugares. Peugeot 205.
Um número em cheio de um
sem número de vantagens!

PEUGEOT 205

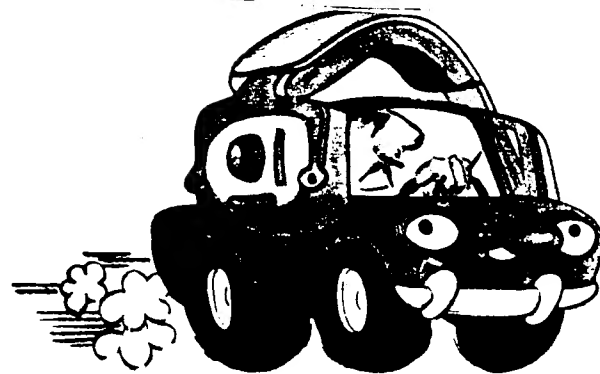
IMPORTADO E DISTRIBUÍDO POR MOCAR, SARL
AGENTES EM TODO O PAÍS

Em exposição em Lisboa de 25/11 a 2/12
Dias úteis das 9 às 22 H. Sábados das 10 às 18 H.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 19-A • Av. Duque d'Ávila, 66-B

**Auto Rádio e
Anti Roubo**



PHILIPS



EXPOSIÇÃO, VENDA E MONTAGEM

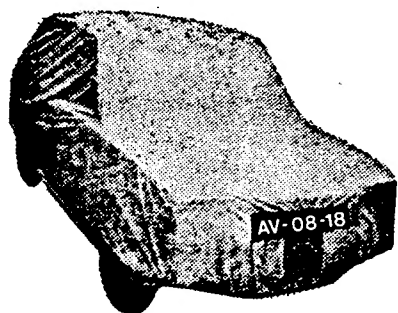
CETRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, SARL

Concessionário PHILIPS para
instalação de AUTO RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B — Olivais Sul Tel. 331022 1800 LISBOA

SR. AUTOMOBILISTA



Proteja o seu carro do vento e da chuva, da geada e do pó, do sol e de todas as intempéries, resguardando-o com uma
cobertura GÓNIA. As únicas coberturas totalmente cosidas e vulcanizadas nas costuras! Fabricamos por medida,
gravamos matrículas e damos assistência às coberturas do nosso fabrico.

PEÇA AMOSTRAS E PREÇOS • ENVIAMOS PARA TODO O PAÍS • ESCRVA HOJE PARA

JOAQUIM EZEQUIEL — Rua Filipe de Magalhães, 12-14 — BAIRRO NOVO • T. 208 06 13 Rede de Lisboa
Vila Nogueira de Azeitão — AZEITÃO • 2900 SETÚBAL

SERRA DA ESTRELA- à espera de futuro

COM cerca de 70 mil hectares, distribuídos por vários concelhos, o Parque Natural da Serra da Estrela é uma das zonas do país com maiores potencialidades turísticas, tanto para o turismo de Inverno como para o turismo de Verão. Uma letargia de muitas décadas, um abandono quase total por parte dos poderes públicos, têm feito com que a serra da Estrela continue afastada dos hábitos turísticos da maioria dos portugueses, embora nos últimos anos se tenha verificado uma certa evolução e esta zona comece a figurar cada vez mais nos itinerários dos operadores turísticos nacionais.

Trata-se, todavia, por enquanto, de esforços isolados, sem o apoio das estruturas oficiais, sem um enquadramento de um plano turístico organizado que, por sua vez, depende do planeamento de infra-estruturas indispensáveis, muitas delas fora do âmbito do sector.

Uma Comissão Regional de Turismo, en-

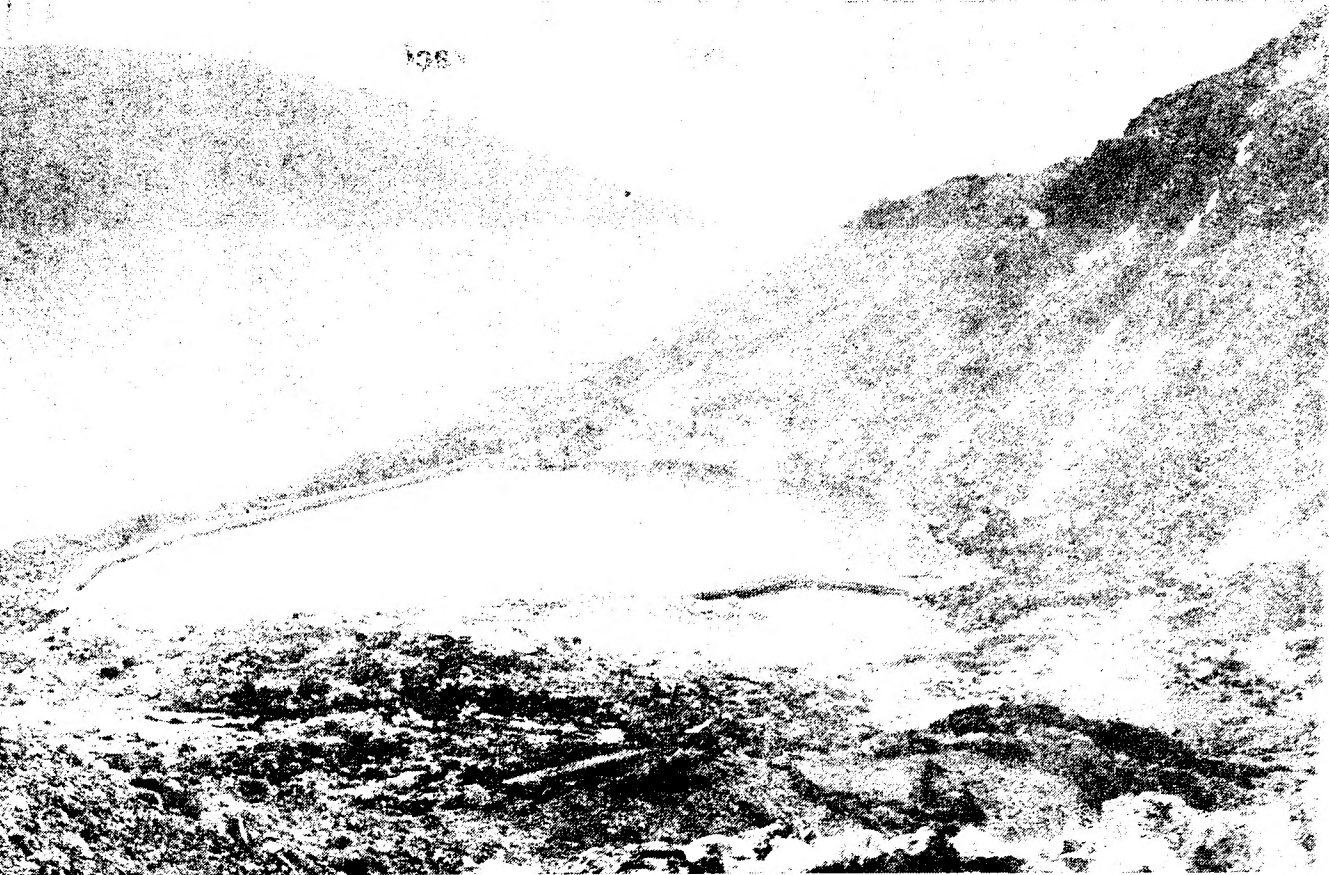
globando os vários concelhos da região tem procurado estimular a actividade através de algumas iniciativas importantes, mas a sua falta de meios limita uma acção verdadeiramente dinamizadora e promocional.

Oito concelhos — Belmonte, Covilhã, Fundão, Manteigas, Gouveia, Oliveira do Hospital, Penamacor e Seia, integram a Comissão Regional de Turismo, criada em 1958, que possui delegações em Belmonte, Covilhã, Fundão, Gouveia, Manteigas e Seia.

Apesar da irregularidade da queda de neve, os desportos de Inverno podem ser praticados no maciço central da serra, desde que sejam criadas as estruturas indispensáveis. Entre Janeiro e Maio há francas possibilidades de desenvolver estes desportos. Trata-se, aliás, da única zona possível em Portugal, o que justificaria uma certa atenção para o problema pois, embora não sejam desportos que tenham propriamente uma tradição entre nós, o número de entusiastas tem aumentado nos últimos anos.

As potencialidades turísticas da região não se limitam porém aos desportos de Inverno e à neve. O campismo de altitude, a pesca desportiva da truta nos rios e albufeiras, o montanhismo, encontram aqui as melhores condições de desenvolvimento.

Nos últimos anos é possível encontrar já cada vez mais jovens na serra da Estrela e essa



preferência é um bom indicativo do futuro que poderia ser encontrado para aquela região. São em geral os jovens, os campistas, os montanhistas, quem, em regra primeiro descobre as grandes zonas turísticas naturais.

Uma rede de estradas bastante aceitável liga hoje os principais pontos de interesse tu-

ristico, mas o acesso desde os grandes centros urbanos ainda se faz com alguma lentidão. As novas vias-rápidas abertas nos últimos tempos vão tornar a serra da Estrela cada vez mais acessível, podendo constituir o incentivo para que finalmente se olhe para aquela região, pois o turismo não é só o Algarve.

A falta de capacidade hoteleira é um dos grandes problemas, apesar de existir actualmente um número aceitável de unidades de bom nível. Na estação alta, especialmente nos fins-de-semana com ponte, a serra da Estrela fica superlotada, mas nos outros períodos do ano e durante os dias de semana os índices de ocupação

são baixos.

Esta situação não incentiva ao investimento na hotelaria o que pressupõe a necessidade de um esforço conjugado de promoção e investimento, ou seja, de um crescimento organizado.

Por agora, a serra da Estrela continua à espera do seu futuro.

o sol de inverno do nosso contentamento

Do inverno na Serra da Estrela o sol, a neve, o ar cristalino

Do inverno na Serra da Estrela o prazer dos seus desportos e o calor do conforto no Hotel Serra da Estrela e na Varanda dos Carqueijais

Do inverno na Serra da Estrela a imagem e a recordação e o querer voltar sempre nos fins de semana prolongados no Natal, no Ano Novo para viver no sol de inverno os prazeres raros da neve paisagem branca da montanha

**hotel serra da estreia
estalagem
varanda dos carqueijais**

RESERVAS: **TORRALTA**

Av. Duque de Loulé, 24 - 1098 Lisboa CODEX
Telex: 16465 Telef. 55 44 79-55 56 81-55 60 31

Em qualquer Hotel da Torralta
Em todas as delegações Torralta
No seu Agente de Viagens

AGIR

a nossa forma de pensar



Um projecto já realidade

Agimos, aumentando e melhorando cada vez mais a rede RENAULT no País.

A primeira marca e a primeira rede de assistência e vendas em Portugal.

Em 1982, contamos já com 80 Concessionários e 110 Agentes.

Em 1982 já trabalham ao vosso serviço 2 240 pessoas,
sendo 1 400 operários especializados, 640 empregados administrativos,
200 vendedores.

AGINDO, A RENAULT ESTÁ CADA VEZ MAIS PERTO DE SI.

RENAULT PORTUGUESA

GARANTIA DE FUTURO

